



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS COMPARADOS DA AMAZÔNIA E DO CARIBE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA
AMAZÔNIA

MARIA DO SOCORRO ALVES CARDOSO DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E SUSTENTABILIDADE: A IDEOLOGIA MISSIOECOLÓGICA DA
IGREJA BATISTA VERDE EM RORAIMA NO PERÍODO DE 2010 A 2014**

Boa Vista, RR
2016

MARIA DO SOCORRO ALVES CARDOSO DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E SUSTENTABILIDADE: A IDEOLOGIA MISSIOECOLÓGICA DA
IGREJA BATISTA VERDE EM RORAIMA NO PERÍODO DE 2010 A 2014**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia do Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe da Universidade Federal de Roraima, na Área de Meio Ambiente, Políticas Públicas e Desenvolvimento, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Edson da Silveira Damas

Boa Vista, RR

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima)

O48r

Oliveira, Maria do Socorro Alves Cardoso de.

Religião e sustentabilidade: a ideologia Missioecológica da Igreja Batista Verde em Roraima no período de 2010 a 2014 / Maria do Socorro Alves Cardoso de Oliveira. – Boa Vista, 2016.

106 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Edson da Silveira Damas.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da
Amazônia.

1 - Religião. 2 – Missioecologia. 3 – Sustentabilidade. 4 – Igreja Verde -
Boa Vista - Roraima – Brasil. I - Título. II - Damas, Edson da Silveira
(orientador).

CDU – 2:338.1

MARIA DO SOCORRO ALVES CARDOSO DE OLIVEIRA

**RELIGIÃO E SUSTENTABILIDADE: A IDEOLOGIA MISSIOECOLÓGICA DA
IGREJA BATISTA VERDE EM RORAIMA NO PERÍODO DE 2010 A 2014**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia do Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe da Universidade Federal de Roraima, na Área de Meio Ambiente, Políticas Públicas e Desenvolvimento. Defendida em 27 de junho de 2016 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Edson Damas da Silveira
Orientador / NECAR - UFRR

Prof. Dr. Serguei Aily Franco Camargo
NECAR - UFRR

Prof. Dr. Pedro de Jesus Cerino
Centro Universitário Estácio da Amazônia

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa só foi possível graças à colaboração direta de pessoas gentis e colaboradoras às quais manifesto minha gratidão e, de forma particular a todos os educadores do Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe da Universidade Federal de Roraima em Boa Vista Roraima, que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho com as aulas ministradas durante o período presencial deste curso. Agradeço as opiniões de suma importância da Professora Ana Lia Farias; aos amigos e parceiros de estudos, que sempre estiveram presentes nos momentos de dúvidas para dissipar as nuvens obscuras da incerteza, dando total apoio uns aos outros.

Agradeço também as Instituições: Igreja Batista Verde – Coordenação Boa Vista/RR (IBV), Igreja Lethem Baptist Church localizada na cidade de Lethem (República Cooperativa da Guiana), Iglesia Bautista Casa de Dios (República Bolivariana da Venezuela), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Centro Universitário Estácio da Amazônia e Universidade Estadual de Roraima (UERR), por meio do professor Carlos Borges, que fomentaram essa pesquisa; ao Diretor Regional da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Joaquim Vicente de Paula; aos funcionários do Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe da Universidade Federal de Roraima (NECAR), especialmente o Diego, sempre disposto a auxiliar nos entraves burocráticos da dissertação; Não posso deixar de agradecer os professores: Dr. Nelvio Paulo Dutra Santos, do Centro de Ciências Sociais e Humanos (CCSH) da UFRR, Dr. Celso Morato de Carvalho (INPA/NECAR), pela colaboração; e particularmente ao Professor Dr. Serguei Aily Franco Camargo, pelo apoio e incentivo à pesquisa e ao meu honorável Professor Dr. Edson Damas da Silveira, competente, e respeitável orientador.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi focalizar o envolvimento da religião com as questões ambientais o desenvolvimento cultural, econômico, social e humano como também as posições éticas e religiosas, propostos por entidades filosóficas. O interesse pelo tema foi despertado a partir da ideologia Missioecológica adotado pela Igreja Batista Verde em Boa Vista/RR. Para tanto, foram realizadas visitas, observações e entrevistas na igreja objeto desta pesquisa, estendendo-se para as cidades de Santa Elena de Uiarém (República Bolivariana da Venezuela) e cidade de Lethem (República Cooperativa da Guiana). Num primeiro momento, foram analisadas as correntes teóricas ligadas ao tema, destacando os fatores preponderantes do movimento religioso com ênfase na Missioecologia e no Ecodesenvolvimento. Em seguida foi realizado um levantamento sobre religião e sociedade: uma discussão teórica, o papel da igreja no processo de formação do Estado, a historicidade da religião e sua atuação em diversas sociedades, ressaltando o papel principal da crença em povos antigos e contemporâneos. Pois mais do que as medidas pragmáticas adotadas, fez-se interessante estudar os conteúdos doutrinários e as posições religiosas que vêm sendo difundidas aos adeptos e simpatizantes do movimento verde, bem como os propostos pelas igrejas de ideologia Missioecológica. Também foi avaliado a questão da religião e o discurso: uma consciência ambientalista, o papel da crença na busca de soluções para os problemas do meio ambiente e a nova ordem ecológica, no qual a religiosidade adentra espaço físico e cultural totalmente diferente. Avaliou-se ainda e principalmente a ideologia da Igreja Batista Verde em Boa Vista/RR e nas cidades fronteiriças de Lethem e Santa Elena de Uiaem. Observou-se que a religião se faz em trajetórias variadas, expondo o adepto e a própria sociedade a novas sistemáticas. O papel do membro ou adepto é destacado pela sua capacidade de reproduzir seu espaço, tanto social como cultural, impondo novas formas de pensar e agir. Dessa forma averiguou-se o efeito que a religião exerce sobre o indivíduo, e qual a influência da ideologia verde por meio da Missioecologia na de vida das pessoas que a adotam.

Palavras-chave: Religião. Missioecologia. Sustentabilidade. Igreja Verde.

ABSTRACT

The objective of this work was to focus on the involvement of religion with environmental issues the cultural, economic, social and human as well as ethical and religious positions, proposed by philosophical entities. Interest in the subject was awakened from Missioecológica ideology adopted by the Green Baptist Church in Boa Vista / RR. Therefore, there were visits, observations and interviews in the church object of this research, extending to the towns of Santa Elena de Uiarém (Bolivarian Republic of Venezuela) and the town of Lethem (Cooperative Republic of Guyana). At first, we analyzed the theoretical currents related to the theme, highlighting the important factors of the religious movement with emphasis on Missioecologia and eco development. Then we conducted a survey on religion and society: a theoretical discussion, role of the church in the state formation process, historicity of religion and its role in different societies, highlighting the leading role of belief in ancient and contemporary people. For more than pragmatic measures adopted, it became interesting to study the doctrinal content and religious positions that have been disseminated to fans and supporters of the green movement, as well as those proposed by the churches of Missioecológica ideology. It also assessed the question of religion and speech, environmental awareness, the role of belief in finding solutions to environmental problems and the new ecological order in which religiosity enters physical and cultural space entirely. It was also evaluated and especially the ideology of Green Baptist Church in Boa Vista / RR and the border towns of Lethem and Santa Elena de Uiaem. It was observed that religion is done in different trajectories, exposing the fan and society itself to new systems. The role of the member or supporter is highlighted by its ability to reproduce your space, both social and cultural, imposing new ways of thinking and acting. Thus investigated the effect that religion has on the individual, and the influence of green ideology through Missioecologia in the lives of those who adopt it.

Keywords: Religion. Missioecologia. Sustentab. Green Church.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 -	Variação 2000-2010 das religiões evangélicas.....	44
Mapa 2 -	Concentração da religiosidade por regiões.....	45
Quadro 1 -	As religiões do Brasil em 2010.....	46
Quadro 2 -	Pessoas de 15 anos ou mais de idade, por religião, segundo o sexo e os grupos de anos de estudo – Brasil.....	47
Mapa 3 -	Demonstração das tradições indígenas por localidade no Brasil.....	48
Quadro 3 -	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas, por religião, segundo o sexo e a posição na ocupação no trabalho principal – Brasil.....	74
Figura 1 -	Frente da igreja Bautista Casa de Dios na Venezuela.....	78
Figura 2 -	Frente da igreja Bautista Casa de Dios na Venezuela.....	79
Figura 3 -	Igreja Lethem Baptiste Church.....	81
Figura 4 -	Complexo da Lethem Baptiste Church.....	81
Figura 5 -	Lateral da Lethem Baptiste Church.....	82
Figura 6 -	Placa de sinalização da Lethem Baptiste Church.....	83
Figura 7 -	Córrego (igarapé) ao lado da Lethem Baptiste Church.....	84
Figura 8 -	Instalações internas do templo Lethem Baptiste Church.....	85
Figura 9 -	Logomarca da Igreja Batista Verde em Boa Vista/RR.....	87
Figura 10 -	Frente da Igreja Batista Verde de Boa Vista.....	90
Figura 11 -	Panfleto IBV.....	91
Figura 12 -	Placa indicativa do balneário da IBV.....	92
Figura 13 -	Placa do balneário da IBV.....	92

LISTA DE SIGLAS

API	Academia de Polícia Integrada
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CBB	Convenção Batista Brasileira
CBRR	Convenção Batista de Roraima
CCSH	Centro de Ciências Sociais e Humanas
D.C	Depois de Cristo
GD	Escola Estadual Gonçalves Dias
IBBN	Igreja Batista Boas Novas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOL	Igreja Batista Orla Leste
IBV	Igreja Batista Verde
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
JMM	Junta de Missões Mundiais
JMN	Junta de Missões Nacionais
MJMM	Missões da Junta de Missões Mundiais
NECAR	Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe da Universidade Federal de Roraima
UERR	Universidade Estadual de Roraima
UFRR	Universidade Federal de Roraima

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	RELIGIÃO E SOCIEDADE: UMA DISCURSÃO TEÓRICA	16
2.1	PAPEL DA IGREJA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ESTADO....	22
2.1.1	Estado como Elemento ou Agente Transformador da Sociedade	27
2.2	HISTORICIDADE DA RELIGIÃO	29
2.2.1	Historicidade da Religião no Brasil.....	39
2.2.2	Historicidade da Religião na Amazônia.....	47
3	RELIGIÃO E O DISCURSO: UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTALISTA.....	53
3.1	ARTICULAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E MEIO AMBIENTE.....	56
3.2	NOVA ORDEM ECOLÓGICA: ECODESENVOLVIMENTO X SUSTENTABILIDADE.....	59
3.2.1	Missioecologia: Discurso da Igreja Batista Verde.....	62
4	IDEOLOGIA DA IGREJA BATISTA VERDE.....	69
4.1	HISTÓRIA DA IGREJA BATISTA VERDE NO BRASIL.....	74
4.2	HISTÓRIA DA IGREJA BATISTA VERDE NA AMAZÔNIA.....	77
4.3	IGREJA BATISTA VERDE NA TRÍPLICE FRONTEIRA.....	77
4.3.1	Igreja Batista Verde na Venezuela.....	78
4.3.2	Igreja Batista Verde na Guiana.....	80
4.3.3	Igreja Batista Verde em Roraima.....	86
4.3.3.1	Igreja Batista Verde em Boa Vista: uma contribuição para a sociedade.....	87
5	CONCLUSÕES.....	94
	REFERÊNCIAS.....	101
	APÊNDICE(S).....	105

1 INTRODUÇÃO

Pensadas e desenvolvidas pelas e para as pessoas, há na base de cada instituição, ideologias, metas e conceitos envolvendo razões de ser e as funções que deverá exercer em busca de um determinado objetivo.

A presente dissertação buscou entender a ideologia da igreja Batista Verde em Boa Vista, Roraima, no período de 2010 a 2014, tendo como parâmetro a Missioecologia¹, englobando elementos de pesquisas textuais, conceitos e expectativas sociais geradas a partir do universo de participantes da ideologia verde, como ainda projetos e práticas realizadas nas instituições que preconizam o mesmo modelo partindo de entrevista com pessoas e representantes legais, da observação participativa “*in loco*”.

Ponderar a construção de instituições religiosas, com uma ideologia pronta, implica verificar para quem tais estabelecimentos são propostos e o papel que devem exercer dentro e fora do contexto pensado.

Partindo do pressuposto de que a instituição indica o processo de transformação e o processo de transformação indica a instituição, uma vez que ela demarca quem são os que a compõem e o contorno delineado pela forma de agir e interagir dentro dos ideais apresentados, buscou-se por meio da observação, participação, e de entrevista institucional sobre a criação da instituição religiosa, o contexto que possibilitou o instalação da igreja, quais os principais debates em torno dos primeiros encontros, qual a função alegada para a constituição da mesma e para quem está voltada. Essas foram questões centrais que guiaram a pesquisa que originou a presente dissertação.

Optou-se, para tanto, por identificar as instâncias e os personagens que decidiram atentar para as questões ecológicas e como articularam discurso religioso para adotar a Missioecologia como tema central na questão do cuidado da natureza.

Privilegiou-se, inicialmente, uma contextualização histórica da religião no século XXI, e de como chegou ao Brasil. Em seguida, escolheu-se identificar o surgimento da ideologia verde no cenário mundial, nacional, regional e local por meio de um breve histórico, para então delimitar o modelo de desenvolvimento social e humano de modo a verificar se a influência religiosa por meio da Missioecologia se pautavam nas questões ambientais.

¹ Missioecologia: conceito pregado por meio da ideologia religiosa com vistas a proclamação de uma sociedade ecodesenvolvida tendo como missão a pregação do evangelho para uma sustentabilidade, e a promoção do Ecodesenvolvimento humano.

Por fim, explicou-se como nesse momento específico de 2010 a 2014, a Igreja Batista Verde foi estruturada de modo a disseminar a ideologia do Ecodesenvolvimento² por meio da Missioecologia. Como deveria ser trabalhada, qual deveria ser sua função e a quem caberia a tarefa de executá-la.

No projeto original desta pesquisa propôs-se delimitar o tema de forma a analisar o discurso ideológico da religião por meio da Missioecologia através do estudo de caso da Igreja Batista Verde em Boa Vista no período de 2010 a 2014, e qual a contribuição da religiosidade na formação sócio cultural e econômica na cidade de Boa Vista por meio do Ecodesenvolvimento, tendo como premissa a Missioecologia como fator ideológico para o desenvolvimento humano aplicado pela Igreja Batista Verde.

Supôs-se que tal delimitação não fosse um impedimento para a visualização de um panorama mais amplo, uma vez que a ideologia religiosa se baseou em pressupostos semelhantes em diferentes locais, quer a nível mundial, nacional ou local.

No entanto, durante a pesquisa, verificou-se que o processo de criação da instituição religiosa com premissa verde, deu-se originalmente no Estado do Rio Grande do Sul e, por conseguinte no Estado de Roraima.

Além disso, em Boa Vista, Roraima, a Igreja Batista Verde foi criada adotando a prática da ideologia verde, praticada inicialmente na Escola Estadual Gonçalves Dias.

Em seguida estende-se a ideologia verde por meio da Missioecologia para cidade de Lethem (República Cooperativa da Guiana) e também para a cidade de Santa Elena do Uiarém (República Bolivariana da Venezuela).

Assim, optou-se por uma análise do estabelecimento das igrejas de ideologia verde na tríplice fronteira e não somente em Boa Vista, Roraima.

Como delimitação temporal, optou-se, além de um breve relato histórico da religião no século XXI, por trabalhar o ano de 2010 a 2014, período de implantação da Igreja Batista Verde.

Esse recorte de tempo se dá por meio uma releitura do que seria a observação participante aplicada a fontes documentais, privilegiando um estudo no qual se registrou os momentos vividos, sem, no entanto, dispensar o envolvimento dos atores envolvidos com o objeto desta pesquisa.

Giumbelli (2002), ao questionar a indisponibilidade do trabalho de campo para uma estruturação fática, ressalta que o objetivo fundamental da pesquisa deve ser buscado a partir

² Ecodesenvolvimento: cultura do desenvolvimento social, cultural e econômico com base na sustentabilidade.

de uma variedade de fontes, cuja pertinência deverá ser avaliada pelo acesso que propiciam mecanismos sociais e pontos de vista em suas manifestações concretas.

O autor defende a tese de que a análise documental pode vir a ser mais importante que o trabalho de campo à medida que, com determinadas situações, documentos dizem mais ao pesquisador que a experiência *in loco*. Assim, justifica o autor: “a fonte textual não ganha privilégio por oposição ao trabalho de campo, mas pela razão de estarem nela inscritas as informações metodologicamente relevantes e socialmente significativas” (GIUMBELLI, 2002, p. 102).

Nesse sentido, parte-se do pressuposto que para as Ciências Sociais, um documento não possui status de verdade, mas é passível de interpretação e de avaliação, dado que é uma produção humana, datada e inserida em um determinado contexto social, que certamente reflete os fatos oficialmente registrados.

Certamente que ao observar relatos e práticas, percebe-se a complexidade dos vários aspectos imprevistos e os desafios que cercam o trabalho do pesquisador. O que na prática se apresenta como tarefa difícil, pois as “interpretações culturais” realizadas pelo pesquisador constituem ao final um relato escrito que deve ser reconhecido e legitimado pela academia (GEERTZ 1978, p. 15).

Verifica-se que, de acordo com Geertz (1978), o caráter interpretativo na definição da metodologia, é transcorrido por subjetividades, e traz à tona uma discussão sobre a separação da experiência e explanação com o momento da escrita de fato, que geralmente ocorre após a pesquisa de campo, por outro lado, evoca o caráter político dos indivíduos, uma vez que estes são dotados de consciência, subjetividade e significados. É constante ainda a voz do pesquisador como único na interpretação de uma cultura e por vezes da presença de um interlocutor abstrato e generalizado.

No caso da pesquisa em curso alguns atores tais como os responsáveis pela criação e disseminação de uma ideologia verde, como também os membros e simpatizantes da causa são de grande relevância para a composição e recomposição do cenário analisado. Não só os fatos apontados pelo contexto religioso, mas também a experiência do surgimento, implantação e implementação da ideologia verde norteando a religiosidade, principalmente pela adoção da Missioecologia.

Investigar esses atores foi fundamental para compreender partes significativa do processo ideológico religioso na tríplice fronteira, Brasil, Venezuela e Guiana, afinal as instituições são formadas por pessoas que pensam, decidem, comandam e vivenciam as práticas ideológicas.

Para tratar do tema proposto, optou-se em princípio pela análise documental, obras de autores que, em alguma medida trataram do tema, discursos proferidos por personagens envolvidos na elaboração da instituição em questão, relatos dos dirigentes das Igrejas que trabalham o lema Ecodesenvolvimento por meio da Missioecologia, alguns membros, a observação participativa e a realização de entrevistas.

A busca pelo material para servir de base bibliográfica foi realizada em bibliotecas, arquivos e internet. Merece destaque a Biblioteca da Universidade Federal de Roraima, Biblioteca do Centro Universitário Estácio da Amazônia, Bibliotecas virtuais, como também na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD.

Num primeiro momento fez-se uma triagem por tema, escolhendo aqueles mais pertinentes ao assunto pesquisado. Então foram reunidos todos os materiais e realizada uma análise de seus sumários, de modo a selecionar artigos, debates, análises doutrinárias, relatos, apreciação acerca do conteúdo que tratavam do tema. História da religião e como foi adotada em várias sociedades ao longo da história.

Privilegiou-se leituras como a de Max Weber (2006), “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Gilles Lipovetsky (2007) “A sociedade da decepção”, Peter Berger (2000) “A Dessecularização do mundo: uma visão global”, Marcelo Gleiser (1997) “A dança do universo: dos mitos de Criação ao Big Bang” e por fim, “Religião e desenvolvimento: uma análise da influência do catolicismo e protestantismo no desenvolvimento econômico da Europa e América” de Nilson Levi Zalewski Souza (2007).

Foram analisados também artigos esparsos publicados em periódicos e revistas eletrônicas,

A partir de então teve início a pesquisa, com base na observação participativa que serviu inicialmente para a formação da base de dados pesquisados. A observação comparte foi reconhecida como técnica de investigação no âmbito acadêmico-científico no princípio do século XX.

Esse método de classificação de informações, pressupõe convívio e compartilhamento de um intercâmbio de experiências com o outro, por meio dos sentidos humanos: olhar, falar, sentir e vivenciar, o dia a dia do objeto de pesquisa entre o pesquisador e pesquisado, onde os sujeitos observados são construídos e reconstruídos a cada momento, como se deu durante a observação e participação nas reuniões (cultos) realizados pelas Instituições religiosas.

Como pesquisadora procurei identificar a dinâmica das relações estabelecidas entre os membros das Igrejas objeto desta pesquisa, o formato ideológico preconizado por meio da

Missioecologia, e de que forma alcançariam o público alvo com o Ecodesenvolvimento e, assim, verificar se a religião pode ou não contribuir para o desenvolvimento humano e ecológico.

Por esta razão, o acompanhamento das reuniões de forma presencial com visitas frequentes a Igreja Batista Verde em Boa Vista Roraima, foi possível questionar que tipo de possíveis aproximações e afastamentos poderia estar em jogo nesta relação: religião e natureza (Missioecologia X Ecodesenvolvimento) e que possíveis influências ideológicas estariam em ação no sentido de contribuir socialmente na comunidade local.

A observação possibilitou responder às questões previamente formuladas sobre este tensionamento histórico e que já vinha sendo corroborado pelo acompanhamento das reuniões (cultos) e também das questões mais finas que surgiram ao longo do processo do trabalho de campo sobre a relação interinstitucional e a extensão do conceito Missioecológico para as fronteiras da Guiana e da Venezuela. Logo, o acompanhamento de tais questionamentos só fora respondido pela visita “in loco” nas Instituições fronteiriças, sendo elas a igreja Lethem Baptiste Church localizada na cidade de Lethem (República Cooperativa da Guiana) e a Iglesia Casa de Dios, localizada na cidade de Santa Elena de Uiarém (República Bolivariana da Venezuela) no ano de 2015 e 2016.

Assim, a vívida experiência de acompanhamento e observação “in loco” das reuniões (cultos) proporcionou à pesquisa oportunidade de experimentar e vivenciar o conceito Missioecológico.

É importante destacar que o contato efetuado entre pesquisadora e instituição, sempre atendeu ao preceito ético de não estabelecer durante a pesquisa relações que pudessem se transformar em obstáculos ou influência nas observações realizadas no âmbito da pesquisa.

Vale ressaltar o uso de fotografias como fontes documentais visuais utilizadas nesse trabalho oriundas de diferentes acervos, inclusive da própria instituição, ou copiadas dos periódicos analisados.

As fotografias que, em sua linguagem própria, são fundamentais à análise do objeto proposto, permitiram observar elementos imperceptíveis por outros meios e foram distribuídas ao longo do trabalho, materializando visualmente o que o texto descreve.

Entre os aspectos que interessam à abordagem ora feita, destaca-se situações e quadros do cotidiano que são parte da realidade pesquisada.

Evidencia-se neste trabalho que as entrevistas já mencionadas e realizadas no ano de 2015 e 2016, foram fundamentais para o entendimento e compreensão dessa pesquisa, sem as

quais não seria possível a compreensão do conceito de Missioecologia e Ecodesenvolvimento, tanto na área social como na área econômica e cultural.

Nesse contexto observou-se que o século XXI, apresentou-se como um cenário propício a novas formas de culto, haja vista os anseios de grande parte da população por um ideal perdido em décadas passadas, como assegura Zizek (2014) em seu livro “O ano em que sonhamos perigosamente”.

Para compreender esse momento, foi necessário fazer um apanhado histórico da religiosidade e como tem se comportado nas sociedades, passadas e presentes e como influenciaram em seu contexto histórico, cultural, social e econômico, informações essas delineadas no primeiro capítulo deste trabalho.

Optou-se por analisar a ideologia da igreja Batista Verde em Boa Vista/RR, mas para maior entendimento do assunto buscou-se trabalhar a pesquisa iniciando-se com um contexto histórico religioso que se desenvolveu na sociedade, basicamente a partir do século XX, alcançando o século XXI e se torna parte importante das discussões atuais.

No segundo capítulo, intitulado Sociedade e Religião foram abordados o pensamento de Marx Weber e o papel da igreja no processo de formação do Estado, como também as ponderações sobre o mesmo como elemento ou agente transformador da sociedade, levando-se em consideração os fatores importantes para o entendimento da pesquisa, tais como; a Historicidade da Religião no cenário mundial, brasileiro e regional e a significância da mesma para cada povo.

O terceiro capítulo trata da Religião e o Discurso, uma Articulação entre Religião e o Meio Ambiente; Nova Ordem Ecológica: Ecodesenvolvimento x Sustentabilidade; Missioecologia: Discurso da Igreja Batista Verde.

Por fim, o quarto e último capítulo trata especificamente da ideologia da Igreja Batista Verde, seus aspectos ideológicos e sua implantação do conceito de Missioecologia.

Fala-se da História da Igreja Batista Verde no Brasil, seu surgimento, primeiros adeptos, missões e a disseminação da fé por meio da ecologia.

É relevante a História da Igreja Batista Verde na Amazônia, seu precursor, suas primeiras experiências e o templo em si. Em seguida, apresenta-se a Igreja Batista Verde na Tríplice fronteira, como seguimento da ideologia Missioecológica, sua implantação, os missionários e frequentadores envolvidos na pregação do ideal de preservação do meio ambiente e desenvolvimento humano por meio da Bíblia.

Ressalta-se o nascimento da Igreja Batista Verde na Venezuela e na Guiana, suas conexões com a Igreja em Boa Vista, tendo como premissa verificar se há uma contribuição para o desenvolvimento social e humano dentro sociedade local.

2 RELIGIÃO E SOCIEDADE: UMA DISCURSÃO TEÓRICA

Ao longo dos tempos o ser humano tem procurado por algo que lhe transmita paz e segurança. Nesse contexto a religião³ desempenha uma função importante na sociedade que é satisfazer as necessidades espirituais do ser humano.

A religião apresenta-se como uma das particularidades mais acentuadas e distintivas do Ser Humano. E isto, deve-se ao fato da capacidade racional do homem em buscar, por meio de crenças, algo ou alguém em que se possa ter como superior à vontade humana. Essa busca reflete-se em um modo de vida particular e que, por certo, influencia o papel do indivíduo na história, no modo de ser, pensar e de agir em sociedade.

De acordo com Gross (2012), a influência da religião sobre o modo de vida das pessoas, e a influência dela sobre o desenvolvimento econômico dos países, foi um tema pouco discutido e analisado nas últimas décadas no Brasil. Em outros países, como os Estados Unidos, o tema é debatido há quase um século.

Para Weber (2006), as concepções religiosas eram cruciais e originárias das sociedades humanas, pois o homem, como tal, sempre esteve à procura de sentido e de significado para a sua existência; não simplesmente de ajustamento emocional, mas de segurança cognitiva ao enfrentar problemas de sofrimento e morte.

Desse ponto de vista, vale salientar o imperativo humano em crer em algo, que ultrapasse os limites da sua própria condição, tornando-se elemento primordial em sua sobrevivência, uma vez que pensa em sua existência e para além dela, gerando indagações carregada por ele, de forma que a ciência se embrenha na discussão e procura respostas possíveis e que possam ser aceitas como verdadeiras, esse é o caso do surgimento da vida, quando se busca entender quem é o homem, de onde vem e para onde vai.

Esse tema acerca da necessidade de crença suscita as múltiplas manifestações religiosas existentes no mundo, cada uma com suas especificidades, e é nesse contexto que se forma um elo de ligação entre sustentabilidade, religião e desenvolvimento, abalizado na cultura reverente de que toda e qualquer revelação religiosa deve ser respeitada.

A religião em todas as suas formas culturais e detentora de grande poder, pesquisa um relacionamento com a sociedade, do qual comenta O'Dea (1969, p. 137): “A religião se

³ Serviço ou culto a Deus, ou a uma divindade qualquer, expresso por meio de ritos, preces e observância do que se considera mandamento divino. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=religi%E3o>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

insere de forma complexa na sociedade, relaciona-se de forma também complexa com a estrutura social e com os processos de mudança social”.

Segue o mesmo autor fazendo uma análise sobre o assunto passando a associar a religião com a cultura, dando-lhe o título de protetora quando diz: “A religião é uma das formas protetoras da cultura através das quais, consciente ou inconscientemente, percebem-se, para mitigá-los, os medos e agressões. Criados nos indivíduos e nas sociedades” (O’DEA, 1969, p. 159).

De acordo com Gleiser (1997) em determinadas culturas, diversos deuses dominavam e até mesmo se personificavam em aparições naturais, enquanto em outras a própria Natureza era a divindade intitulada como Deusa-Mãe.

Nas diversas sociedades a religiosidade prevalecia por meio de rituais e oferendas, como também procuravam conquistar a simpatia divina, garantindo assim a sobrevivência do grupo.

Transversalmente essas relações com os deuses procuravam os indivíduos ordenar sua existência, dando sentido a fenômenos misteriosos e ameaçadores. Por outro lado, a relação com os deuses tinha ao mesmo tempo uma função social, impondo valores morais e éticos que eram fundamentais para a coesão do grupo.

Nesse cenário de religiosidade e rituais, a natureza também tinha sua importância. A esse respeito trata Gleiser (1997) destacando que essa relação religiosa com a Natureza se estendia para além das funções mais imediatas de bem-estar e segurança do grupo, abrangendo também necessidades de ordem mais metafísica.

Para o autor, o que é realmente fascinante é que tanto a ciência como a religião proclamam reverência e fascínio pela Natureza.

Verifica-se que a religião sempre teve grande influência entre os povos e em todas as sociedades. Cita-se o exemplo dos assírios, que baseavam sua religiosidade em rituais que celebravam o poder da Natureza, sendo a missão dos devotos a manutenção e o incremento do poder e da fertilidade da Terra. De acordo com Gleiser (1997), esses povos acreditavam que o universo havia sido criado quando os quatro elementos (água, terra, fogo e ar) e, o tempo se combinaram para dar forma ao mundo e à vida.

Para Gleiser (1997) o simbolismo empregado por uma cultura na descrição de seus mitos nunca era tão expressivo quanto nos seus mitos de criação, envolvendo sociedade e religiosidade. Um exemplo por ele citado, vem dos índios Hopi, nos Estados Unidos. Para esses povos existem duas personagens principais que os envolviam em crenças, misticismos, religiosidades e credices, dando forma a uma deidade, quais sejam: Taiowa (o Criador,

representando o Ser) e Tokpela (o espaço infinito, representando o Não-Ser), seres esses que servem de base religiosa na sociedade, como se vê:

O primeiro mundo foi Tokpela. Mas antes, se diz, existia apenas o Criador, Taiowa. Todo o resto era espaço infinito. Não existia um começo ou um fim, o tempo não existia, tampouco formas materiais ou vida. Simplesmente um vazio incomensurável, com seu princípio e fim, tempo, Criador. Então Ele, o infinito, criou Sotuknang, dizendo-lhe: “Eu o criei, o primeiro poder e instrumento em forma humana. Eu sou seu tio. Vá adiante e perfile os vários universos em ordem, para que eles possam trabalhar juntos, de acordo com meu plano”. Sotuknang seguiu as instruções de Taiowa; do espaço infinito ele conjurou o que se manifestaria como substância sólida, e começou a moldar as formas concretas do mundo (GLEISER, 1997, p. 21).

Ainda sobre os Estados Unidos atenta-se para o fato de que além das credences adotadas pelos índios Hopi, a Chegada dos ingleses para formarem o então Estado veio carregados de religiosidade.

Professando o protestantismo, iniciado por Martinho Lutero em 1517, conforme Gleiser (1997), os Estados Unidos tiveram como decorrência a transposição da doutrina protestante para o novo continente, onde cresceram e se desenvolveram sob o manto da religiosidade.

Outra sociedade que adotou a religiosidade como seus princípios basilares foi a indiana, nela a devoção está ligada a um caráter circular, a Criação é reproduzida eternamente, num ciclo de concepção e extermínio simbolizado pela dança rítmica do deus Xiva.

Na noite do Brama (a essência de todas as coisas, a realidade absoluta, infinita e incompreensível), a Natureza é inerte e não pode dançar até que Xiva assim o deseje. O deus se alça de seu estupor e, através de sua dança, envia ondas pulsando com o som do despertar, e a matéria também dança aparecendo gloriosamente à sua volta. Dançando, Ele sustenta seus infinitos fenômenos, e, quando o tempo se esgota, ainda dançando, Ele destrói todas as formas e nomes por meio do fogo e se põe de novo a descansar (GLEISER, 1997, p. 22).

Por uma necessidade de direcionamento e controle dos seguimentos estabelecidos em uma sociedade, todos os povos optaram por uma divindade, até mesmo as grandes potências buscaram suporte em uma deidade, como se vê no exemplo do império Romano.

A religiosidade romana nasceu com forte tendência ao sobrenatural, caracterizada pelo politeísmo, os romanos cultuavam seres antropomórficos (semelhante ao homem), mistura de homens e deuses, como ainda se emaranhavam em rituais, sacrifícios e oferendas.

Servindo de base para afirmação no meio social, a religiosidade era responsável por muitos questionamentos surgidos na sociedade, tais como: a fertilidade, o amor, a sabedoria, dentre outros fatores que davam sustentação a realidade daquele povo.

Oficialmente o Estado romano apregoava uma religião que empreendia culto aos grandes deuses, como por exemplo: Júpiter, pai dos deuses, Marte, deusa da guerra, Minerva deusa da arte e assim permaneceu por longo período.

Com a expansão do império romano, a religiosidade foi levada para outros povos, como também houve absorção de outros cultos praticados fora de Roma.

Gleiser (1997) fala ainda que, no século IV D.C, há um rompimento da igreja com tais práticas religiosas quando do declínio do Império Romano, período de grande conflito, tanto de forma interna, evidenciado pela decadência moral, como de forma externa pelo ataque de vândalos e godos, se fazendo necessária uma mudança de direção em uma sociedade obscura.

Continua o autor seu comentário, acrescentando que nesse contexto no ano de 324, se dá a conversão do Imperador Constantino ao cristianismo, utilizando-se da influência religiosa para tentar retomar o domínio das tribos germânicas, disseminando o cristianismo como a nova fé dos romanos e oferecendo apoio às várias comunidades cristãs espalhadas pela Europa.

A Religião para o império romano servira de direcionamento na vida em sociedade, sendo guiada por líderes como santo Agostinho, transforma-se em um símbolo de civilização e ordem social oferecendo a devoção à religião como antídoto contra os “rituais pagãos dos bárbaros” (GLEISER, 1997, p. 87).

A influência da religião se tornou tão forte que à vida repleta de selvageria, pestilência e martírios infundáveis, começou a se transformar, pois a própria igreja, sabedora do poder de sua influência sobre a população, em sua grande maioria pobres, passou a oferecer salvação eterna no Paraíso.

Assim inicia a proibição pela busca do conhecimento sobre assuntos fora da religião, sendo esta adotada como controle por meio do medo, como se vê nas palavras de Gleiser (1997, p. 88).

O barbarismo que corrompia o corpo era o mesmo que corrompia a mente; qualquer apropriação de informação através dos sentidos decerto só poderia levar à corrupção da alma. As tentações carnis, dependentes que são dos cinco sentidos, sem dúvida levavam à danação eterna. Como o estudo da Natureza necessariamente dependia do uso dos sentidos, ele também foi considerado conhecimento “pagão”, capaz de corromper a virtude cristã.

A proibição pelo conhecimento de outras formas de adoração mexia com a imaginação de muitos, mas com medo de perder a salvação abstinham-se das tentações.

Agostinho (2002), em seus ensinamentos tratava de afirmar que das tentações mais variadas e perigosas e acima do impulso carnal a maior era a tentação da mente, que, valendo-se dos cinco sentidos, gerados pela vaidade e curiosidade, realizava experiências em busca de conhecimento e sabedoria, mesmo que esse conhecimento não tivesse qualquer valor para quem os buscava, estando interessados apenas na busca do conhecimento, puro e simples.

O medo do desconhecido suscitado por meio da religiosidade romana, perdurou por longos anos em toda a Europa. Enquanto isso os Muçulmanos se espalharam por diversos lugares tais como: Norte da África e Espanha no Oeste, até a China no Leste, passando pelo Egito Pérsia e pela Ásia Central e de certa forma inseriam sua religiosidade na sociedade da qual agora faziam parte (GLEISER, 1997, p. 89).

Com hábitos, costumes e ideologias, novas formas de crenças, cultos e religiosidade os mulçumanos se espalhavam por todos os lugares.

Nesse momento de expansão, os árabes aproveitam para espalhar seus conhecimentos que há muito estava esquecido, apoiando-se mais uma vez na influência religiosa para ao lado de judeus, forjarem na península Ibérica uma nova classe cultural que, durante os cinco séculos seguintes, iria redefinir por completo o mapa intelectual da Europa, tendo como base os princípios religiosos ali disseminados (GLEISER, 1997, p. 90).

No mundo ocidental a religiosidade dominante na sociedade teve como base a cristandade, por meio da história da criação mais conhecida que é encontrada na Bíblia Sagrada, no livro do Gênesis, capítulo 1, versículo de 1 a 5, como se lê:

No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas. E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu. E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas. E chamou à luz dia, e às trevas noite. E fez-se tarde e manhã: o primeiro dia (BIBLIA, Gênesis, 1: 1 - 5).

Ao atravessar as fronteiras entre sociedade e religião, observa-se que o caminho da busca envolve tanto conhecimento como crença. Essa complementaridade é a essência que define o ser humano (GLEISER, 1997, p. 338).

O desenvolvimento gradativo de uma abordagem racional, usada por cientistas para afrontar os mistérios da Natureza, criou uma nova visão de mundo, oferecendo uma alternativa ao que antes era domínio exclusivo da religião.

Gleiser (1997, p. 39) diz:

À medida que um número maior de fenômenos naturais passou a ser compreendido cientificamente, a religião lenta e forçosamente passou a se preocupar mais com o mundo espiritual do que com o mundo natural. Essa “divisão de águas” entre ciência e religião se deu de forma bem dramática, conforme veremos adiante. Na verdade, esse drama continua a se desenrolar ainda hoje, devido à aplicação errônea tanto de ciência em debates teológicos como de religião em debates científicos.

Partindo para a influência da religião na sociedade brasileira, percebeu-se que a mesma não se deu de forma legal, haja vista não haver uma religião oficial no país, no entanto recomendava que as instituições religiosas não deveriam ter privilégios nos assuntos de Estado, mesmo que essas instituições tivessem raízes na cultura e constituição de uma população.

Atualmente uma das questões mais discutidas dentro da sociedade diz respeito à interferência de uma determinada religião na confecção e elaboração de leis e regramentos morais e legais.

É visível que após a proclamação da República Brasileira no ano de 1889, o novo governo envidou esforços para gerar a laicização do Estado. Os interesses econômicos do período já não se enquadravam mais com a situação do regime existente estabelecido desde a época da colonização do país. Para tanto, foi editado o decreto nº 119-A de 1890 no qual era proibida a interferência da autoridade em nível federal e também dos Estados federados em assuntos religiosos, dedicados a liberdade de cultos.

A respeito dessa intromissão ou não da religião na sociedade brasileira explica Prado Júnior (1990, p. 37) que “A Constituição brasileira, por exemplo, se faz preceder da invocação de Deus. Mas nenhuma de suas disposições lembra sequer remotamente algum papel eventualmente reservado à divindade na condução das atividades políticas e administrativas do país”.

Fato interessante ocorre no Estado brasileiro mostrando que há certa influência da religião na composição do Estado, como se observa no uso indiscriminado de símbolos religiosos nos prédios públicos e, símbolos arquitetônicos situados nas vias públicas.

Estabelecimentos públicos supostamente não deveriam ostentar representações simbólicas seja de qual religião fosse, sob pena de flagrante desrespeito à liberdade de crença das pessoas e da conexão dos poderes públicos a interesses particulares de determinados indivíduos ou grupos.

No entanto verifica-se a forte tendência ao culto e adoração ou prática de qualquer tipo de religiosidade dentro das instituições públicas, onde se guarda vários feriados em homenagem a uma determinada religiosidade.

Esses feriados que são constantes e impactam diretamente na atividade econômica, cultural e social, promovendo-se eventos com a possibilidade de comercialização. Assim vê-se que a relação da sociedade com a religião ainda está bastante enraizada na cultura do povo brasileiro.

Respeita-se o fato de que em no século XXI, em todas as sociedades ocidentais homenageia-se ou batiza-se logradouros públicos com nomes de santos ou de entidades religiosas, demonstrando a importância e o significado religioso impregnado na sociedade ao longo do tempo. Assim, observa-se que, por mais que se diga ser laico um determinado povo existe grande influência da religião envolvendo todo um contexto histórico e se na sociedade brasileira existe uma laicização não está visível, pois a religião está entrelaçada com a sociedade em todos os sentidos.

2.1 PAPEL DA IGREJA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ESTADO

É interessante observar que a igreja e o Estado, quase que consecutivamente ficaram ligados. Nota-se que no período precedente aos hebreus, a ligação entre a crença e o Estado versava numa adesão apertada das duas potências, o estado sendo comumente o companheiro predominante.

De acordo Matos (2011) a fé mosaica não era simplesmente a religião do estado: ela era, pelo menos até o início da monarquia, o próprio estado. A religião monoteísta de Iavé, com as suas numerosas leis e instituições, regulava todos os aspectos da vida dos israelitas, individuais e coletivos.

Acrescenta o autor que a Grécia antiga, como em outros lugares, não havia distinção entre o místico e o secular. A unidade entre Igreja e Estado que caracterizava as cidades-repúblicas gregas era aquela de um Estado dominante e uma religião subserviente. O cidadão ateniense, era livre para cultuar os seus deuses protegidos, tinha o dever de participar do culto a Zeus o Maior dos Deuses e Apolo que era Rá, de forma prescrita pela lei.

Matos (2011) continua falando de Roma imperial, momento em que o imperador era também o sumo sacerdote da religião do Estado. No ano de 64 a 313 da era cristã os cristianizados não inventaram qualquer tentativa de ordenar uma teoria das relações entre a igreja e o estado no período antes do imperador constantiniano.

Afirma ainda o autor que nos primeiros séculos, embora não tivessem o direito legal de existir, os crentes em geral seguiram a admoestação paulina de sujeição às autoridades superiores, exceto quando tal sujeição entrava em conflito com preceitos bíblicos ou a pregação do evangelho.

A relação da igreja recém-criada com o império foi em geral tensa e muitas vezes abertamente conflitiva.

Acrescenta Matos (2011), afirmando que no ano de 313 da era cristã, foi firmado uma aliança entre a igreja antiga e o estado que chegaria até o ano de 590, sendo Constantino responsável por tal aliança, quando aclamado imperador pelo exército e adquirindo autoridade sobre as regiões da Britânia, da Gália e da Espanha.

Com o Edito de Milão⁴ solenizado entre Constantino e Licínio foi apregoada a liberdade de consciência, confiando ao cristianismo integral igualdade com os outros cultos, ligando assim, instâncias políticas e religiosas. Pouco tempo depois, Constantino vence Licínio no ano de 324 da era cristã, tornando-se o singular governante do império. As igrejas então acordaram para o fato de que a causa de Roma e o motivo de Cristo tinham se fundido em uma só.

Para Gleiser (1997), após o esfacelamento do império Romano no ano de 476, o papa Gelásio I, escrevendo ao imperador bizantino Anastácio I, disse as seguintes palavras: “Existem dois poderes pelos quais este mundo é principalmente governado, um é a autoridade sagrada dos papas e o outro é o poder real.

Nesse contexto verifica-se que há muito existe uma relação entre Estado e religião, perpassando desde a idade antiga aos dias atuais, sem esquecer-se de dizer que a influência durante o período da idade média, onde a doutrina dos dois poderes foi em regra aceita a questão da supremacia permaneceu indefinida. O estado era globalmente considerado uma instituição cristã, tendo a obrigação de amparar, abrigar e difundir a mesma fé.

Embora os temas ligados ao direito dos papas em depor reis e a função dos governantes seculares em escolher os ocupantes dos altos cargos eclesiásticos tenham levado décadas para ser resolvido, o papado eventualmente tornou-se dominante, no entanto diversos acontecimentos deram um golpe nas pretensões temporais do papado.

Para Matos (2011) com o declínio papal um novo fator havia surgido, o sentimento nacionalista, ao qual o rei havia recorrido com sucesso e contra o qual as armas espirituais do

⁴ Edito de Milão - promulgado a 13 de junho de 313 pelo imperador Constantino (306-337), assegurou a tolerância e liberdade de culto para com os cristãos, alargada a todo o território do Império Romano. Disponível em: <http://www.universocatico.com.br/index.php?o-edito-de-milao.html>. Acesso em: 18 mai 2016.

papado pouco puderam fazer. Foi nesse momento que começaram a aparecer os modernos estados nacionais, sendo a França o primeiro deles. Essa crescente independência e soberania dos governantes e povos europeus iriam criar as condições políticas e sociais que favoreceram o surgimento e expansão da Reforma Protestante do Século XVI.

Matos (2011) acrescenta ainda que, o estopim da Reforma no período de 1517 a 1648 foi um episódio que demonstrou até que ponto a cumplicidade entre a igreja e o estado era maléfica para a vida moral e espiritual da cristandade, rompendo-se a partir desse movimento a unidade da igreja ocidental e o surgimento de uma variedade de igrejas nacionais.

João Calvino um dos líderes da reforma protestante, de acordo com Matos (2011), procurou fazer uma clara distinção entre as esferas de ação da igreja e as esferas do estado, crendo que era dever do segundo manter a paz, proteger a igreja e seguir normas bíblicas nas questões civis.

O autor complementa que os anabatistas⁵ e outros reformadores, insistiram, a partir do seu entendimento das Escrituras e das suas próprias experiências, da necessidade da completa separação entre a igreja e o estado. A sua posição pareceu tão anárquica naquela ocasião que eles foram arduamente perseguidos por todos os outros grupos, protestantes e católicos. Mesmo assim, os anabatistas conduziram suas concepções sobre a igreja e o estado a outros movimentos congêneres na Inglaterra do século XVII, como por exemplo, os batistas.

Com esses pressupostos de acordo com Matos (2011), queriam expor que o estado não tinha o direito de intervir nas crenças e práticas religiosas das pessoas e das igrejas, e que a igreja, por sua vez, não tinha o direito de ganhar qualquer alento financeiro do estado. Receber verbas públicas era abrir caminhos para o controle governamental e a perda da identidade religiosa.

No século XVIII, teóricos iluministas dos direitos naturais como John Locke⁶ e Hugo Grócio⁷ difundiram a noção de que o governo civil estava abalizado em um contrato social e não na ordenança de Deus.

⁵ adj. e s.m. e s.f. Membro de uma seita política e religiosa do séc. XVI. Os anabatistas, originários do protestantismo, rejeitavam o batismo das crianças como ineficaz, submetiam seus adeptos a um segundo batismo e preconizavam uma espécie de comunismo religioso. Tiveram como líderes Thomas Munzer, João de Leyde, e escolheram a cidade de Munster como centro. E ali foram esmagados. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/anabatista/>. Acesso em: 19 jan 2016.

⁶ John Locke (1632-1704) foi um filósofo inglês, o principal representante do empirismo, teoria que afirmava que o conhecimento era determinado pela experiência, tanto de origem externa, nas sensações, quanto interna, a partir das reflexões. Sua teoria política deixou grande contribuição ao desenvolvimento do liberalismo, principalmente a noção de Estado de direito. Disponível em: http://www.e-biografias.net/john_locke/. Acesso em: 10 fev 2016.

⁷ Hugo Grotius (1583-1645) foi um jurista holandês, considerado um dos fundadores do Direito Internacional. Foi também diplomata, poeta, dramaturgo e historiador. É o autor da obra “O Direito da Guerra e Paz”.

Prevenidos com essa opinião, os estados nacionais emergentes tenderam a tornar a igreja subserviente ao bem-comum da sociedade e passaram a esperar que a religião institucional se conservasse distante das questões políticas.

Todavia, de acordo com Matos (2011), o alargamento desse conceito na Europa e no restante do mundo foi desigual, e ressurgiram tentativas de controle da igreja pelo estado. Somente nos recém-criados Estados Unidos da América o governo concordou explicitamente com um novo sistema que buscou garantir a liberdade religiosa por meio da separação entre a igreja e o estado.

Matos (2011) enfatiza que no período moderno, séculos XVI e XVII, boa parte das relações entre a Igreja Católica e os estados europeus circularam em torno de duas inquietações: a luta contra o protestantismo envolvendo a Contrarreforma e o esforço para arraigar-se a fé nos novos impérios coloniais nas Américas, África e Ásia.

Nesse contexto Weber (2006) dá uma contribuição de indubitável originalidade ao tratar das questões religiosas e o próprio Estado. Sua análise restitui à religião uma posição independente, reconhece-lhe autonomia e capacidade de exercer um papel nos processos sociais.

A abordagem weberiana, em seu trabalho sobre o protestantismo e o capitalismo, debate o apoio que o cristianismo deu à formação do mundo contemporâneo, evidenciando que o protestantismo, com sua espiritualidade austera, propiciaram a estabilidade do capitalismo. Opostamente discute o incansável método de racionalização, que se exprime no nível religioso em desencantamento do mundo.

O interesse de Weber (2006) pela Religião nasce precisamente da convicção de que as figuras religiosas do mundo exercem um papel essencial na formação das sociedades, mediante a legitimação de condutas tradicionais ou inovadoras.

Para Weber (2006), nos calvinistas e seus adeptos saídos da Reforma Protestante, o controle constante dos próprios progressos morais foi a pré-condição para a instauração do racionalismo econômico.

O ativismo racionalista dos puritanos foi um violento fator que preparou a afirmação de um novo tipo de homem, o capitalista, para o qual o cálculo do tempo e do bom emprego são as suposições da aptidão profissional e ousadia nos negócios, modos esses sempre acompanhados pela temperança de vida e rígida autodisciplina.

Quanto ao processo de racionalização, Weber (2006) afirma que ela está baseada sobre aspectos não-rationais, sobre instituições pré e meta racionais, e isso é verdadeiro não apenas sob o ponto de vista da desmagração religiosa do mundo pregado pelo judaísmo e protestantismo, mas também na sua situação futura.

Com base no princípio da razão negociou-se o entendimento utilitarista do homem e do ponto de vista manipulador da natureza humana, além da fé, no valor próprio do amontoamento, seja ele poupado, seja do tipo tecno-científico. Esta racionalização está abarrotada de implicações negativas, não apenas para a importância social da religião, como também para a ampliação da própria sociedade hodierna.

O cientificismo ateu cunhou em parceria com outros dados da cultura contemporânea, como o capitalismo e o utilitarismo, um mundo objetivado, no qual as relações entre as pessoas se tornaram impossíveis, algo que o próprio Weber afirmou, declarando que o intelecto criaria uma fidalguia de detenção da cultura racional que seria profundamente anti fraternal.

Desse modo, o autor leva até as últimas consequências o processo do racionalismo ocidental, que comporta o desencantamento da própria imagem cientificista do mundo que, na época positivista assumiu o papel de substituto funcional da religião.

Segundo Weber (2006), a imagem do mundo que a ciência oferece é aquela de uma infinidade sem sentido, que somente a cultura, através das imagens do mundo, pode trazer significado para o homem. A falência da pretensa autossuficiência do racionalismo dá, portanto, novamente espaço ao postulado religioso, marginalizado na idade do positivismo, dentro da tarefa sempre renovada de conferir significado ao mundo.

A total laicização do Estado e dos governos deve orientar as políticas públicas, de maneira a rever todas as normas que determinem qualquer privilégio de uma religião em detrimento de outras e, concomitantemente, promover o debate democrático na sociedade brasileira acerca dos moralismos e costumes religiosos que emperram o processo de transformação social para de fato constituir, ainda que timidamente, um caminho mais sedimentado para concretização da igualdade material (AGUIAR, 2011, p. 29).

Por mais que se negue, a religião esteve e estará presente em todas as sociedades e em todos os tempos

É pois, a sociedade o lugar onde os indivíduos estabelecem relações e princípios morais, éticos e sociais com vistas ao bem maior que é a coletividade, assim a religião irá atuar de forma a se tornar uma bússola, contribuindo de forma a dar uma nova significação ao sentido de religiosidade, quer seja por carisma, afetividade ou tradição, afinal sabe-se que o

homem atua de maneira que seus atos representem uma conduta com ação dotada de sentido e por isso a religiosidade busca na sociedade e no Estado uma forma de ganhar cada vez mais espaço.

2.1.1 Estado como Elemento ou Agente Transformador da Sociedade

Sendo os Estados do mundo ocidental capitalistas, e considerando o Estado como ferramenta a serviço e sob controle das classes economicamente predominantes, facilmente pode-se averiguar que os primados da liberdade de comércio e da propriedade privada, como pilares do sistema capitalista, sofreram e ainda continuam sob forte influência dos valores recomendados pela ética protestante.

Temas como a liberdade de comércio, a propriedade privada, a livre concorrência e a não intervenção do Estado na economia são construções doutrinárias oriundas, em sua imensa maioria, de autores que professavam sua crença nas pregações protestantes, dentre eles o próprio Max Weber.

Nesse sentido o papel do Estado é proporcionar o bem-estar do indivíduo mas une-se a religião para contribuir nas condições sociais, econômicas e culturais e ser o agente transformador nas condições de vida de cada um.

A relação entre a Religião e o Poder do Estado é vista de diferentes maneiras e sob diferentes ângulos, no entanto há uma relação entre elas, de forma que se entrelaçam nas questões de influência, que seja de um lado ou de outro, e, ambas têm participado dos processos de construção do papel da sociedade na composição dos conflitos sociais e na significação da gestão de aparelhos voltados para a ordem destes.

Verifica-se que o Estado se torna um agente transformador no âmbito religioso, quando influencia os indivíduos a dotarem determinadas práticas religiosas, como no caso do Decreto nº 7.107, de 11 de fevereiro de 2010, contendo o acordo estabelecido entre o Brasil e a Santa Sé, no qual é abordando o Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, que institui as normas básicas de convívio entre o Estado brasileiro e as instituições ligadas àquele segmento religioso.

Tal instrumento jurídico trata sobre o conceito da personalidade jurídica da Igreja Católica e de seus estabelecimentos pontificais, como também sobre o direito conferido a estas de desempenharem suas atribuições regulares pelo ordenamento jurídico nacional configurados nos artigos de 1º a 5º e do 7º e 14 , sobre a colaboração com o Estado nos campos de salvaguardar o patrimônio histórico, a saúde e educação conforme artigos 6º, 8º, 9º

e 10º e sobre exterioridades relacionadas ao regime tributário e trabalhista clerical e seus auxiliares delineados nos artigos 13, 15, 16 e 17 do Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil.

Observa-se ainda que mesmo de forma disfarçada à igreja também influencia nas questões do Estado, pois mesmo se declarando um país laico, o Brasil estabeleceu no artigo 19, inciso I, da Constituição Federal de 1988 a desvinculação dos entes públicos aos cultos religiosos e no tratamento atribuído àquela fé em relação às demais frações religiosas estabelecidas no País.

Atenta-se para a influência de um ente no outro por meio do tratamento conferido pelo diploma legal ao magistério da instrução religiosa nas escolas públicas, como se vê no artigo 11, § 1º do Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil da seguinte forma: “Artigo 11. A República Federativa do Brasil, em observância ao direito de liberdade religiosa, da diversidade cultural e da pluralidade confessional do País, respeita a importância do ensino religioso em vista da formação integral da pessoa”.

A Lei de Diretrizes e bases da Educação em seu artigo 33 - Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, composição dada pela Lei nº 9475, de 22 de julho de 1997, trata sobre a questão do ensino religioso no Brasil e acaba sendo também um agente transformador e influenciador dos ideais religiosos ao discorrer no artigo 33 sobre religião no Brasil da seguinte forma:

Art.33º - O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição do ensino religioso

O papel do Estado enquanto guardião da compostura humana, da ordem pública e da paz social, deve criar mecanismos que ajustem equilibradamente o exercício do poder e sua interferência que seja no âmbito da religiosidade, dos temas políticos e econômicos, de forma que viabilize sempre a expressão do poder social consubstanciado em seu caráter positivo, combatendo a manipulação poder social religioso.

O papel do Estado não é só econômico desenvolvimentista, mas deve ser principalmente com o desenvolvimento social e o bem coletivo. Suas ações devem ser

pensadas e analisadas de forma a favorecer o todo e dessa forma contribuirá significativamente para ser um agente transformador para a sociedade atual e se necessário for que una-se ao segundo maior poder, que é a própria religiosidade.

Se há um poder religioso que procura se concretizar de forma absoluta no panorama sócio cultural brasileiro, então que o Estado fique atento e coloque sua influência de forma a resguardar a dignidade de seus tutelados, ao mesmo tempo em que cuide pela ordem pública e a paz social.

2.2 HISTORICIDADE DA RELIGIÃO

De acordo com Matos (2011) ao longo da história das religiões, há uma análise comparativa, entre as religiões apregoadas em todas as civilizações, a exemplo da religião grega, que observava costumes e tradições de outros povos como os egípcios os persas e os judeus, como também os sacerdotes de outras denominações faziam essas analogias, e que se deu principalmente no catolicismo, onde fizeram uma comparação das diferentes religiões, para traçar o conceito de paganismo, explicando assim, o surgimento e a superioridade do Cristianismo.

Verifica-se, o homem sempre teve necessidade de um ser divino para poder explicar os eventos da vida e da natureza, como as mudanças climáticas e até mesmo sua forma humana de agir, adquirindo uma dependência da existência de algo superior a ele, para poder em matéria de religião, assumir um papel de servo a um respectivo Deus.

No período pré-histórico, o homem buscava entender seu surgimento, e encontrou na religião segurança para este fim, adorava o sol, a lua, o fogo, ou algum animal, exaltava os rios e mares, tudo comprovado em pinturas rústicas e símbolos deixados por eles.

Transversalmente as evoluções do homem na terra, no sentido de escrita e conceito de civilização, veio se organizando em todas as suas estruturas, vendo o crescimento de suas técnicas e mão de obra, mas a religião permaneceu presente, o norteador dos avanços que surgiram, e povos que tinham suas leis estabelecidas por seus deuses.

Muito embora tenha havido mudanças em todas as sociedades ao longo do tempo, verifica-se que as mesmas indicaram a necessidade de articulação de um arcabouço forte para conduzir a vida das pessoas. Essas estruturas se firmavam na religiosidade que gerara importantes transformações na organização política do Estado.

A fé e o Estado, ambos necessários para administrar a vida em sociedade. Porém, os deuses e suas interferências na vida individual e coletivamente era colocado em primazia para determinar os eventos da comunidade.

Para Funari (2011, p. 30) as crenças eram diversas e cada povo tinha sua própria fé, como complementa ao tratar dos sumérios.

Os sumérios acreditavam que o Universo era governado por um panteão formado por um grupo de seres vivos, de forma humana, porém imortais e possuidores de poderes sobre-humanos. Esses seres, segundo acreditavam, eram invisíveis aos olhos dos mortais e guiavam e controlavam o cosmo de acordo com um plano pré-estabelecido e leis rigorosamente elaboradas.

Os sumérios tinham quatro divindades fundamentais, conhecidas como deuses criadores. Estes deuses eram: An, deus do céu; Ki, deusa da terra; Enlil, deus do ar e Enki, deus da água. Céu, terra, ar e água eram considerados os quatro componentes mais importantes do Universo. Os deuses concebiam o me, conjunto de regras e leis universais imutáveis que todos os seres eram obrigados a obedecer. Próximas em importância às deidades criadoras estavam as três divindades celestiais: Nanna, deus da Lua; Utu, deus Sol e Inanna, rainha dos céus. Inanna era também deusa do amor, da procriação e da guerra. Nanna era o pai de Utu e Inanna. Outro deus de grande importância era Ninurta, a divindade do violento e destrutivo vento sul. Um dos deuses mais queridos era o deus-pastor Dumuzi; originalmente era um governante mortal cujo casamento com Inanna assegurou a fertilidade da terra e a fecundidade procriadora.

De acordo com Bezerra (2011), o Egito, em todos os segmentos sociais exercitava a religião, no entanto, cada cidade prestava atenção maior aos seus próprios deuses. Comumente, cada templo das grandes cidades, sedes do poder, criava sua própria ideologia pagã com o deus local de acordo com a hierarquia da divindade.

O autor comenta um pouco mais sobre a religião egípcia.

Então, aqui, também encontramos mais de um mito sobre a criação. Um dos mais importantes e antigos conta que, no princípio era Nu, o oceano celestial com sua característica de imobilidade e totalmente estático. Do seu interior surgiu Atum, que criou Shu (ar) Tefnut (umidade), esse casal produz Geb (terra) e Nut (céu). Por sua vez, os últimos dão origem a Osíris e Ísis e a Set e Néftis. Segue este mito o de Osíris, na qual o mesmo reinava de modo justo, com sua irmã-esposa sobre o Egito. Seu irmão Set enciumado o matou, mas Ísis logo fez uma múmia do seu marido, e com seus poderes mágicos, devolveu a vida a Osíris. Com o qual teve um filho, Hórus. Este se tornou rei do Egito, e os faraós o sucederam. Osíris tornou-se rei dos mortos, todos que morrem passam pelo seu tribunal. Esse povo era obcecado pela vida eterna e pela perpetuação da alma. As tumbas são mais importantes que as casas mais suntuosas e é impensável economizar em detrimento dos sacerdotes funerários. É perceptível isso nas tão conhecidas pirâmides que eram os túmulos dos faraós. Quanto mais rico fosse o egípcio mais complexo seria o funeral. Os sacerdotes e sacerdotisas realizavam diariamente cultos nos diversos templos espalhados pelo Egito. Preparavam as oferendas, em boa parte alimentos, como também flores e incenso, e entoavam cânticos. Encantamentos são encontrados para diversas finalidades, como amor e saúde, mas, também utilizavam nos ritos funerários (BEZERRA, 2011 p. 6).

Todos as exterioridades sociais do Egito, tinha a presença da religião, que fosse no controle dos rios, na agricultura, na chuva, como também nas evoluções da técnica, cultura e escravidão, para eles, tudo tinha a influência do divino, até mesmo o formato dos templos e pirâmides deveria ser com base em orientações de seus deuses.

Assim, a crença em uma criatura divina, era vista pelo ser humano, e em todos os seus contextos fáticos como uma necessidade extrema de sua alma.

A religião reflete em todas as condições básicas do homem, intervindo em seu modo de viver, colocando por meio dela, leis para a sociedade, estando predominantemente na cultura de muitos povos até hoje. A sociedade muda seu modo de pensar e agir todos os dias, por causa de vários aspectos, mas a religião tem o poder de se adequar as mudanças sociais, independentemente de qual seja a mudança, a religião sempre busca um meio de se adequar.

O mundo é composto por inúmeras religiões e crenças, mas algumas ganham maior relevância, face ao número de seguidores que possuem como o Cristianismo e o islamismo, que intervêm direta e disfarçadamente na conduta do homem que se converte a tais ideologias religiosas.

O Cristianismo é uma dessas religiões que preconizada por Abraão, se tornou conhecida pregação centralidade na vida e nos ensinamentos de Jesus.

O cristianismo é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental. Há 2 mil anos permeia a história, a literatura, a filosofia, a arte e a arquitetura da Europa. Assim, conhecer o cristianismo é pré-requisito para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos. A Bíblia é o livro mais lido do mundo, hoje e em toda a história humana. Nenhum outro livro teve maior influência literária. Até mesmo escritores não cristãos reconheceram a Bíblia como sua fonte de inspiração mais importante. DEUS, O CRIADOR No princípio, Deus criou o céu e a terra. Gênesis 1,1 A primeira ação descrita na Bíblia é a criação do céu e da terra por Deus. O céu e a terra é a expressão hebraica para universo. (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 148).

A história do surgimento da vida na terra não oferece respostas exatas para perguntas científicas sobre como o mundo veio a existir, quanto tempo demorou para ser formado e qual era o aspecto do planeta em termos físicos e biológicos.

Para Gaarder, Hellern, Notaker, (2000) a ênfase não está em como Deus criou o céu e a terra, mas no fato de que foi Ele quem os criou. Para ele, em outras palavras, o mundo que se vive não é resultado de um acaso ou acidente. A Bíblia salienta que há uma vontade divina por trás da existência do universo. O mundo foi instituído e continua a existir por causa de algo fora de si mesmo. E esse algo não é uma força impessoal, mas o poder de um Deus pessoal.

Quando a ciência moderna demonstra a evolução do mundo desde o início até os dias de hoje, um cristão compreende isso como uma descrição humana da obra de Deus como criador. Deus não apenas criou algo do nada, como também deu a esse algo uma capacidade evolutiva inata. A evolução faz parte da criação. Se voltarmos à história cosmocêntrica da criação, veremos que ela nos oferece uma imagem dinâmica” (GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2000, p. 151).

O criacionismo é uma das teorias defendidas pelo cristianismo na qual, Deus em sua preeminência, e vasto conhecimento, cria a terra, e tudo que a compõe, criando inclusive o homem do pó da terra. “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o folego de vida; e o homem foi feito alma vivente” (BIBLIA, Gênesis, 2: 7).

A ciência tem distintas configurações de abordar a forma da criação como também a natureza, quer seja do homem ou do mundo em toda sua vivência, destacando que todas as religiões têm seu próprio ponto de vista da humanidade e do aparecimento do mundo. O ponto fundamental para o cristão é que o homem não foi criado de qualquer forma, foi criado por um ser grandioso, capaz de dar a vida e a oportunidade de escolhas. De certa forma uma grande parte senão a maior parte dos estudiosos enfatizaram que a humanidade é resultado da vontade e do poder de Deus.

Ainda para os cristãos, o homem é concebido, feito à imagem de similaridade de Deus, ou seja, a importância do homem para Deus é imensa e não efêmera.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criaram (BÍBLIA, Gênesis 1: 26-27).

A comunidade cristã defende que o ser humano não foi criado apenas para viver com Deus, mas foi feito para existir em comunhão e espírito de harmonia uns com os outros. Tanto o Antigo como o Novo Testamento, ressalta que se deve amar uns aos outros assim como Deus amou.

Dentro da história da criação, de acordo com o conceito cristão entendido por Matos (2011), Deus criou homem e mulher e se assim o foi, o casamento e a família são parte da criação portanto acreditam no casamento como uma instituição sagrada.

Outra característica do cristianismo para o comentarista do texto é o livre arbítrio, pelo qual o indivíduo é capaz de distinguir entre o certo e o errado, sendo responsável por suas ações, ou seja, o homem é capaz de ir contra a vontade de Deus ou ir contra a sua própria vontade, denominando-se pecado.

Para Matos (2011) o cristianismo espalhou pelo mundo afora a crença na providência Divina. Os cristãos assumiram a antiga fé judaica, expressa na Bíblia, de que Deus segue envolvido em sua obra da criação, dando continuidade a ela.

Comenta o mesmo autor que é fundamental para o cristianismo a ideia de que Deus sustenta o mundo. Se ele tivesse se retirado após a criação, tudo teria entrado em colapso. O Deus cristão é o senhor da história, dirigindo o mundo até sua redenção. Os cristãos expressam sua gratidão a Deus com frequência, justamente porque, entre outros motivos, eles creem que provaram em suas vidas o cuidado amoroso de Deus e sua mão orientadora. Mas experimentar o amor de Deus depende da boa vontade do indivíduo de permitir que a vontade de Deus seja feita em sua vida.

Nos princípios de Jesus Cristo é informado como se deve orar e, na oração se deve dizer que seja feita a vontade do Pai tanto no céu como na terra.

Embora tenha sido de grande relevância os ensinamentos de Jesus, após sua morte seus seguidores passaram a anunciar o próprio Jesus, fatos estes que ficaram evidentes nos escritos do apóstolo Paulo, um dos seguidores de Jesus Cristo que escreve para as primeiras igrejas cristãs sobre como o evangelho com a boa nova do reino de Deus deveria ser espalhado pelo mundo.

Observa-se que a Bíblia não reprime nenhum princípio de orientação sobre a organização eclesiástica, cada comunidade evangélica ou cristã propôs uma forma própria de se organizar. Há igrejas que dão enfoque particular à instituição em si, outras consideram mais respeitável a comunhão dos indivíduos que compartilham experiências religiosas uniformes e opiniões semelhantes sobre questões morais e religiosas.

Várias expressões surgiram para denominar as igrejas em seus diversos aspectos, cada uma com especificidades próprias tais como: Igreja do povo, Igreja livre e Igreja do Estado apresentarem diferentes formas de organização religiosa. Essa variedade de formas surge, em parte, de visões distintas a respeito de algumas exterioridades da mensagem da Bíblia e, em parte, das espécies históricas e culturais nas quais elas foram fundadas. Do mesmo modo, condições étnicas, psicológicas, sociológicas e geográficas desempenharam um papel nas dissensões da Igreja.

De acordo com Matos (2011) atualmente há três partes principais na Igreja, uma absorva numa área geográfica diferente. Primeiro, a Igreja católica romana, majoritária no Sul da Europa e na América Latina, atingindo grandes minorias nos Estados Unidos e na África. Em seguida vem a Igreja ortodoxa, centrada na Grécia e na Europa Oriental e, por fim as

igrejas protestantes, localizadas, sobretudo no Norte da Europa, na América do norte, América do sul e na Austrália.

O catolicismo é uma das religiões mais antigas do mundo e a que mais entusiasmou a sociedade na época de seu ápice, chegando por quase um milênio, ter domínio de todos os povos da idade média.

Para Matos (2011) conta-se o período da história da Igreja desde a antiguidade cristã, que vai do ano 30 ao ano 692 e comporta duas fases: uma do ano 33 ao ano 313, em que se tem a sua fundação, propagação e perseguições. Essa fase termina com o Édito de Milão e após a perseguição e morte de Jesus Cristo, o apóstolo Pedro se torna o principal responsável por expandir o cristianismo. Em seguida, durante o apogeu da civilização romana, o apóstolo Paulo teve fundamental importância para a ampliação do cristianismo e da filosofia cristã.

A partir da influência de Paulo, a religião desenvolveu-se entre os romanos, mesmo que de forma tímida, pois os cultos cristãos eram proibidos em Roma e, nessa época, a grande maioria da população romana era pagã.

O segundo momento se dá logo após o edito de Milão, quando os cristãos puderam estabelecer seus cultos, alcançando liberdade para a preparação e concretização de suas liturgias, e claro, começaram a disseminar o evangelho, quando durante a Idade Média, a maior parte da Europa foi cristianizada.

Os cristãos também seguiram sendo uma significativa minoria religiosa no oriente médio, norte da África e em partes da Índia. Na era das descobertas por meio do trabalho missionário e da colonização, o cristianismo se espalhou para a América e pelo resto do mundo.

Outra corrente do cristianismo de acordo com Matos (2011) se apresenta por meio da Igreja ortodoxa que costuma ser conhecida como Igreja ortodoxa oriental, já que tinha sua sede no Oriente Médio, por aversão à Igreja ocidental, cujo centro era em Roma.

Continua o autor a informar que, a Igreja ortodoxa se alastrou a partir de Jerusalém e Istambul, pela Bulgária, Romênia, Grécia e Rússia, onde hoje tem sua base solidificada. Além disso, há aproximadamente cinco milhões de ortodoxos nos Estados Unidos, decorrência da imigração da Europa Oriental. Em razão das condições políticas, não se sabe com precisão o número de pessoas que pertencem atualmente à fé ortodoxa, mas conforme Matos (2011) é possível que cheguem a um número de 250 milhões de fiéis.

A corrente ortodoxa segundo Matos (2011) não reconhece a precedência papal, não abrigam muitos dos dogmas apregoados pela Igreja Católica Romana, tais como a infalibilidade papal, como também não reconhecem como corretos os sacramentos

ministrados por outras confissões cristãs e em geral têm uma história biográfica com base em virtudes heroicas à parte do catolicismo romano.

Em que pesem contestações teológicas, organizativas e de espiritualidade não abandonáveis, a Igreja Ortodoxa é, em muitos aspectos, idêntica à Igreja Católica, resguardam os sacramentos o respeito a ícones e o uso de vestes litúrgicas nos seus cultos.

Essa discordância entre as igrejas ocasionou várias disputas religiosas no século XVI, especificamente na Europa Ocidental, induzindo mudanças consideráveis na esfera religiosa que, durante todo o período medieval, estivera sob o domínio da Igreja católica.

Essas disputas de acordo com Matos (2011) nas mentalidades humanas se deram tanto por causas políticas, como por causas religiosas. Muitos monarcas estavam insatisfeitos com o enorme poder que o papa exercia no mundo, ao mesmo tempo em que muitos teólogos admoestavam a doutrina e as práticas da Igreja, sua atitude para com a fé e seu aspecto organizacional. Ideias e razões distintas deram origem a diversas comunidades eclesiais novas, como a Inglaterra por meio do rei Henrique VIII.

Na Inglaterra, o rei Henrique VIII rompeu com o papa porque este se negou a lhe dar permissão para que se divorciasse, O rei se tornou, então, chefe da Igreja da Inglaterra. Não houve cisma, mas a Igreja da Inglaterra aos poucos foi adotando várias das ideias da Reforma. Hoje, o anglicanismo é uma Igreja que engloba diferentes tendências e até mesmo seitas, algumas com uma noção quase católica do serviço divino e outras que se baseiam mais no puritanismo e nos novos movimentos e surtos de reavivamento. Foi um monge alemão, Martinho Lutero, o maior responsável por esse conflito teológico. Ele deu forte destaque à fé e à palavra (a Bíblia), como os elementos mais significativos. Diversos príncipes eleitores, nobres governantes alemães, insatisfeitos com o poder do papa, apoiaram Lutero e transformaram as igrejas de seus próprios domínios em igrejas estatais, partindo do princípio de que a religião do eleitor também era a de seus súditos. Os reformadores suíços Calvino e Zuínglio defendiam um rompimento mais radical com o catolicismo. Davam menos valor ao batismo e à eucaristia do que os católicos e os luteranos, mas julgavam vital mexer na organização da Igreja. Queriam seguir aquilo que consideravam os preceitos do Novo Testamento. A Igreja é dirigida por representantes eleitos que, juntamente com os ministros, constituem a Assembleia Gerai. Esta é conhecida como presbitério (da palavra grega que significa "conselho de anciãos"), e por isso a Igreja reformada é chamada presbiteriana. Essa Igreja logo se tornou a principal seita protestante em países cujos soberanos não instituíram o cristianismo como religião do Estado; por exemplo, Holanda, Suíça e Escócia” (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p.211).

A partir desse rompimento surge no reinado de Henrique VIII, rei da Inglaterra, uma nova religião, chamada de anglicanismo.

Sousa (2016) aponta que nesse período o Estado tinha controle sobre os cargos religiosos, escolhendo padres, bispos e cardeais. As relações entre Henrique VIII e a Igreja chegava ao seu fim com a negativa de anulação de seu casamento com Catarina de Aragão.

Preocupado com a linha sucessória de sua dinastia, Henrique VIII desejou casar-se com Ana Bolena, em busca do nascimento de um herdeiro homem. Já que dos cinco filhos que teve com Catarina, apenas uma menina havia sobrevivido.

O anglicanismo nutria a forma hierárquica de adoração aos santos, acrescentando alguns princípios calvinistas. Além do mais, o poder desempenhado pela Igreja Anglicana concedeu condições para que o Estado se apropriasse das terras dos padres católicos.

A partir dessas novas medidas postas pelo anglicanismo, a igreja católica sofreu restrições em sua autoridade em relação as questões do governo. Por outro lado, as peculiaridades dessa nova igreja incitaram a ampliação das atividades burguesas na Inglaterra.

Além da Igreja Anglicana, no século XVI, surge a Igreja Luterana, profundamente unida à Reforma Protestante e o movimento de Martinho Lutero, o condutor das alterações ocorridas no meio da Igreja Católica durante o período citado.

Sousa (2016) conta que Lutero nasceu na cidade de Eisleben, na Alemanha, entre mineiros muito pobres. Após estudar Filosofia e Direito, resolveu tornar-se monge, e em 1505 entrou para a ordem dos Agostinianos, mesmo contra os desejos dos pais.

Em 1512 ele concluiu seu doutorado em teologia, prossegue Sousa (2016), mas logo começou a experimentar uma densa aflição e mergulhou na dúvida sobre seu merecimento espiritual. Desprovido de paz interior, Lutero via em Deus um juiz implacável, pronto a punir os que se desviam de seus caminhos.

Continua o autor a afirmar que Lutero ministrava aulas na Universidade de Wittenberg, quando teve a oportunidade de estudar a Bíblia, uma prerrogativa naquela época, já que poucos tinham o livro sagrado em mãos, e, além disso, era indispensável conhecer latim, pois não eram permitidas traduções das Escrituras. Devagarinho, Lutero passa a ver os princípios divinos com um novo olhar, e a partir daí imbuído da compreensão transcrita do livro de Romanos, capítulo 1, versículo 17: “O justo viverá pela fé”, ele cria um movimento renovador que agitará as ideias vigentes.

Segundo Santana (2016), pensava o reformador que, obtém-se como graça divina os dons do perdão e da vida eterna, por meio da fé em Jesus e na sua morte na cruz como salvação da humanidade.

No ano de 1517, na Alemanha, continua Santana (2016), o monge Lutero proclama as suas conhecidas 95 teses, que contêm severas críticas ao papado e ao alto clero. Em decorrência desse ato, ele foi excomungado no ano de 1521. Mas, abandonado pela Igreja, foi acolhido por boa parte do povo e por uma nobreza interessada em tirar benefícios da situação,

antevendo possibilidades de se tornar proprietária de terras que nesta época estavam sob o poder romano.

Assim, ele foi salvo das labaredas da fogueira e seus ensinamentos deram impulso a ideias inovadoras que chegaram a outros países europeus. Na Suíça e na França, novos adeptos deste movimento deram início a processos semelhantes. Anos depois, Lutero abandona o celibato casando-se com Catarina de Bora.

A Reforma Religiosa proposta por Lutero proporciona a tradução da Bíblia, momento em que milhares de pessoas passam a ter acesso às Escrituras Sagradas, e às suas próprias interpretações dos ensinamentos nelas contidos.

As teses luteranas censuram as indulgências como práticas de troca do perdão por bens materiais e o uso do dinheiro dos frequentadores da Igreja para enriquecer ainda mais a Instituição. Os grandes doutores eclesiásticos tentaram de todo modo fazê-lo recuar, convidando-o para discussões teológicas, com a finalidade de levá-lo a retratar-se perante a Igreja, que não foi concretizado. No intuito de salvar suas ideias da perseguição sofrida, Martinho Lutero criou um grupo à parte, nascendo assim a Igreja Luterana.

Esse movimento reformista alcançou vários segmentos religiosos e deu origem a novas denominações tais como, os metodistas, os batistas e os pentecostais.

Ao tratar de religiosidade não se pode deixar de mencionar o Islamismo, uma das religiões que mais tem provocado discussões ao seu respeito, mas também é uma das religiões que mais tem encontrado adeptos, por causa de sua filosofia de vida depois da morte e a figura de um Deus soberano que quer a submissão total do indivíduo e, como a própria raiz da palavra diz, islã significa submissão.

A palavra Islã é a raiz nominal derivada do verbo aslama. Este verbo pode ser definido como “renunciar ou submeter”. Quando se utiliza na relação com Deus, significa submeter-se a Deus. Assim, o Islã trata de uma pessoa que reconhece quem é seu Senhor e reconhece que seu Senhor e Criador merece sua submissão e adoração. Em outras palavras, Islã não se trata simplesmente do reconhecimento de unicidade de Deus ou o fato de que o Criador existe, por exemplo. O Islã trata de algo muito maior que isso. Trata-se da decisão consciente que a pessoa toma para adorar e submeter-se ao Deus único” (ZARABOZO, 2011, p. 11).

Conforme com Bezerra (2011), muito embora o islamismo seja uma das religiões que mais consegue adeptos, também é a religião que mais causa certo desconforto nos que estão de fora do seguimento.

Assim entende-se o Islamismo.

O islamismo teve início quando Maomé, um comerciante da cidade de Meca, na Península Arábica, se retirou para uma caverna nos arredores da cidade para meditar no ano 610. Na caverna, situada no Monte Hira, segundo a doutrina islâmica, Maomé recebeu a visita do anjo Gabriel, que lhe mandou recitar versos que lhe teriam sido enviados por Deus e lhe comunicou que ele, Maomé, fora escolhido para ser o último profeta enviado por Deus à humanidade. Os versos foram posteriormente redigidos, formando o Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos. Maomé começou, então, a pregar, em sua cidade, os ensinamentos que recebera na caverna. As pessoas que aceitaram esses ensinamentos passaram a ser conhecidos como "muçulmanos", ou seja, "aqueles que se submetem à vontade de Deus, aqueles que estão em paz, aqueles que são puros, aqueles que obedecem à vontade de Deus", a partir da raiz etimológica árabe *salam*, que significa "paz, pureza, submissão, obediência". Esta mesma raiz etimológica originou o nome da comunidade de seguidores de Maomé, o Islã. Porém os adeptos da nova religião foram hostilizados pela população e Maomé teve de fugir para a cidade próxima de Iatriba, a atual Medina, no ano 622. Essa fuga recebeu o nome de Hégira (*Hijra*) e deu início ao atual calendário muçulmano. Em Medina, a pregação de Maomé foi mais bem recebida. Formou-se uma comunidade muçulmana na cidade sob a liderança de Maomé. Medina começou então a ser atacada por Meca, que temia o crescimento da nova religião fundada por Maomé, a qual condenava o politeísmo praticado em Meca e que gerava grandes lucros para a elite local. Os confrontos se intensificaram até a vitória final de Medina. Em Meca, Maomé destruiu os ídolos que ficavam no templo da Caaba, preservando somente a Pedra Negra, um meteorito negro de cinquenta centímetros de diâmetro. Maomé decretou que a Caaba, daí em diante, seria o centro da nova religião. Os muçulmanos não se deram satisfeitos com a conquista de Meca e continuaram sua expansão conquistando militarmente toda a Península Arábica, o Oriente Médio, o norte da África e a Pérsia. Em 632, morreu Maomé, desencadeando uma disputa pela sua sucessão como líder dos muçulmanos, ou califa. Abu Bakr foi declarado oficialmente como seu sucessor, porém muitos muçulmanos preferiram apoiar Ali ibn Abu Talib, primo e genro de Maomé. Os que apoiaram Ali passaram a ser chamados de "xiitas", de *Shiat Ali* ("Partido de Ali"). "Os demais muçulmanos passaram a ser conhecidos como "sunitas", de suna ("caminho trilhado"), pois eles seguem apenas aquilo que Maomé determinou ao longo de sua vida (BEZERRA, 2011, p. 16).

O Islã adota práticas próprias que se distinguem de outras religiões, como por exemplo: oram cinco vezes ao dia. Na alvorada, ao meio-dia, no meio da tarde, ao pôr-do-sol e a noite. Cada oração dura poucos minutos, mas sua prática é um elo entre a criatura e seu criador. Não existem intermediários entre o adorador e Deus. Na oração, a pessoa sente felicidade interior, paz e conforto, e sente também que deus está satisfeito com ele ou com ela.

A religião adota também o pagamento do Zakat (uma espécie de apoio aos necessitados), todas as coisas pertencem a Deus, e a riqueza, por conseguinte é mantida pelos seres humanos em custódia.

Oferecer o zakat significa dar uma percentagem especial sobre certas propriedades para determinadas classes de pessoas necessitadas. A porcentagem é devida sobre ouro, prata, e fundos em dinheiro que alcançaram o volume de aproximadamente 85 gramas de ouro conservadas em posse por um ano lunar e a doação é de dois e meio por cento.

O Jejum do Mês de Ramadã também é outra característica dos muçulmanos, onde da alvorada até o pôr-do-sol, se abstém de comida, bebida e relações sexuais. Embora o jejum seja um benefício à saúde, ele é considerado, sobretudo um processo de purificação.

Não se pode deixar de falar da peregrinação anual (Hajj) à Meca que é uma obrigação na vida para aqueles que são física e financeiramente capazes de fazê-la. O Hajj anual é realizado no décimo segundo mês do calendário islâmico. Os peregrinos homens usam roupas simples para afastar qualquer distinção de classe e cultura de modo que todos se apresentem igualmente perante Deus.

2.2.1 Historicidade da Religião no Brasil

Weber (2006) descreve o processo de mudança das bases nas atitudes e comportamentos sociais, afirmando que, desde que o homem habita o planeta, sempre existiram racionalizações que pudessem justificar suas ações. No entanto, através dos tempos, houve uma alteração gradativa nessa racionalidade e a religião certamente foi um desses fatores de mudanças.

A história das religiões no Brasil deve ser vista com um olhar decisivo, para poder estabelecer um grau elevado de aproximação, até por que, a história das religiões brasileiras é de suma importância para seu povo, por que por meio dela obtém-se um entendimento mais significativo sobre a construção de sociedade e seus avanços no decorrer do tempo, como também se pode tirar lições para a vida diária por meio da construção da identidade brasileira.

Quando se faz um apanhado histórico das religiões brasileiras, o primeiro ponto que observa é o catolicismo, que era na época do império a religião oficial do Brasil, entretanto, antes do advento dos portugueses no continente americano e no Brasil, os povos indígenas que dominavam o continente, já tinham suas crenças, e eles instituíam seus cultos e oferendas, sendo que estas religiões faziam parte de sua cultura interferindo em seu modo de viver.

Com a vinda dos portugueses para o Brasil, tendo por objetivo dominar e usar todos os recursos existente na terra, com eles vieram os jesuítas, que viam nos povos indígenas uma característica maléfica, como se seres humanos não fossem, mas apenas selvagens e assim, começaram a intrometer-se gradativamente em suas religiões, fazendo com que muitos índios abandonassem suas crenças, por meio de coação, foi quando os povos indígenas começaram a perder sua identidade cultural, adotando práticas desconhecidas até então para um povo com crenças em divindades diferentes da católica.

De certa forma a religiosidade foi imposta aos primeiros moradores da terra chamada Brasil.

Assim o catolicismo começou a crescer em todo o Brasil por meio da colonização e dentro do seguimento católico, os jesuítas exerceram o papel, da conversão dos índios,

Para (Sousa, 2016) os jesuítas faziam parte de uma ordem religiosa católica chamada Companhia de Jesus, criada com o objetivo de espalhar a fé católica pelo mundo na qual os padres jesuítas eram subordinados a um regime de privações que os preparavam para viverem em locais distantes e se adaptarem às mais desfavoráveis condições.

Sousa (2016) acrescenta que, no Brasil os jesuítas chegaram no ano de 1549 com o objetivo de cristianizar as populações indígenas do território colonial. Encarregados dessa missão, promoveram a criação das missões, onde organizavam as populações indígenas em torno de um regime que contratava trabalho e religiosidade. Ao submeterem as populações aos conjuntos de valores dos Europeus, afligiam toda a diversidade cultural das populações nativas do território.

Sousa (2016) acresce ainda que, além disso, os jesuítas submetiam os indígenas a uma rotina de trabalho que despertava a ambição dos bandeirantes que comercializava a venda de escravos indígenas. Enquanto operavam junto aos nativos, os jesuítas foram responsáveis pela fundação das primeiras instituições de ensino do Brasil Colonial. Os principais centros de opressão colonial contavam com colégios administrados dentro da colônia, dessa forma, todo acesso ao conhecimento da época era controlado pela Igreja.

Para Sousa (2016) a ação da Igreja na educação foi de grande valor para concepção dos traços da nossa cultura por meio do respaldo dado às escolas comandadas por denominações religiosas e a predominância da fé católica em nosso país.

Além de contar com o apoio financeiro da Igreja, os jesuítas também se utilizavam da mão-de-obra indígena no desenvolvimento de atividades agrícolas. Isso fez com que a Companhia de Jesus acumulasse um significativo montante de bens no Brasil. Tais como: fazendas de gado, olarias e engenhos todos eram administradas pela ordem. Ao longo da colonização, os conflitos com os bandeirantes e a posterior redefinição das diretrizes coloniais portuguesas deram fim à presença dos jesuítas no Brasil.

Sendo assim conclui Sousa (2016), o catolicismo, por meio dos jesuítas, se tornou a religião predominante no Brasil e dentro da colonização, houve uma união entre o estado e a igreja, por meio dos quais os interesses de Portugal foram efetivados no Brasil, muito embora tenha se desfeito tal aliança.

Para Matos (2011) a descoberta e colonização do Brasil foi uma iniciativa conjunta do Estado português e da Igreja Católica, no qual a coroa exerceu um papel predominante. O estado forneceu os navios, custeou as despesas, construiu as igrejas e pagou o clero, mas também teve o direito de nomear os bispos, recolher os dízimos, aprovar documentos e interferir em quase todas as áreas da vida da igreja.

Continua Matos (2011), desde o início da colonização, a coroa portuguesa foi lenta em seu apoio à igreja. Assim, a primeira diocese foi fundada somente em 1551, a segunda no ano de 1676. No ano de 1750 havia somente oito dioceses no extenso território. Nenhum seminário para o clero foi criado até 1739. Entretanto, a coroa nunca deixou de recolher os dízimos, que vieram a ser o principal tributo colonial. Com a expulsão dos jesuítas, que eram em grande parte independente das autoridades civis, a igreja tornou-se ainda mais fraca.

Matos (2011) informa ainda que, nos séculos XVI e XVII, duas regiões do Brasil foram invadidas por nações europeias: a França e a Holanda. Muitos dos invasores eram protestantes, o que causou forte reação dos portugueses numa época em que estava em pleno curso a Contrarreforma, ou seja, o esforço da Europa católica no sentido de deter e abolir o protestantismo.

O esforço pelo banimento dos invasores fortaleceu a consciência nacional, mas ao mesmo tempo aumentou o isolamento do Brasil.

No entanto com a independência do Brasil, surgiu a necessidade de atrair imigrantes europeus, inclusive protestantes para ocuparem o novo país. A Constituição Imperial, promulgada em 1824, conferiu-lhes certa liberdade de culto, ao mesmo tempo em que confirmou o catolicismo como religião oficial. Até a Proclamação da República, os protestantes enfrentariam sérias restrições no que diz respeito ao casamento civil, uso de cemitérios e educação.

Já no século XVIII, segue Matos (2011), começaram a se tornar importantes no Brasil, com o surgimento de novos paradigmas e movimentos surgidos na Europa, dentre os quais o iluminismo, a maçonaria, o liberalismo político e os ideais democráticos americanos e franceses. Tais conceitos tornaram-se notadamente influentes entre os intelectuais, políticos e sacerdotes, e tiveram dois efeitos importantes na área religiosa: o enfraquecimento da Igreja Católica e uma crescente abertura ao protestantismo.

Esse enfraquecimento inicia-se no pontificado do papa Pio IX, no período de 1846 à 1878, informa Matos (2011), quando Roma começou a desempenhar um maior controle sobre a igreja brasileira. As ideias da Encíclica Quanta Cura e, seu Sílabo de Erros tiveram rápida propagação, apesar de não terem recebido o beneplácito de Pedro II.

O Sílabo segundo Matos (2011) atacou violentamente a maçonaria numa época em que os principais estadistas brasileiros e o próprio imperador estavam ligados às lojas. Isto acabou desencadeando a Questão Religiosa no período entre 1872 e 1875, um sério confronto entre o governo e dois bispos do norte do Brasil, Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira e Dom Antônio de Macedo Costa, que enfraqueceu o Império e contribuiu para a Proclamação da República.

Matos (2011) conta ainda que o século XIX assistiu um longo esforço dos protestantes no sentido de obter completa legalidade e liberdade no Brasil.

Mas, prossegue Matos (2011) falando que, um grande passo foi dado em busca da liberdade de expressão e da propaganda religiosa quando o missionário Robert Reid Kalley, pressionado pelas autoridades, fez consulta jurídica a pessoas de destaques e obteve opinião favorável às suas atividades religiosas. Quando então no ano de 1890, o governo republicano editou um decreto consagrando a separação entre Igreja e Estado, assegurando aos protestantes reconhecimentos e proteção legal.

Com isso a expressão religiosa se inseriu no Brasil em duas fases, a primeira foi o protestantismo de imigração e a segunda foi o protestantismo missionário.

Um resultado importante da imigração protestante é o fato de que ela ajudou a criar às condições favoráveis a entrada do protestantismo no Brasil à medida que os imigrantes alemães exigiam garantias legais de liberdade religiosa.

Com tais exigências estadistas liberais instituíram uma legislação que, durante o reinado de D. Pedro II, protegeu as missões evangélicas da perseguição aberta e até mesmo colocou as comunidades não católicas sob a proteção das autoridades imperiais.

As primeiras instituições protestantes que atuaram junto aos brasileiros, conforme (Matos (2011), foram as sociedades bíblicas: Britânica e Estrangeira iniciaram no ano de 1804 e a Americana no ano de 1816. Nesse período havia duas traduções da Bíblia em português. Uma tradução era protestante, feita pelo Reverendo João Ferreira de Almeida, e outra tradução era católica, do padre Antônio Pereira de Figueiredo. Nesse período de pioneirismo religioso, foi muito importante o trabalho dos vendedores de Bíblias e literatura religiosa.

A Igreja Metodista Episcopal salienta Matos (2011), foi a primeira designação a iniciar atividades missionárias junto aos brasileiros no ano de 1835. Seus primeiros obreiros foram Fountain Pitts, Justin Spaulding e Daniel Parish Kidder. Eles fundaram no Rio de Janeiro a primeira escola dominical do Brasil. Também atuaram como capelães da Sociedade Americana dos Amigos dos Marinheiros, fundada em 1828.

Matos (2011) acrescenta que, após a Guerra Civil americana ocorrida entre 1861 e 1865, muitos imigrantes norte-americanos se situaram no interior da Província de São Paulo, sendo acompanhados por missionários presbiterianos, metodistas e batistas.

A Igreja congregacional, segundo Matos (2011), foi a primeira denominação brasileira inteiramente nacional e assim os congregacionais uniram-se à Igreja Cristã Evangélica em 1942, formando a União das Igrejas Congregacionais e Cristãs do Brasil. Separaram-se em 1969, tomando o nome de União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil. A outra linha dividiu-se em duas vertentes: Igreja Cristã Evangélica no Brasil localizada na cidade de Anápolis/GO e a Igreja Cristã Evangélica do Brasil situada na cidade de São Paulo/SP.

Matos (2011) mostra o surgimento das igrejas pentecostais e neopentecostais a partir de três fases do pentecostalismo brasileiro ocorrido nas décadas de 1910 a 1940 com a chegada simultânea da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus, que dominaram o campo pentecostal por 40 anos.

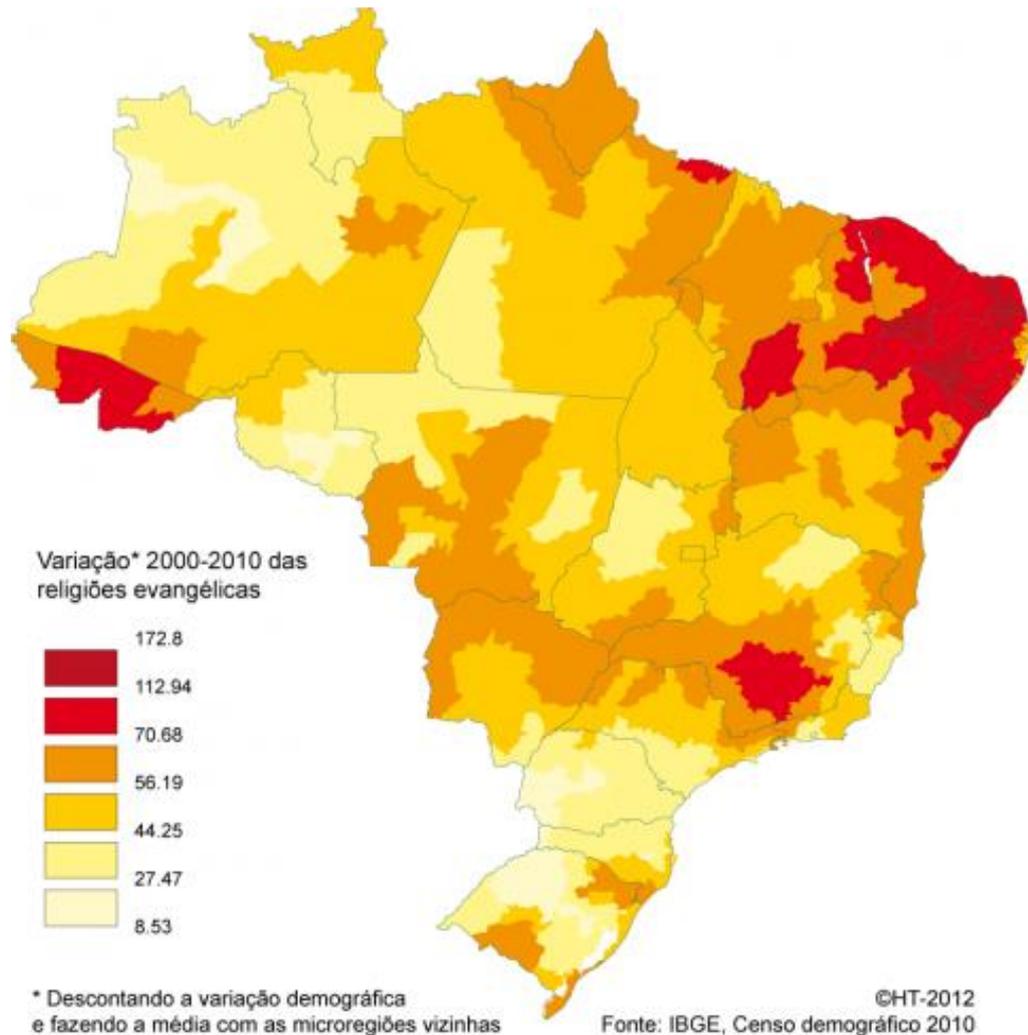
Continua o autor a informar que nas décadas de 1950 a 1960 houve uma fragmentação do pentecostalismo com o surgimento dos novos grupos: Evangelho Quadrangular; Brasil Para Cristo; Deus é Amor e muitos outros no contexto paulista, e nos anos de 1970 a 1980, o aparecimento do neopentecostalismo com a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e muitas outras agora no contexto carioca.

Com este breve relato observa-se que o protestantismo no Brasil encontrou espaço expressivo para sua difusão, e essa difusão mostra claramente sua influencias na sociedade.

Por ser um país laico é o ideal para a disseminação de novas ideologias das quais a religião e a cultuação de um ser supremo encontra abrigo com facilidade.

Verifica-se o crescimento dos evangélicos em todas as regiões do país, mas notadamente no Acre, Minas Gerais e particularmente no Nordeste, de acordo com as informações do IBGE – Censo 2010, como se observa no mapa 1.

Mapa 1 - Variação 2000-2010 das religiões evangélicas no Brasil

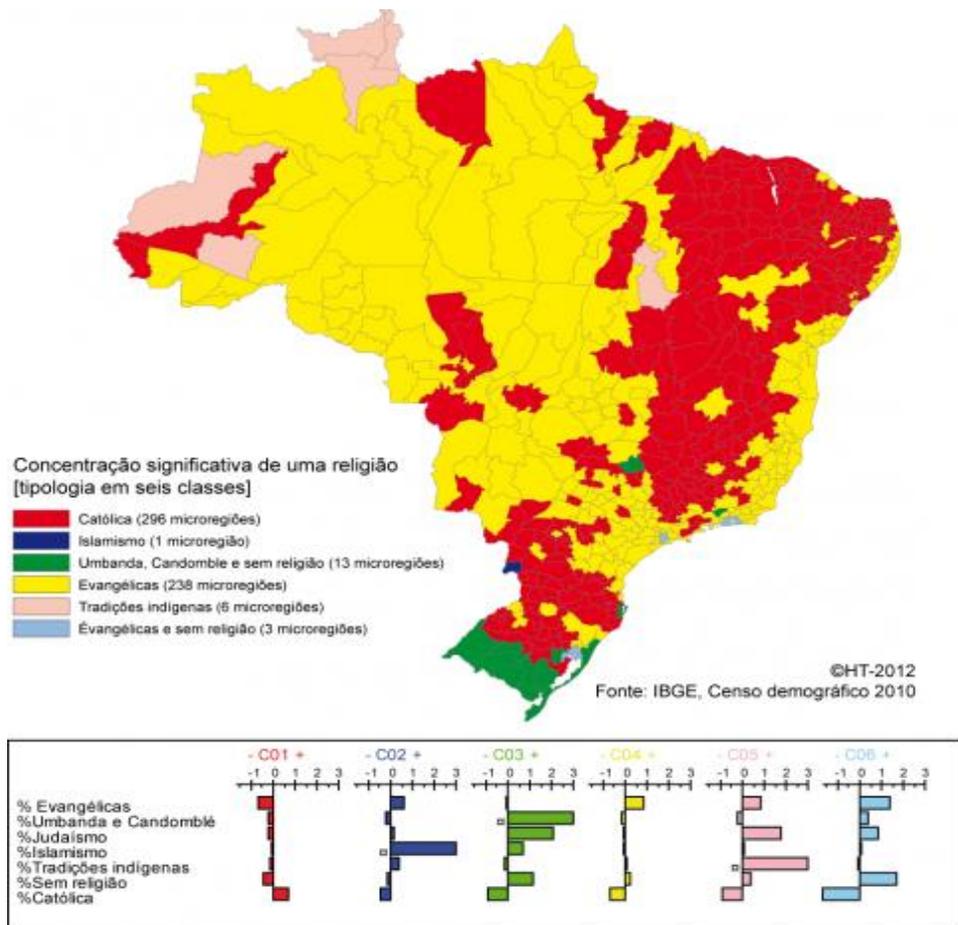


Muito embora o catolicismo ainda predomine no Brasil, verifica-se um aumento do número de outras denominações religiosas, como se vê no mapa apresentado, que indica qual religião tem maior relevância numa determinada microrregião (Mapa 2).

O fenômeno do crescimento dos evangélicos no país se deve a uma flexibilização em virtude das transformações no campo social, econômico e cultural dos novos discursos e atuações públicas como também pelo rompimento de fronteiras entre as diferentes formas de crer e de ser religioso.

Cabe ressaltar também que religião é uma realidade espiritual vivida por cada pessoa, que analisa, interpreta, compreende e a sistematiza por meio das suas interpretações, atuando de forma participativa no meio social e, que cresce a cada dia em virtude do desejo humano de regir face aos inúmeros sentimentos desencadeados nos dias atuais, quer seja a maldade, ou a bondade a cura de todos os problemas também deve ser encontrado na base religiosa, uma possível explicação para o aumento da religião no Brasil como se vê no mapa 2.

Mapa 2 – Concentração da religiosidade por regiões



A composição das múltiplas crenças e fidelidade a uma determinada religião é o resultado das diversas experiências espirituais vividas pelo ser humano, assim como a forma de ser carismático, espírita, islamita, budista ou protestante se mostra na modernidade, como decorrência da trajetória do homem em busca do sagrado. Fora a possibilidade nessa busca da construção de uma religiosidade própria, misturada a partir das diversas dádivas contemporâneas do mercado religioso, principalmente por ser o Brasil um país multicultural.

Para maior compreensão da religiosidade no Brasil, verificou-se a posição das religiões no Brasil e quais apresentam maior número de adeptos, como se vê no quadro 1.

Essa escala da religiosidade brasileira como dito anteriormente além da multiculturalidade pode se dá também pela laicização estabelecida na Carta Magna de 1988, artigo 19, inciso I, que preconiza vedação à União, Estados, Distrito Federal e Municípios, constituir cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento, nutrir com eles ou seus representantes, afinidades de atrelamento ou vinculação, observada, a forma da lei, a cooperação de interesse público.

Quadro 1 - As religiões do Brasil em 2010

Religião	Pessoas	%
Católica Apostólica Romana	123.280.172	64,63
Evangélicas	42.275.440	22,16
Sem religião	15.335.510	8,04
Espírita	3.848.876	2,02
Outras religiosidades cristãs	1.461.495	0,77
Testemunhas de Jeová	1.393.208	0,73
Não determinada e múltiplo pertencimento	643.598	0,34
Umbanda e Candomblé	588.797	0,31
Católica Apostólica Brasileira	560.781	0,29
Budismo	243.966	0,13
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226.509	0,12
Não sabe	196.099	0,10
Novas religiões orientais	155.951	0,08
Católica Ortodoxa	131.571	0,07
Judaísmo	107.329	0,06
Tradições esotéricas	74.013	0,04
Tradições indígenas	63.082	0,03
Espiritualista	61.739	0,03
Sem declaração	45.839	0,02
Islamismo	35.167	0,02
Outras religiosidades	11.306	0,01
Hinduismo	5.675	0,00

IBGE, Censo demográfico 2010

Sabe-se que com essa liberdade religiosa há uma tendência para o aumento do surgimento de novas ideologias religiosas e que essa é uma tendência da sociedade contemporânea.

Weber (2006) em seus estudos desprezou a discussão da essência religiosa para centrar-se no entendimento do seu impacto nas sociedades. Com esta visão trabalhou a noção de ética como prática e interação social, uma vez que não apontava o indivíduo singular e descontextualizado, mas atribuía grande importância da religião às intenções dos atores sociais em conjunto.

A partir de tal entendimento sua justificativa para a religião como fato em que sua inquietação transcende o fiel em suas subjetividades para focar sua vivência de fé, pode ser vista como uma influência religiosa que sustenta a imagem que se tem de pessoa com a imagem que se tem de um Deus, sem negligenciar a relação desta com outras exterioridades e segmentos da coletividade.

Assim, observa-se que a vida diária reflete uma experiência espiritual na qual o indivíduo busca constantemente interação e integração com algo muito além do que se possa conhecer.

Nesse sentido é que se verifica o aumento das igrejas, templos ou cultos principalmente entre as pessoas menos esclarecidas culturalmente, como demonstra o IBGE, censo 2010, no quadro 2.

Quadro 2 - Pessoas de 15 anos ou mais de idade, por religião, segundo o sexo e os grupos de anos de estudo - Brasil

Sexo e grupos de anos de estudos	Pessoas de 15 anos ou mais de idade								
	Total *	Religião							
		Evangélicas				Espírita,	Umbanda e Candomblé	Outras religiosidades	Sem religião
		Católica apostólica romana	De missão	De origem pentecostal	Outras Evangélicas				
Total	119.55.6675	88 550 895	946 377	11 814 338	1 111 031	1 093 01	440 056	2 184 349	8 451 988
Sem instrução e menos de 1 ano	13 904 626	10 766 013	309 090	1 402 150	95 599	43 239	28 011	159 464	1 055 293
1 a 3 anos	19 316 634	14 738 116	560 869	2 097 875	155 550	88 524	46 521	256 673	1 348 337
4 a 7 anos	37 570 144	27 594 867	1448 088	4 209 761	356 892	291 814	132 269	632 434	2 851 799
8 a 10 anos	20 789 737	14 926 732	1039 555	2 196 180	222 577	337 959	92 606	461 342	1 486 891
11 a 14 anos	20 957 396	15 297 925	1233 315	1 615 403	221 255	713 403	106 319	501 253	1 246 066
15 anos ou mais	5 911 119	4 374 438	317 652	183 020	50 670	396 835	31 493	157 134	393 743
Não determinados	1 107 018	852 804	37 808	109 947	8 488	7 987	2 838	16 048	69 859
Homens	58 067 745	43 422 216	2069 054	4 807 304	449 616	736 489	185 680	920 354	5 377 960
Mulheres	61 488 930	45 128 679	2877 322	7 007 034	661 415	1 143 272	254 377	1 263 995	3 074 028

Fonte: IBGE, 2000

*Inclusive as pessoas sem declaração de religião

É fácil constatar que a juventude é o público mais presente nas denominações religiosas e nesse contexto diz Zizek (2014) “Eu acho que mais do que nunca a ideologia é hoje parte da nossa vida cotidiana”.

Se assim o é, que se tome por verdade a citação de Zizek para explicar o aumento da ideologia religiosa no mundo atual, particularmente entre os jovens.

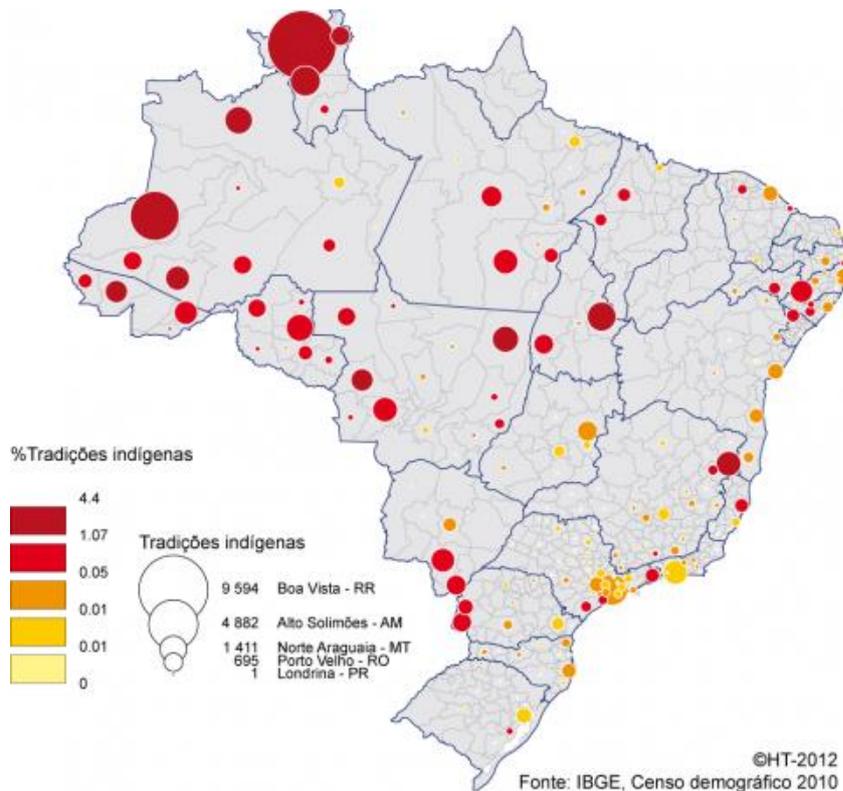
2.2.2 Historicidade da Religião na Amazônia

A religiosidade na Amazônia se dá por meio de crenças, cultos e exortações das quais se verifica que o personagem conhecido como pajé, dos xamãs, ou até mágicos e encantadores dentro da religiosidade indígena é de grande importância.

Geertz (2008) sublinha que aparições de qualquer espécie se dão porque pessoas tendem a nutrir representações com o divino, enquanto seres imersos em símbolos e

significados permeiam relações com o outro e o tempo. De modo que parte das práticas xamânicas na Amazônia foi denominada pajelança a partir da fragmentação dos rituais indígenas e com o controle da colonização. Mesmo assim foram conservadas práticas tradicionais que se estenderam ao longo do tempo e segue-se ainda hoje sendo adotadas por esses povos, como se vê no mapa 3.

Mapa 3 - Demonstração das tradições indígenas por localidade no Brasil



Vê-se ainda que na cidade de Boa Vista, conserva-se muitas tradições culturais indígenas tais como a benzação e o tratamento com ervas, o que é seguido pelas comunidades ribeirinhas e no Baixo Amazonas, onde a procura de práticas naturais de cura é uma rica herança da tradição indígena, aliada com a dificuldade de acesso a atendimentos médicos, tem concorrido para que métodos do dito senso comum, sobreviva com a força de representantes locais, mesmo com o gradativo avanço do número de produtos fármacos e da medicina tradicional.

Para Bezerra (2011) o saber tradicional da religiosidade dentro da cultura indígena, é exercitada como terapias caboclas por meio do folclore, da paisagem, da imaginação e sistema afetivo comum, que une benzedeiros, rezadores, erveiros, puxadores, pegadores e vão além da interação com plantas medicinais. Eles praticam o curandeirismo no dia a dia por meios

gestuais e energização como também o uso de ervas a partir do etnoconhecimento instado no saber tradicional, assim como a palavra dita soma-se ao processo de revelação no tratamento ao doente.

A ligação do sagrado e do profano nas sociedades indígenas já não é praticada como pelos seus ancestrais. Constatam-se que em algumas localidades existe a religiosidade estabelecida por meio de representações católicas e evangélicas.

Para os índios de acordo com Bezerra (2011), são os mitos que contêm a verdadeira história do mundo e da religiosidade. As lendas não são fantasia ou ficção, e sim a explicação do universo, a origem do cosmos, da humanidade, da sexualidade, dos astros, da caça, da agricultura, das mulheres, da arte e da música, de tudo que é possível conceber. Ritos, festas, rezas, cantos, proibições, regras de conduta, tudo aquilo que faz parte do que se costuma chamar de religião, têm como plano um corpo mítico, inerente ao cotidiano, sem nítida distinção entre o sagrado e o profano, familiar para todos, embora os pajés detenham um conhecimento mais profundo e o benefício das viagens místicas.

Na festa de cura e invocação de abundância na colheita e no plantio, como o Hoietê dos Suruf-Paiter, a Lua, um homem, incorpora-se ao pajé, cantando e contando quem é, espetáculo para a comunidade inteira. Antes de existir a Lua, ele visitava sua irmã, que estava sozinha numa pequena oca, em reclusão de vários meses pela primeira menstruação, e namoravam em segredo, sem que ela soubesse quem era ele. Aconselhada pela mãe, enquanto ele dormia, a moça pintou-o de jenipapo, tinta negra indelével. Desvendou-se a identidade do moço na manhã seguinte, quando a mãe o viu entre os homens da aldeia. Com a vergonha pelo incesto, os dois jovens subiram aos céus e transformaram-se na Lua, um astro assim criado no cosmos: as manchas escuras são o jenipapo, marca da transgressão e da paixão (FUNARI 2009, p. 236).

Nos povoados da Amazônia, particularmente na região de Rondônia, como em inúmeros outros, afirma Funari (2009), os fundadores do universo costumam ser um par de companheiros ou irmãos. Um deles é mais descansado e preguiçoso, sempre na rede balançando; o outro, travesso e desastrado, inventa e prega peças, mas traz notícias novas para os seres humanos.

Sabe-se que os homens têm o direito de escolher o que melhor lhes aprouver e nesse sentido os povos indígenas mostram-se como exemplo de liberdade com religiosidade, tradições e crenças sem esquecer-se de suas origens.

Capaz de transcender sua espiritualidade os indígenas buscam sabedoria sem abandonar suas crenças e ritos, são unânimes em reconhecer suas responsabilidades frente aos desafios dentro e fora de suas comunidades cheias de mistérios e curiosidades.

Assim é entre os Aruá, com Andarob menos inteligente, o de cabeça vermelha, e Paricot assanhado. Não havia mulheres, embora tivessem uma irmã (mistério!). Para casar, Paricot copulou com o morro de cupim, e meses depois, do fundo da terra, nasceu a humanidade, que ele soltou abrindo um buraco nas rochas. Paricot inventou a agricultura, trouxe a água, o fogo, com seu irmão sempre atrapalhando, e até morreram queimados os dois, para depois renascer. Paricot ensinou uma só língua para todos os povos; Andarob fez confusão, fez cada grupo saber uma língua diferente. Juntos criaram o adultério, transformaram gente em animais, para brincar e para ter caça, inundaram a terra, e depois consertaram as modas esquisitas que desencadearam.

Nos Macurap, nos Jabuti, nos Tupari, nos Arikapu ou Ajuru, sempre há esse jogo de opostos; não são o bem e o mal, mas se trata de uma ordem e uma brincadeira criativas. Vale a pena conhecer as suas travessuras e desastres, e saber como chegam a ser punidos pelos homens por exagerar. Lembremos que os criadores ou demiurgos, em todos esses povos, são sempre homens, nunca mulheres. Nos Suruí, as primeiras mulheres provêm de um homem e uma cabaça; esse homem já tinha mãe, personagem acessória, não aparecendo como ser primordial (FUNARI, 2009. p. 237).

A religiosidade na Amazônia é cheia de símbolos e significados para os seus habitantes. Cada indivíduo expressa seus sentimentos com grande espontaneidade por meio de simbolismos, crenças diversificadas, não sendo tão simples discorrer sobre suas credences e, que, nos dias atuais renovam-se por meio da fé protestante, adquirindo novas formas de culto, louvor e adoração a um único Deus.

É temerário pincelar em poucas páginas o universo místico dos índios, que só de relance conseguimos adivinhar. Não foram sequer aflorados povos muito estudados, nem rituais famosos como o de morte e criação, o Kwarup do Alto Xingu, ou o drama da feitiçaria, com sua intrincada relação com mecanismos do poder político, ou as cerimônias e festas proibidas às mulheres por razões religiosas, infundindo temor reverencial em certas ocasiões. Que leitores, índios e editores invoquem os deuses das matas e campos brasileiros, abram-lhes o infinito espaço que é deles, preparem festas grandiosas e os convidem para beber e comer, conclamando-os a descer às feiras literárias e metamorfosear-se com seus dons mágicos em livros e bibliotecas, faladas e escritas (FUNARI, 2009. p. 245).

Não é só da religiosidade indígena que se pode falar, pois existem muitos outros indivíduos que ocupam o espaço amazônico e também adotam práticas religiosas de acordo com seus ideais de vida.

Para Costa (2011), a ideologia da regeneração do índio repercutiu no discurso missionário disfarçado de infusão da cultura ocidental e do cristianismo, uma vez que o objetivo central das Missões visava a recuperação dos pobres selvagens sob a benéfica absorção da verdadeira civilização e da fé.

Acrescenta Costa (2011) que com a proclamação da República no ano de 1889 as relações entre a Igreja Católica e o Estado republicano se tornaram incertos e pesados devido

aos conflitos de interesses e privilégios eclesiásticos, mas logo se chegou a um acordo onde foram pactuadas soluções para os interesses recíprocos.

Durante a Primeira República conforme (Costa (2011), os desafios organizacionais religiosos e da conjuntura política brasileira provocaram no final do século XIX e início do século XX, a política expansionista da Santa Sé, que objetivava expandir a Igreja Católica por meio da criação de prefeituras apostólicas, prelazias e dioceses, sem descuidar a romanização.

Nesse sentido, às pretensões católicas buscavam consolidação da nova ordem social e política, e apropriando-se desse momento o Estado republicano e laico foi criado pela Santa Sé.

O objetivo era de dar um novo significado de religiosidade aos povos indígenas, que até aquele momento andavam embrenhados em símbolos que assinalava a religiosidade local.

Andavam no meio das diversas vias, uma vez que, a natureza religiosa, formava, uma organização de práticas e conhecimentos, nem sempre lógicos ou conscienciosos, nos quais se inscreviam e se desenvolviam em seu dia-a-dia.

Assim, em 1910, foi criada a Prefeitura Apostólica do Rio Negro no Amazonas e confiada à Ordem Salesiana, cujos membros passaram a atuar na vila de São Gabriel da Cachoeira.

Continua Costa (2011) afirmando que o método missionário de formar povoados ao entorno de igrejas foi fundamental para o início da missão que se estabeleceu na Amazônia partindo de quatro eixos principais de atuação.

Assim também diz Costa (2011), o primeiro eixo era a assistência religiosa, o segundo a fixação do indígena ao solo, o terceiro, a prestação de serviços sanitários e o quarto a educação simples e agrária, além de serviços de comunicação, abertura de estradas e manutenção de observatórios meteorológicos e pluviométricos e, por outro lado a implantação hospitais e escolas em regime de internato.

Tendo por meta a evangelização, continua Costa (2011) os religiosos condenaram o sistema de malocas existente nas comunidades indígenas, alegando razões morais, religiosas e culturais, ou seja, elas eram encaradas pelos missionários como a casa do diabo em virtude dos rituais realizados em seu interior e ambiente de depravação sexual.

Prossegue Costa (2011), os missionários argumentavam segundo os preceitos culturais que os moradores de uma mesma maloca pertenciam a um grupo patrilinear, portanto, eram considerados irmãos e, em vista deste pertencimento, eram impedidos de coabitar entre si.

Para Costa (2011) essas regras implantadas pelos missionários tendiam a apagar as tradições culturais daquele povo e impor valores e costumes cristãos e ocidentais.

A ótica missionária em relação aos povos indígenas tinha como pressuposto a concepção evolucionista, unilinear e unidirecional, segundo a qual os povos assim chamados “primitivos” estavam em estágios inferiores da humanidade em relação as “sociedades complexas”. No ponto de vista salesiano “o índio representado a partir da falta”, situação que justificava a própria razão de ser da atividade missionária, ou seja, a de transformar os índios em cristãos e cidadãos, protótipos da civilização (COSTA, 2011, p. 13).

No período de 1850 a 1870, conforme Pantoja (2012), surgiu o processo de Romanização adotado pela Igreja Católica que objetivava o fortalecimento interno da instituição eclesiástica. Para tanto, buscava uma maior autonomia em relação ao poder civil, especialmente no que se refere à sua organização interna, sem, contudo, romper com o poder político civil, do qual precisava para se manter. Uma alternativa encontrada foi à Igreja Católica do Brasil como um todo, deveria sintonizar-se com o movimento de reforma e estreitar suas diretrizes com as da Santa Sé.

Continua Pantoja (2012), internamente procurava a neutralização da influência do enciclopedismo racionalista e da Revolução Francesa, o que levava a hierarquia católica a adotar uma postura autoritária e antiliberal como também buscava obter maior autonomia diante do poder civil, autonomia essa, afetada pela política do regime de Padroado que subordinava, consideravelmente o clero ao poder real.

Para Pantoja (2012) o plano dos primeiros missionários a viajar pelo Brasil e pelo interior da Amazônia brasileira era conquistar o povo dessas localidades.

Após anos de ajustes e adequações, conclui Pantoja (2012) de ambas as partes a empreitada foi bem-sucedida. Em relação aos conflitos que existiram no princípio de implantação da religião evangélica no Brasil, deixou de existir, atualmente não se encontra mais bispos e missionários discutindo nos jornais católicos ou protestantes, o que se vê é uma discussão midiática onde os líderes religiosos disseminam suas ideias nos canais televisivos e no interior dos templos.

3 RELIGIÃO E O DISCURSO: UMA CONSCIÊNCIA AMBIENTALISTA

O sistema politicamente idealizado pela Sustentabilidade tem firmado suas bases em paradigmas, princípios e objetivos que não conflitem com nenhuma ideologia ou religião nos diferentes conjuntos e linhas do espaço geográfico de importância internacional

Preocupados com todas as exterioridades sistêmicas relevantes às relações entre homem e natureza, sociedades, culturas e etnias, buscam formas sustentáveis para o futuro da raça humana.

Países tratam do tema de modo a separar realidade e ideologia, pois se entende que a função da religião é preencher as lacunas espirituais do ser humano, fazendo o necessário para dar significado e estruturação na vida das pessoas.

A grande maioria de pessoas dentro de uma sociedade professa uma fé religiosa e preocupam-se com o futuro mundial em termos de ecologia, preservação, conservação e Sustentabilidade.

Vale ressaltar nessas considerações que países ricos e desenvolvidos como os Estados Unidos que propagam a evangelização e adotam alguma religião não disseminam com grande veemência a preservação ambiental, já que são grandes poluidores do sistema global.

Enquanto que nos países em desenvolvimento, onde as populações rurais dependem muito da natureza, a população busca na fé uma resposta para o resgate da terra destruída pela ação humana.

Para Barbosa (2008) as revoluções tecnológicas causaram a globalização da sujeira, que é uma ameaça às populações menos favorecidas economicamente, fortalecendo a violência instrumental da marginalidade urbana, provocada pela falta de religião. Mas também fortaleceram o terrorismo nutrido pela fé na vida eterna, que premia os mortos na luta contra a espoliação de seus grupos.

Continua a autora dizendo que somente a consciência ecológica humana poderá transformar as atuais ameaças de desagregação da natureza por vias humanas. E que essa consciência aliada as tecnologias modernas permitirão uma mudança cultural em relação a preservação da natureza e o consequente desenvolvimento com sustentabilidade responsável.

Com essa preocupação tem-se estabelecido novos rumos para o planeta por meio de documentos como no caso da Carta da Terra como se vê na citação do próprio documento.

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações (A CARTA, 2002, p. 1).

Nesse documento se vê claramente a preocupação com o planeta, onde se preconiza que o mundo passa por momentos críticos e de grandes reflexões, haja vista a independência alcançada nos últimos tempos por todos os povos e também os perigos que vieram com essa independência.

Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações (A CARTA, 2002, p. 1).

Segundo Boff (2015), a Terra está doente e como seres humanos feitos do húmus, o homem também se sente doente e se continuar nesse caminho de insensatez das últimas gerações que construiu o princípio de autodestruição não haverá uma segunda chance, portanto somente a sociedade unida para evitar a degradação da biosfera salvará o sistema planetário.

Assim também se estabelece em A Carta (2002, p.1).

Terra, Nosso Lar

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

Sendo a religião entendida como um dos pilares da sociedade conforme (Weber 2006), o homem e tendo o duplo sentido de existência, nele há dois seres: um individual e outro social, e na medida em que o particular compartilha seus sentimentos e ações com

sociedade, ele transcende a si mesmo, tanto no pensamento como na ação. É com base nesse pensamento que se apela para o domínio religioso na dimensão social para progressivamente tentar um resgate não só social, mas também ambiental.

Mais uma vez verificam-se os apelos em A Carta (2002, p.1).

Desafios Para o Futuro

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano.

Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções incluídas.

Responsabilidade Universal

Para realizar estas aspirações, devemos decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade terrestre bem como com nossa comunidade local. Somos, ao mesmo tempo, cidadãos de nações diferentes e de um mundo no qual a dimensão local e global estão ligadas. Cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos. O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida, e com humildade considerando em relação ao lugar que ocupa o ser humano na natureza.

Necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente. Portanto, juntos na esperança, afirmamos os seguintes princípios, todos interdependentes, visando um modo de vida sustentável como critério comum, através dos quais a conduta de todos os indivíduos, organizações, empresas, governos, e instituições transnacionais será guiada e avaliada.

Boff (2015) comenta que não basta o ambientalismo, como se a ecologia tivesse apenas a ver com ambiente natural, as florestas, as águas e o ar, esta perspectiva em seu pensamento pode ser até anti-humanista, segundo a qual, o ambiente é melhor sem o homem, pois este estaria mais para um de satã da terra do que para um anjo bom e protetor.

Acrescenta ainda o autor que onde o ser humano proclama sua presença desponta agressão e apropriação egoísta dos bens da terra. O fato é que o ser humano faz parte do meio-ambiente. Ele é um ser da natureza com competência para transformar a natureza e a si mesmo, portanto essa ideia de preservação encontra-se em harmonia com os ensinamentos religiosos e por esse fato desperta uma consciência Missioecológica atualmente predominante na Igreja Batista Verde em Boa Vista/RR.

Cabe salientar que a história da humanidade e seu destino devem ser entendidos como uma relação de dependência homem natureza e natureza homem, nesse sentido

contribui Maçaneiro (2016) ao afirmar que, a religiosidade e a ecologia se fundem e se consolidam em novas perspectivas da inteligência em prol da justiça, da paz e da integridade da criação. Para o autor é patente o esforço da releitura ecológica das fontes cristãs na busca das gênesis do mundo.

Barbosa (2010) afirma que, o estudo da teologia ecológica é um dos mais novos ramos da teologia e que traz a ideia de que o mundo está se desintegrando e isso reflete a falta de espiritualidade do ser humano.

Para Weber (2006), o diálogo entre lógica, ética e religião trata do sentido das coisas: homem e natureza, consciência e matéria, interioridade e exterioridade, sujeito e objeto. Em sua concepção tudo isso pode ser reconciliado e que nada pode ser separado porque filosofia, ciência e misticismo tudo está integrado.

Dessa forma observa-se que o discurso ecológico ideológico visa uma aproximação entre homem, natureza e religiosidade, mesmo que tenha uma vertente econômica, social e cultural envolvida em tais questões.

3.1 ARTICULAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E MEIO AMBIENTE

Para melhor entender a interação da religião com o meio ambiente Silva (2013) comenta em seu trabalho que todas as religiões ancestrais ministraram ensinamentos e direção para exploração apropriada da natureza, apontando à preservação da vida, da saúde e do meio ambiente, porque dela dependia a vida do indivíduo. Além do mais, na sua raiz, todas as crenças foram importantes para o estudo sobre o consenso e as delicadas nuances da estabilização do universo.

De acordo com Silva (2013), na visão científica europeia moderna, os humanos são superiores à natureza e esse pensamento a outorga o direito de dispor dos animais e da natureza como bem o ambicionam. O oposto dos budistas que cuidam da natureza física e mental num enlace completo com a natureza.

Continua a autora a dizer que:

Nenhuma civilização conhecida promoveu tanta devastação no meio ambiente quanto a sociedade capitalista ocidental Moderna. A degradação ambiental hoje se constitui num dos mais graves problemas a ser enfrentado pela humanidade. As práticas danosas ao meio ambiente atingem também a saúde e o bem estar humanos. A poluição ambiental, a prática do uso de agrotóxicos e os alimentos artificiais destroem a saúde humana, tornando-se um ciclo vicioso (SILVA, 2013, p. 6).

Acrescenta ainda Sousa (2013, p. 8)

Enquanto em outras culturas os critérios de sanção social responsáveis, por exemplo, pela adoção ou não de uma nova tecnologia, eram calcados em parâmetros qualitativos (culturais, éticos e religiosos, como o são as tradições, as crenças míticas, os valores comunitários etc.); no capitalismo, tal desenvolvimento vai ser sancionado e dirigido pelas forças de mercado, pela capacidade de gerar lucros. Ou seja, enquanto em outras sociedades o próprio crescimento econômico e tecnológico estava sujeito a um controle político da sociedade, no capitalismo, tal desenvolvimento pode buscar sua livre expansão no mercado, dirigido e sancionado pela concorrência econômica. Do controle qualitativo passamos à primazia do controle quantitativo.

É possível perceber que a procura de padrões sustentáveis demanda uma visão holística do fato de que em benefício próprio, o homem causa cada dia maior destruição ao seu redor, o que gera preocupação nos diversos setores da sociedade, de forma a se promover ações apropriadas para integrar os agenciamentos da sustentabilidade.

Essa conexão que busca deve estar ligada a uma redefinição política, social, cultural e econômica da sociedade atual e do seu modelo de civilização, como também de um trabalho de consciência individual de relação pessoal, capaz de provocar atos rumo à transformação que é partilhada atualmente por inúmeros estudiosos e religiosos em todo o planeta por meio de propostas que busquem um maior equilíbrio entre homem e natureza.

Silva (2103) comenta sobre o assunto:

No Brasil, inúmeros religiosos e profissionais de diversas áreas se dedicam à questão ambiental considerando-a também em seus aspectos 'espirituais'. Diferentes denominações, em toda parte, realizam encontros, debates e empreendem ações no sentido de esclarecer, educar e encontrar explicações e soluções para as questões ambientais e humanas a ela relacionadas (SILVA, 2013, p. 9).

Nesse sentido ressalta-se que o pensamento religioso tem grande significado na cultura de um povo, estendendo-se sua influência pelos mais variados setores. Dessa maneira aplicam-se também diversos princípios religiosos no mundo dos negócios, nas interações pessoais e nas gerências governamentais públicas ou privadas, com isso procura-se tirar o máximo possível desses princípios propostos para que o homem adquira mais consciência na relação com o meio ambiente sendo essa uma possibilidade de preservação tanto do homem como do seu ambiente que na verdade é a própria natureza.

Para Silva (2013) a questão que envolve religião e meio ambiente vem sendo discutida há bastante tempo.

Em setembro de 1986, em Assis, na Itália, o Fundo para a natureza (WWF- World Wildlife Fund). Lançou sua 'Rede de Conservação e Religião', reunindo líderes ambientais com líderes religiosos, representando Budistas, Cristãos, Hindus, Judeus e Muçulmanos. Cada uma das cinco religiões lá representadas emitiu uma declaração sobre a natureza. Desde então, as religiões Bahá'í e Sikh juntaram-se a essa nova aliança e apresentaram suas próprias declarações em apoio aos objetivos da Rede (SILVA, 2013, p. 10).

Se os valores mais sagrados da humanidade permanecem refreados pelas antigas regras religiosas e filosóficas inerentes à ética e à moral, pondera-se que a comunidade científica, o meio ambiente, a religiosidade e os seres vivos em geral, ganhariam mais se todas considerassem mais cuidadosamente os preceitos ancestrais, para expor as razões pelas quais esses princípios foram instituídos.

Para Boff (2003), o homem é o único que tem a competência de sentir e a presença de Deus na dinâmica universal, desenvolvendo uma consciência ecológica em si mesmo e no outro numa relação de fraternidade e preocupação com o bem comum desta e das gerações vindouras.

Continua Boff (2003), afirmando que a espiritualidade universal ambientalista, surge como uma alternativa urgente por meio de um processo de conscientização já que o homem tem em sua alma sonhos salvacionistas movidos pela esperança de que através de sua experiência possa provocar uma mudança de paradigmas socioeconômicos que possam trazer benefícios para as questões ambientais.

Vê-se que o interesse dos homens pela ecologia brotou nos últimos anos, após verificar-se que a ação insensata do homem sobre a natureza estava pondo em risco a sobrevivência da própria espécie humana.

Com a chegada da consciência ecológica leis foram criadas para obrigar os homens e a sociedade a resguardarem a natureza, e só a partir dessa conscientização a crise poderá ser resolvida, mas para isso é fundamental a integração entre os discursos sociais, religiosos e até mesmo científicos.

Nesse sentido Boff (2003) diz que, para cuidar do planeta, precisa-se passar por uma alfabetização ecológica e se rever hábitos de consumo com ética e só assim poderá se atingir um planeta sustentável.

Para Maçaneiro (2016), uma das tarefas ecológicas das religiões é participar da elaboração de uma epistemologia ambiental para onde possam convergir os ensaios interdisciplinares, o diálogo entre ciências humanas e ciências naturais e o encontro das várias

esferas de realização do humano com seus saberes (arte, direito, ética, comunicação, psicologia, sociologia, religião).

Observa-se que há uma preocupação geral com a conscientização ambiental e a igreja tem dado bastante valor às questões teológicas, pastorais, eclesiológicas, como base de sustentação para a cristandade moderna, vários são os livros, confissões, congressos, simpósios, conferências, entre outros, que tratam de assuntos que versam a doutrina bíblica nos seus variados enfoques.

Foi com o tema “Fraternidade e a Vida no Planeta”, que a igreja católica trabalhou a campanha da fraternidade no ano de 2011, discutindo durante todo o período da Quaresma os problemas que afetam o meio ambiente de forma a promover a conscientização para a preservação ambiental.

Dessa maneira é possível observar o discurso em prol de uma encaminha para a responsabilidade cristã para com as questões ecológicas da atualidade.

3.2 NOVA ORDEM ECOLÓGICA: ECODESENVOLVIMENTO X SUSTENTABILIDADE

A nova ordem ecológica é um tema que tem sido discutido em diversos ambientes, mas será que se sabe o que realmente significa o termo? Entende-se que seja uma junção do pensamento moderno relacionado a preservação da natureza e sustentabilidade com equilíbrio e responsabilidade, com vistas a manutenção do sistema ecológico e a subsistência humana.

As primeiras ideias sobre a ordem ecológica ou consciência ecológica, aparecem nos primeiros anos do Pós-Guerra, considerando a natureza destrutiva do homem e a ameaça das tecnologias científicas para o prosseguimento da própria vida no planeta.

Essa conscientização tem crescido amplamente, ocasionada pelas crescentes ações de diversas representações da sociedade, dentre as quais se destacam: governos, ONGs, universidades, escolas, famílias e igrejas, todas orientadas para a formação de uma nova consciência ou uma ideologia, que cause uma mudança e uma melhoria na qualidade de vida de suas comunidades apontando para uma sustentabilidade.

Dessa forma há necessidade de englobar os termos relacionados: Ecodesenvolvimento, sustentabilidade e consciência ecológica.

De acordo com Montibeller Filho (2011) o conceito de Ecodesenvolvimento foi colocado pela primeira vez pelo Secretário da Conferência de Estocolmo Senhor Maurice Strong, logo depois passou a ser falado por diversas pessoas.

O Ecodesenvolvimento pressupõe, então, uma solidariedade sincrônica com a geração atual, na medida em que desloca a lógica da produção para a ótica das necessidades fundamentais da maioria da população; e uma solidariedade diacrônica, expressa na economia de recursos naturais e na perspectiva ecológica para garantir às gerações futuras as possibilidades de desenvolvimento (MONTIBELLER FILHO, 2011, p. 133).

No entendimento do autor o Ecodesenvolvimento, é um projeto de Civilização, que apresenta um novo modo de vida, de valores adequados com objetivos selecionados socialmente aliados a uma visão de futuro. Um projeto de civilização com dimensão cultural que provoca um plano metodológico e uma apertada imbricação do sistema sócio econômico em conjunto com ecológico sob a ótica da efetivação organizada, planejada para o futuro, numa redefinição dos novos papéis sociais.

Dentro dessa concepção Montibeller Filho (2011) destaca cinco vertentes de sustentabilidade e ecodesenvolvimento, quais sejam: sustentabilidade na área social com vistas a redução da desigualdade social, na esfera econômica direcionada a gestão eficaz de recursos públicos e privados, no âmbito cultural, uma mudança de atitude comportamental da sociedade, contudo que se respeite cultura de cada local, enquanto que na esfera espacial ligaria-se numa relação equilibrada entre a cidade e o campo. Enquanto que nas questões ecológicas a degradação do ambiente seria a menor possível de maneira que a natureza pudesse encontrar nova estabilidade.

Sustentabilidade está dentro do conceito da nova ordem ecológica defendida por Montibeller Filho (2011, p. 135) da seguinte forma:

Desenvolvimento, porque não se reduz a um simples crescimento quantitativo. Pelo contrário, faz intervir a qualidade das relações humanas com o ambiente natural, e a necessidade de conciliar a evolução dos valores sócio-culturais (sic) com a rejeição de todo processo que leva à decuituração. É sustentável, porque deve responder às necessidades da população atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de responderem às suas.

Para Dias (2016) o nome desenvolvimento sustentável, surgiu basicamente no ano de 1986 na Conferência Mundial sobre a Conservação e o Desenvolvimento no Canadá, e objetivava trabalhar o conceito de desenvolvimento com auto sustentação e preservação humana e ambiental.

A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) no ano de 1987 adota o termo de Desenvolvimento Sustentável, fazendo a seguinte definição:

O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades. Ele contém dois conceitos-chave: o conceito de “necessidades”, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres do mundo, que devem receber a máxima prioridade; a noção das limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender às necessidades presentes e futuras (CMMAD, 1991, p. 46).

Dias (2016) acrescenta que esse parecer foi firmado durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento conhecida como ECO 92, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro no Brasil, sendo vastamente expostos por meio dos movimentos ambientalistas, relatórios internacionais, pelos Estados além de outros organismos e organizações não governamentais.

A partir da conferência continua Dias (2016) pôde-se observar três dados apropriadas na promoção do desenvolvimento que acolhesse os imperativos da humanidade de forma presente e futura, dentre os quais se destacaram cooperação entre os povos, o avanço tecnológico e a extensão do mercado.

A preocupação com a tecnologia foi uma das bases do Relatório firmado na conferência com vistas a trabalhar a maior produção alimentos e circulação de informações em todo o planeta como também o maior conhecimento dos sistemas naturais.

Com isso os países mais ricos teriam condições de criar novas tecnologias que agredissem com menor intensidade os ambientes vivos e também buscariam desenvolver políticas de ajuda aos países menos desenvolvidos.

Na compreensão de Dias (2016, p. 5)

Os países em desenvolvimento buscam formas de desenvolvimento inadequadas aos tempos atuais, quando se busca a sustentabilidade. Esse desenvolvimento inadequado desgasta ainda mais os recursos ambientais – já escassos – o que leva a um problema de escassez ambiental, alimentando o ciclo entre pobreza e problemas ambientais. Como a CMMAD compartilha desse raciocínio, uma das principais ações para acabar com a pobreza e, conseqüentemente, com os problemas ambientais, é a expansão do mercado.

Seguindo a mesma linha de raciocínio completa o autor

A institucionalização do conceito de DS se deu, sobretudo, com base em uma interpretação feita pela teoria econômica neoclássica, que praticamente exclui qualquer correlação entre as relações sociais de produção e as origens da crise ambiental. Muitas políticas envolvendo DS limitam-se à inclusão do termo “sustentável” em projetos que francamente não propõem qualquer alteração substancial em modelos de desenvolvimento. Nos termos do antropólogo Foladori, esses projetos de DS baseiam-se, no máximo, em proposições de mudanças nas relações técnicas (homem-ambiente), mas não em mudanças nas relações sociais de produção (DIAS, 2016, p. 10).

O autor conclui seu pensamento dizendo que a classe capitalista achou no Desenvolvimento Sustentável uma ferramenta de amparo do seu status quo, na medida em que essa proposta de desenvolvimento não discute as relações sociais de produção, limitando-se à análise das relações técnicas, o que é menos problemático para o capital.

Vale ressaltar que atualmente o termo desenvolvimento sustentável tem sido substituído pelo termo sustentabilidade.

3.2.1 Missioecologia: Discurso da Igreja Batista Verde

A sociedade contemporânea tem buscado a cada dia alternativas em escala global para conter as ameaças típicas da ação humana sobre a natureza, com objetivo de evitar o esgotamento das fontes principais de manutenção da vida nesse planeta.

É nesse cenário que a religiosidade ganha importância, na medida em que se dissocia da filosofia e das ideologias político-sociais, preocupando-se com todos os aspectos sistêmicos relevantes às relações homem/natureza. O que pode ser denominado de ecologia humana.

Nesse aspecto destacam-se temáticas focadas nos indivíduos, nas comunidades, nas culturas e nas etnias, na ecologia, na sustentabilidade e na própria religiosidade como instrumento natural da humanidade.

Dessa forma, os problemas atinentes ao ato destrutivo da humanidade sobre o meio ambiente estão arraigados no plano mental da própria humanidade, abarcando valores conscientes, passando por atavismos, forças arquetípicas e valores ancestrais o que se denomina de ecologia profunda ou ecologia mental, conforme ensina Boff (2005).

Seguindo essa linha de pensamento, Boff (2005), entende que as propostas político-jurídico-tecnológicas não têm sido suficientemente eficazes para apontar soluções reais no que tange aos problemas de ordem ecológica e sustentabilidade. Para ele, mais do que leis e tratados, é necessário o surgimento de uma nova consciência planetária a respeito da própria natureza da vida.

Esse alerta tem gerado discussões envolvendo as estruturas sociais básicas, que se preocupam em manter o planeta saudável. Essa preocupação traduz a responsabilidade do homem na preservação e manutenção desse ambiente vivo e verde em toda sua diversidade.

De acordo com o texto bíblico, no livro do Gênesis, capítulo 1, versículos de 1 a 31 criou Deus os céus e a terra com todas as espécies de relva, ervas com sementes, árvores

frutíferas, exames de seres vivente nas águas, todos os tipos de aves nos céus e todos os tipos de animais terrestres, colocando-os sob a responsabilidade do homem que também acabara de criar.

No livro do Gênesis, capítulo 2, versículos de 1 a 3, o texto bíblico diz que o universo foi criado perfeito em toda sua plenitude, tendo Deus criado o mundo em seis dias. Vendo que “tudo era muito bom”, descansou no sétimo dia de toda sua obra e criação.

No entanto, ao criar o homem à sua imagem e semelhança, deu-lhe uma especial responsabilidade o de guardador de toda a obra que Ele acabara de criar.

Partindo dessa premissa, verifica-se que muito tem se falado em preservação, ecologia e agora religião e ecologia, uma nova forma de se pensar a manutenção e preservação da natureza em suas gênesis.

Embalado pelo tópico ecologia, a psicologia ambiental adentra no cenário social em busca de um lugar melhor em conjunto com movimentos que debatem uma nova direção para o planeta.

Os progressos na tecnologia e na ciência não mais poderiam ser analisados como simples forma de evitar a deterioração ambiental irreversível para a maior parte da humanidade e com essa preocupação no início de 1992 a Academia de Ciências dos Estados Unidos e a Sociedade Real de Londres apresentaram um documento conjunto, preocupados com a preservação ambiental e a conscientização da humanidade, conforme matos (2011).

Considera Matos (2011), que a partir do ano de 1972, a sustentabilidade passou a ser um tema vastamente discutido tendo seu patamar consolidado na Conferência de Estocolmo, realizada em junho do mesmo ano.

O que se buscou ou pretendia suscitar na conferência era uma nova maneira de pensar a vida no planeta, o que a partir de então tornou-se assunto permanente na agenda internacional de como trabalhar proteção à biodiversidade e o desenvolvimento econômico, social e cultural.

A agenda 21 realizada no Rio de Janeiro em 1992, que sucedeu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, definiu parâmetros para a sustentabilidade, passando a constituir um balizador no que diz respeito à questão ambiental.

Cinco anos após a Rio 92, é firmado no Japão, o Protocolo de Kyoto, com o compromisso assumido pelas nações de diminuir a emissão de gases poluentes, ocasionadores do efeito estufa, entrando em vigor o mencionado documento em 2005, com a adesão da Rússia e Canadá.

Muito embora esse documento tenha sido firmado por alguns países, não contou com a adesão dos Estados Unidos, que é considerado como maior emissor de gases poluentes e também da Austrália, que se absteve de assinar o documento, e, continua a gerar expectativas negativas da comunidade científica em relação ao aquecimento global.

Verifica-se então, que somente medidas de natureza política não irão resolver os problemas que envolvem a degradação do planeta. Faz-se necessário questionar o modelo cultural civilizatório que envolve o homem, natureza, ética, moral e religiosidade que assume um papel de autoridade e de acesso à consciência individual e por extensão sua influência sobre a coletividade na busca da necessária criação de uma nova consciência planetária.

A busca de novas formas de preservação e manutenção da natureza passa pela transversalidade de todos os seguimentos da sociedade, onde ciência, cultura religião e educação precisam emanar esforços para que se possa voltar ao “*Status Quo*” das gênesis, mas para isso conta-se com a contribuição da religião, seja no plano metodológico, como diligente, ou servindo como interconexão entre a instância espiritual do ser humano e as demandas para a promoção da qualidade ambiental.

Verifica-se que, religião, sustentabilidade e ecologia, são assuntos que geram discussões e de fato devem ser discutidos, pois estão no centro dos interesses da sociedade já que, para a vida real a religião assume uma função de responder a questionamentos subjetivos do indivíduo, que busca na religiosidade uma forma de aceitação dos desígnios de sua existência e assim, a religião procura satisfazer no que pode, e quando pode, para dar sentido e estruturar a vida do ser humano.

No entanto, muito embora a maioria da população tenha fé, está ameaçada pelas mudanças globais que não provocaram, fazendo-se necessário a urgência do enfoque funcional das religiões, que só a ecologia humana pode oferecer.

As formas de agressão à natureza têm gerado discussão em âmbito mundial em virtude da crescente crise ecológica e dos problemas sociais que assola a sociedade, e mais do que nunca se faz necessário iniciativas de cunho socioambiental por meio de multiplicadores de consciência em busca de superação da crise em evidência.

Atualmente o termo multiplicador é usado em qualquer seguimento da sociedade, principalmente quando se trata de difundir conceitos sobre um determinado assunto ou ideia.

É comum usar a expressão para designar pessoas ou grupos que participam de um processo de formação em alguma área e que assumem o desafio de repassar o que aprenderam para outros.

Significa dizer que, ser um multiplicador de consciência ambiental é influenciar positivamente outras pessoas a agirem como se estivessem imbuídas de uma missão que desencadeará ações socioambientais.

Partindo dessa premissa, a igreja assume um papel de multiplicador de conscientização ambiental, tanto para seus membros como para a sociedade onde está inserida.

De acordo com Matos (2011), a religião não consiste somente na crença transcendental em um ou vários deuses, ou na questão da vida depois da morte. A religião também instrui o comportamento humano em relação ao mundo real, à natureza material e à inteira criação.

Os princípios éticos e morais das religiões conforme Matos (2011), influenciam também o comportamento humano com relação à natureza. Consciente ou inconscientemente, esse comportamento para com o ambiente e a natureza é baseado na visão de mundo.

Para Matos (2011), a visão de mundo que influencia o comportamento humano para com a criação, é também configurada pela perspectiva religiosa, já que a religião, devido à sua autoridade moral, tem o poder de determinar a imagem que o fiel faz do cosmo, e de modificar o modo como ele interage com a natureza.

Com base nesses ideais, a Igreja Verde surge como promotora da Missioecologia, estabelecendo práticas ecológicas dentro da própria igreja e atuando como multiplicadora dessas práticas na comunidade e na sociedade.

Pregando uma nova postura diante da natureza e do ser humano, estabelece Deus como criador e doador da vida, em todas as suas formas, não podendo haver o domínio de um ser humano sobre outro e nem deste sobre a natureza.

A Missioecologia preconizada pela igreja estimula ações que promovam a sustentabilidade da vida humana em um meio que glorifique a Deus e seja marcado pela justiça social e pela qualidade ambiental.

Ao falar de religião, Weber (2006), acredita que o ascetismo cristão é o agente dinâmico em sua relação com o mercado da vida. Produzindo empresários e trabalhadores ideais para a consolidação de uma nova ordem social.

Observa-se hoje em dia, uma influência significativa da religião no crescimento econômico e social, legitimado na contemporaneidade. Vê-se com isso, que certos grupos de igrejas lideram empreendimentos dentro e fora da área religiosa, ocasionando um desenvolvimento econômico por meio da circulação de bens e o crescimento populacional.

Esse fenômeno foi observado por Weber (2006), ao dizer que a ética e as ideias puritanas influenciaram o desenvolvimento do capitalismo.

O mesmo autor define o espírito do capitalismo como as ideias e hábitos que favorecem, de forma ética, a procura racional de ganho econômico. Afirma que tal espírito não é limitado à cultura ocidental, mas que indivíduos noutras culturas não tinham podido por si só estabelecer a nova ordem econômica do capitalismo.

Para Guareschi (1999), a igreja pode ser considerada como um aparelho ideológico, nas relações de dominação, no caso do sistema capitalista. Considera o autor que a religião é superestrutural ao se tornar um conjunto de mediações simbólicas, gestos e rituais quando se torna doutrina explicativa a serviço de nações e impérios.

Assistimos “uma disseminação da religião estatal, que endeusa fetichiza e absolutiza o sistema”. Essa é a religião acrítica, domesticadora, alienadora, instrumento ideológico do imperialismo, que usa o nome de Deus para poder melhor dominar e explorar. (GUARESCHI, 1999, p.117).

Com a exploração econômica ou circulação de bens, a religião apresenta-se como um motor da força propulsora do crescimento econômico, servindo para assegurar a base local, ou seja, a família em seu contexto estrutural.

Para maior explicação do fenômeno do crescimento apresentado pela religião encontram-se os donos do poder, “que na sua explicação de universo, colocam a raiz de todos os males na vontade de Deus ou de seu opositor satanás, assim a religião torna-se solução de todos os problemas no entregar-se a Jesus” (GUARESCHI, 1999, P.119).

Para Guareschi (1999), existe também uma religião infra estrutural, que contem na sua essência o reconhecimento da relatividade das coisas, ela é antifetichista, mostra à precariedade, transitoriedade de tudo que é histórico, principalmente dos sistemas sociais que se dizem absolutos, eternos, divinos.

Já para Malinowski (1978), o funcionalismo procura entender o que é uma sociedade em si mesma, e o que a torna viável para os que a ela pertencem, observando-a no presente através da interação dos aspectos que a constituem.

Nesse caso pode-se dizer que a religião está intimamente ligada ao desenvolvimento cultural, econômico e social, acrescentando “se a cultura é a alma de um povo, a religião é o centro, a alma da cultura. Quando um povo não tem mais aonde se agarrar, ele se agarra na religião”. (GUARESCHI 1999, p.140).

Para melhor disseminação de ideias e favores oferecidos aos pobres e necessitados da palavra de Deus, as igrejas utilizam-se de meios de comunicação para disseminar suas ideologias, assim acrescenta o autor;

“São os meios de comunicações os principais transmissores de cultura dum país, eles são os carregadores e os transformadores da cultura. São eles responsáveis pela maneira de comer, fumar, dançar, cantar, morar, de beber e de vestir. E esse pano de fundo que leva a mudança de cultura, é o que fica na mente das pessoas”. (GUARESCHI 1999, p.142).

De acordo com Politzer (1987), na luta ideológica que devemos conduzir todos os dias, encontramos-nos perante problemas difíceis de resolver: imortalidade da alma, existência de Deus, origens do mundo, etc. Não se pode lutar por pão sem lutar pela paz.

Quanto à luta ideológica que se manifesta pela propaganda, deve-se ter em consideração um método de raciocínio que nos permitirá discernir entre o certo e o errado, o bem e o mal.

Esse pensamento se afirma ao fator econômico, levando-se em consideração que o seio familiar por meio do chefe da família busca bases sólidas para construção da economia ao seu entorno garantindo melhores condições econômicas para a sua descendência.

A religião de certa forma exerce em grande parte o papel de coesão social, possibilitando organicidade que se expressa ora como homogeneidade e ora como heterogeneidade. Além disso, as expressões religiosas são entendidas como relações de dependência, submissão e proteção, reproduzindo a estrutura religiosa na dinâmica social, como analisa Oliveira (2006).

Logo que os primeiros homens surgiram, conforme Politzer (1987), completamente ignorantes, “sem ter conhecimento do mundo, nem deles próprios, atribuíam a seres sobrenaturais a responsabilidade de tudo o que os espantava. Na sua imaginação tinham dupla existência, e perturbados por esse pensamento chegaram a imaginar que os seus pensamentos e sensações eram produzidos não pelo seu próprio corpo, mas por uma alma particular que os deixava na hora da morte”. (POLITZER, 1987, P.16-7),

Em consequência, nasceu a ideia de imortalidade da alma e de uma possível vida do espírito fora da matéria. Desse modo a fraqueza e inquietação perante as forças da natureza eram controlados por um representante de Deus, criando-se um controle desses povos por meio da presença Divina, que castigava os pecadores e bendiziam os fiéis (POLITZER, 1987).

Com base no pensamento de Heráclito, filósofo grego, os persas destacavam ser o homem a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não

são. Se existisse alguma coisa que não se pudesse conhecer e se viesse a conhecê-la não poderia comunicar a outro esse conhecimento, que somente o conhecimento elevaria a glória da alma.

Portanto, observa-se que desde tempos remotos a religião se destaca como um dos mecanismos da sociedade, por isso Pierucci (2004) citando Montesquieu em seu livro (*Esprit des Lois*, Livro XX, cap. 7), ao falar dos ingleses enfatiza que “foram, de todos os povos, os que mais progrediram em três coisas importantes: na religião, no comércio e na liberdade”.

Em relação a esse pensamento, Geertz (1978), seu livro *A Interpretação das Culturas*, afirma ser a expressividade do ser humano baseada em símbolos, palavras, atitudes e comportamentos usados para exteriorizar seu padrão comportamental no meio social, ou seja, sem controle cultural o homem seria um ser ingovernável, dependendo, portanto de influências extragenéticas que regulam o seu comportamento (GEERTZ, 1978).

Não é por acaso que a influência religiosa cresce a cada dia, até mesmo práticas inovadoras surgem para unir o homem à natureza criadora, como é o caso do "Galo Verde", um selo de qualidade nascido na Alemanha, dentro da Igreja Evangélica valdense, para igrejas ecologicamente sustentáveis.

De acordo com Zielonka (2013), ideia do selo nasce em 2001, no sul do estado (Baden-Württemberg), um sistema de gestão ambiental desenvolvido de acordo com os padrões europeus, aplicado tanto nas igrejas quanto nas áreas de influência religiosa, tais como escolas cristãs, asilos, hospitais, abrigos.

O objetivo do selo conforme o padre Zielonka é certificar as boas práticas tanto na redução do consumo como na redução de desperdício bem como na produção de energia limpa.

Para Weber (2006), a ação humana é condicionada, seja a valores ou a fins. Dessa forma verifica-se que há um condicionamento da religião em relação a práticas de preservação ambiental, que os liga a uma Deidade criadora do universo.

4 IDEOLOGIA DA IGREJA BATISTA VERDE

O discurso ressaltado é dito ideológico por que não há lógica com os valores religiosos levantados por pelo menos três fundamentos respeitáveis para a comunidade cristã. O primeiro está ligado a história cristã, onde não se observa a pregação do evangelho enfatizando a ecologia de uma forma mais específica. O segundo fundamento relaciona-se com os valores humanos que nem sempre se preocuparam com a natureza, sendo esta preocupação uma questão recente, e o último está ligado ao equilíbrio social, no qual a sociedade ao contrário de trabalhar a preservação e manutenção da natureza pela sua própria sobrevivência apropriou-se dela para crescer e se desenvolver economicamente.

A falação demonstra por si só a real intencionalidade do indivíduo emissor ao levantar e espelhar uma mensagem valendo-se de algum veículo e forma de expressão, no caso os significantes e suas definições.

Com a ideologia verde por meio do poder religioso não seria diferente. A substância e o exercício religioso discursivo da sociedade atual evidencia de forma clara qual a real intenção de alguns indivíduos para controle e comando argumentativo até mesmo da mídia televisiva. No conceito de Pierucci e Prandi (1996, p. 270),

a prosperidade está aberta a todos, mas em troca é preciso que se dê o que se tem para a igreja, quanto mais melhor, de preferência tudo. Quanto mais se dá para Deus, mas se recebe, e isso não é mera retórica. São inúmeras as estratégias e os jogos operados pelos pastores nos cultos para extração de dinheiro. O ato de dar o dinheiro, com a certeza de que ele vai voltar, acrescido, é um gesto de investidor [e não de gratidão e fidelidade]. [Uma tal] Religião muda expectativas, modela comportamentos, altera desejos e frustrações.

A vicissitude é alimentada por infidas promessas e criativos símbolos usados para incitar no ouvinte a vontade e a necessidade cada vez maior de ser parte do grupo no qual supostamente poderá se concretizar existencialmente, oferecendo-lhes a seguir algum produto dito religioso como elemento certo de se potencializar e consolidar tais iniciativas de aspiração.

Em tais discursos não há disputa entre cobiças e indigências. Ao contrário, as igrejas são transformadas em verdadeiras instituições de desejo, onde os acadêmicos jamais se formam e cuja meta é manter os principiantes/aprendizes num infindável ciclo de aspirações, que supera em muito o nível simbólico. Nesse contexto Peña-Alfaro (2007, p. 105), acentua que:

O uso de elementos publicitários no contexto discursivo iurdiano nos parece um “abuso de poder”, para usar a expressão de Van Dijk, por parte de um grupo poderoso e hegemônico que tem a força comunicacional de seus próprios meios: televisão, rádio e jornal – para veicular e reforçar sua mensagem. A credibilidade da mensagem apoia-se no meio. Aos olhos da população isso é importante, pois a credibilidade do meio depende também a eficácia persuasiva desta mensagem religiosa.

Para concretizar esse discurso finalístico, materialista e mercadológico, coloca-se uma desleal e inquestionável legitimidade dos meios utilizados, os quais nada são senão ostentações manejadas para se materializar os fins nada religiosos dos estabelecimentos e grupos que o controlam.

Forma-se a partir de então uma sucessão viciosa do qual as pessoas não têm condições de resistir.

É nesse cenário que a ideologia da igreja verde se inicia, com o Programa Igreja Verde em parceria com o Instituto Gênesis 1.28 e a Igreja O Brasil Para Cristo, apresentando como objetivo despertar na igreja o compromisso para promover ações de sustentabilidade.

O Instituto Gênesis 1.28 de acordo com Limeira (2011, p. 79 - 80), é:

Uma organização que tem como missão primordial cooperar e promover o desenvolvimento social, ambiental e espiritual sustentável, através do aprendizado, diálogo e ação.

No preâmbulo do seu Estatuto são apresentados dois artigos que dizem, respectivamente que o Instituto Gênesis 1.28, constituído no dia 26 do mês de fevereiro do ano de 2009, é uma Pessoa Jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, e duração por tempo indeterminado, formada com base na Constituição Federal, no que preceitua os Artigos 1º., inciso III, 3º., incisos I e IV, 4º., incisos II e VIII e 5º., incisos IV, VI, VII e VIII, com sede administrativa na Capital do Estado de São Paulo, na rua Afonso Sardinha, 95, cj. 121, Lapa, CEP 05076-000 e foro na Capital do Estado de São Paulo; e que tem por finalidade: Criar, Fomentar, Desenvolver, Implantar e Gerir Projetos de âmbito Educacional, nas áreas social e ambiental tendo em vista convênios com os poderes público, privado e eclesiástico, através de projetos educacionais, seminários, palestras e parcerias com empresas públicas e privadas, com e sem fins lucrativos, nacionais e internacionais, de maneira a atender o escopo de seus trabalhos.

Objetiva ainda a implantação e desenvolvimento de pesquisas socioambientais, a colaboração com instituições públicas e com a iniciativa privada, no sentido de proteger áreas de reserva ecológica reconhecida, promover a cultura, ética, paz, cidadania, direitos humanos, democracia e outros valores universais; promover e participar de eventos relacionados com a ecologia, defesa das biodiversidades e da família; promover todos os meios de comunicação necessários ao atendimento de seus objetivos; fomentar a captação de recursos para serem aplicados na criação, implantação e gestão de projetos relevantes, que visem a sustentabilidade social e ambiental, bem como, para viabilizar os demais objetivos do Instituto Gênesis 1.28, previsto neste estatuto;

Continua Limeira (2011, p. 80 – 84) a falar que o objetivo do Instituto Gêneses ainda tem a função de:

fiscalizar e proteger toda a forma de vida, denunciando os agressores, informando as irregularidades aos órgãos competentes, impetrando, quando necessárias, as medidas judiciais cabíveis contra pessoas físicas ou jurídicas, privadas, públicas, eclesiásticas dentro dos limites da legislação pertinente; manter convênios e trocas de experiências com entidades nacionais, internacionais, públicas e privadas com objetivos congêneres, podendo inclusive, mediante prévia aprovação da diretoria, a celebração de convênios com as entidades escolhidas e aprovadas.

O Instituto Gênesis 1.28 mantém um site organizado em que informa sobre os avanços no que diz respeito às ações em prol da proteção e preservação do meio ambiente, em quaisquer que sejam seus âmbitos.

Além disso, o Instituto Gênesis 1.28 administra o Fórum Social e Ambiental. Este fórum oferece a oportunidade extraordinária para conhecer, discutir, fomentar e estimular iniciativas no contexto do Desenvolvimento Social e Ambiental Sustentável pela compreensão abrangente e precisa de planejamento e ações articuladas nos diversos níveis da sociedade civil e governamental, bem como criar um ambiente incubador das capacidades institucionais.

A Reserva da Biosfera foi instituída pela UNESCO para abrigar uma rede de áreas, em todo Planeta Terra, de relevante valor ambiental para a humanidade.

O Instituto Gênesis 1.28 ofereceu à sociedade, em parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil, a EcoBíblia, também chamada de Bíblia Verde, que é considerada a Primeira Bíblia ecológica do mundo e que destaca os princípios bíblicos como instrumento de educação socioambiental e de conscientização das igrejas cristãs. Esta obra serve de instrumento para a disseminação do programa Igreja Verde, criado pelo Instituto com o objetivo de despertar nas igrejas cristãs a importância dos cuidados com o meio ambiente.

Outro projeto do Instituto Gênesis 1.28 é o Programa Bíblia: O Arado da Salvação do Planeta Terra. Na Bíblia Sagrada, de Gênesis a Apocalipse, Deus registrou os modelos de Desenvolvimento Sustentável, Responsabilidade Social e Ambiental, e também de Cidadania, para que o seu povo seguisse. Com isso, o que se quer é levar conhecimento, estimular iniciativas no contexto da sustentabilidade das biodiversidades, com base nos ensinamentos da Bíblia Sagrada. A vida é um bem absoluto concedido por Deus.

No Programa Ecocapelania, o Instituto Gênesis 1.28 desenvolve uma atividade cuja missão é colaborar na formação integral do ser humano, oferecendo oportunidades de conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação dos valores e princípios ético-cristãos e da revelação de Deus para o exercício saudável da cidadania e preconiza a missão de cuidar e prover apoio ao ser humano em situação e 84 comportamentos de risco. Sua atuação, portanto, é ampla e está imersa nas grandes demandas produzidas pela sociedade moderna.

O Instituto Gênesis 1.28 ainda mantém o Programa Igreja Verde cujo objetivo é gerar um impacto que desperte a consciência e motive a Igreja a desenvolver ações que interaja explicitamente com o nosso Meio Ambiente.

De acordo com Limeira (2011), algumas ações têm ganho, destaque em questões ambientais religiosas no Brasil tais como a criação Selo Igreja Verde pelo deputado estadual José Bittencourt do PDT no estado de São Paulo, por meio de projeto de lei, para ser entregue às igrejas comprometidas com a ética relativa às causas ambientais.

A ação objetiva conceder o Selo, por meio da Secretaria do Meio Ambiente aos templos que se destacarem na propagação da preservação ambiental e na conscientização comunitária no sentido de praticarem a reciclagem de materiais, adotarem economia de

energia, diminuir o consumo de água e na ministração de palestras ou cursos sobre leis ambientais.

Para Limeira (2011, p. 77), o selo na intenção do deputado será:

“Um fomentador de ações em prol do meio ambiente, pois as medidas que visam à preservação ambiental são consensuais em todos os setores da sociedade, já que as igrejas verdes abriram espaço para conscientização ecológica, e, sendo elas multiplicadoras de ações ambientais, pretendem reconhecer tais trabalhos através do Selo”.

De acordo com Limeira (2011, p. 77) o programa Igreja Verde luta para implantar nas igrejas os projetos de reciclagem, economia de água e energia elétrica, reutilização de água de chuva, captação de energia solar, entre outros projetos ecológicos. O programa foi criado em 2002, mas está em fase de amadurecimento, procurando estabelecer relacionamentos e parcerias com diversas comunidades.

Além do deputado José Bittencourt do PDT, conforme informa Simioni (2009), outros políticos estão envolvidos com as questões ambientais e religiosas assim como os representantes do partido verde que militam a causa verde no país.

Simioni (2009), diz que, em entrevista, Roberto de Lucena (deputado federal, atual líder do partido verde), e também pastor da Igreja O Brasil Para Cristo, falou sobre a proposta da igreja verde, alegando que no Brasil são 50 milhões de evangélicos que necessitam fazer uma reflexão da gravidade do momento em que se vive em relação ao meio ambiente a à saúde do planeta.

Segundo a autora, na entrevista é falado também que dos quase 7 bilhões de pessoas no mundo todas elas precisam comer, beber, vestir, precisam de educação, saúde, trabalho, mas o planeta não suporta essa grande população. Isso faz com que os recursos naturais se esgotem. Se não for feito algo urgente, caminha-se para um futuro trágico e dramático.

Simioni (2009) prossegue acrescentando que o pastor lastima por ver pessoas observando à degradação do meio ambiente enquanto esperam por atitudes das potências mundiais, sendo as pequenas atitudes que fazem diferença, dessa forma o Programa Igreja Verde sugere que cada igreja tenha a preocupação ecológica ao edificar seus templos, desde o desenho arquitetônico, que deve ser em consonância com os conceitos de conservação do meio ambiente.

Nesse sentido a contribuição da igreja começa desde a compra do mobiliário e equipamentos, de forma que se compre apenas madeira certificada e que não seja fruto de

desmatamento, além de fazer melhor aproveitamento da água da chuva, potencialização da energia elétrica, reciclagem, dentre outros pequenos gestos que podem fazer grande diferença.

Para o pastor e deputado, segundo Simioni (2009), se essas ideias forem levadas para cada lar e cada fiel entender que é responsabilidade do cristão cuidar do Jardim de Deus, então o Programa Igreja Verde alcançará seu objetivo.

Esse programa intitulado Igreja Verde, conforme Simioni (2009) se estendeu para a Igreja O Brasil Para Cristo, onde foi recebida e compreendida a visão do programa apoiando o imaginado e recomendado pelo Instituto Gênesis, mas com foco na ampliação do mesmo para outras denominações, até mesmo para os católicos e não evangélicos.

Complementa Simioni (2009), que ao questionar o porquê de outras denominações nunca terem aparecido com temas sobre ecologia e meio ambiente, o pastor Roberto teria dito acreditar que haja outros projetos em ação e crê que existem outras pessoas realizando coisas boas em relação à preservação do meio ambiente e pregando a sustentabilidade, muito embora ainda não exista divulgação do que já acontece.

Por isso acredita o pastor, segundo Simioni (2009), que se tem uma igreja evangélica brasileira consciente e interessada em adotar tais práticas, a partir dessa divulgação outras iniciativas irão surgir e assim os frutos serão vistos na igreja como decorrência do Programa Igreja Verde, dentre os quais, pessoas com maior qualidade de vida, aumento da responsabilidade social, como também um melhor desenvolvimento com sustentabilidade, além de causar impactos positivos na comunidade, obrigação com a vontade de Deus e uma herança para as próximas gerações.

Atualmente, segundo Simioni (2009), o Instituto Gênesis realiza seminários e workshops para exposição e apresentação do Programa Igreja Verde em todo o Brasil.

É a partir dessa concepção de igreja verde que se adota o termo Ecocristãos, ou seja, cristão preocupado com a natureza, em conformidade com a Bíblia Sagrada, formando assim a ideologia verde.

Tal ideologia, apesar de edificada em termos de discurso a partir de metáforas, se vale de métodos e técnicas já há muito experimentadas, porém empregadas de forma a controlar o consciente e o inconsciente do adepto, dentre elas a divulgação de mercado, que trabalhada o indivíduo de forma que ele se sinta parte integrante de algo maior, cumpridor de uma missão, executor de tarefas designadas por um ser supremo, capaz de compensá-lo com bênçãos físicas, mentais e espirituais, as todos os seres humanos almejam, principalmente pessoas empregadas e que sonham melhor suas condições financeiras com as bênçãos divinas, como se vê no quadro 3 a adesão religiosa no Brasil segundo sua ocupação.

Quadro 3 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas, por religião, segundo o sexo e a posição na ocupação no trabalho principal - Brasil

Sexo e posição na ocupação no trabalho principal	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência								
	Total (1)	Religião							
		Evangélicas				Espírita,	Umbanda e Candomblé	Outras religiosidades	Sem religião
Católica apostólica romana	De missão	De origem pentecostal	Outras Evangélicas						
Total	65 629 89	49 081 06	763 417	5 854 990	574 114	1 093 01	234 531	1 159 614	4 805 990
Empregados (2)	43694 129	32 284 518	1813 009	4 062 593	400 507	756 466	165 169	779 857	3 387 565
Empregadores	1 897 842	1 443 563	97 460	99 626	16 526	71 434	6 415	49 922	111 558
Conta-próprio	15396 247	11 423 304	679 759	1 411 400	135 798	251 159	60 111	289 617	1 132 133
Não remunerados em ajuda a membro do domicílio	2608 533	2 157 383	133 114	171 109	14 168	11 666	1 995	26 616	89 861
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	2 033 141	1 772 297	40 076	110 261	7 116	2 294	840	13 602	84 874
Homens	40860097	30 842 188	1483 798	3 335 765	311 144	509 559	122 985	630 573	3 586 179
Mulheres	24769796	18 238 876	1279 619	2 519 225	262 970	583 460	111 547	529 041	1 219 811

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000

(1) inclusive as pessoas sem declaração de religião

(2) inclusive os trabalhadores domésticos e os aprendizes ou estagiários sem remuneração

No quadro em análise, notadamente se percebe que a maior concentração de pessoas cristãs/evangélicas que pertencem ou professam uma fé, são empregados que acredita ou buscam por meio da fé uma mudança de vida.

4.1 HISTÓRIA DA IGREJA BATISTA VERDE NO BRASIL

Por ser uma nova denominação religiosa que estabelece suas bases nas fontes evangélicas adotando o princípio de guardadores do jardim do Éden⁸, não se encontra literaturas que tratem do assunto.

O que se pode acrescentar é que a Igreja Batista Verde no Brasil nasce particularmente na cidade de Boa Vista, Estado de Roraima, como uma denominação autônoma, mas com raízes originadas na Igreja Batista do Brasil.

No entanto as igrejas que propagam o novo testamento são autônomas, exercitam a disciplina e se conduzem em todas as questões espirituais e doutrinárias.

⁸ Segunda a Bíblia Sagrada foi um jardim especial criado por Deus, onde existia a árvore do conhecimento do bem e do mal e também a árvore da vida eterna.

Pela pregação da igreja batista, entende-se que a mesma tem uma posição de responsabilidade, mas com caráter ministerial espiritual.

Para Limeira (2011), a igreja, enquanto instituição religiosa tem autoridade para nortear os crentes a uma nova ética ambiental de maneira que participem dos debates sobre a questão ambiental, pois é a igreja que tem uma nova ótica da criação.

De acordo com a autora, algumas igrejas batistas adotaram o discurso produzido pela 91ª Assembleia⁹ da Convenção Batista Brasileiro (CBB), inspirado pela Carta de Niterói, com propostas de reciclagem e por meio do programa “Ajude a Preservar a Vida”.

Essa inspiração segundo Limeira (2011), chamou a atenção da Igreja Batista Boas Novas (IBBN) localizada na cidade de Cuiabá/MT que aderiu a causa como também, a Primeira Igreja Batista de Cascavel, no Paraná, que também tinha uma perspectiva de trabalhar de em rede e a partir dessas novas diretrizes passou a administrar o Projeto Missioecológico, um projeto de missões e ecologia que utilizara voluntários cristãos para fazer missões no Norte do Brasil e em países fronteiriços.

Com esse ideal, até antes da convenção Batista, no ano de 2009 firmaram no Estado de Roraima a primeira parceria para se trabalhar a implantação de uma igreja verde para disseminar a ideia da Missioecologia, em 2010 foi feito contato com a igreja na República Bolivariana da Venezuela e, em seguida com a Cooperativista da Guiana.

O principal objetivo da Primeira Igreja Batista de Cascavel em firmar tais parcerias seria trabalhar e envolver a Igreja Batista na proposta de promover o desenvolvimento com sustentabilidade, partindo da premissa de que a vida integral só poderá ser adquirida em termos ecológicos, se for obtido um resultado satisfatório para garantir a sustentabilidade do meio ambiente.

De acordo com os seguidores da ideologia verde, a observância pela preservação de forma a garantir a sustentabilidade do planeta garantirá, antes de qualquer coisa, que a fome, a pobreza e a miséria sejam afastadas e, com essas práticas aniquilaria a dura realidade que induz pessoas a cometerem exploração predatória dos recursos naturais disponíveis em determinadas áreas do Brasil, da Amazônia e do Planeta.

Com essa ideia aderiram a ideologia Missioecológica, a Primeira Igreja Batista do Recreio e a Igreja Batista Peniel de Pedreiras e a juventude da Igreja Batista do Conforto, na cidade de Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro, para juntos compartilhar o movimento de alerta para o Aquecimento Global e a Hora do Planeta.

⁹ Encontro das igrejas ocorrido no estádio Caio Martins, zona sul de Niterói/RJ.

O discurso adotado pelas igrejas de ideologia verde é de que como seres humanos criados por Deus adquiriu-se a responsabilidade de mordomos da terra que o Senhor confiou para cuidados e assim, reavaliar se o relacionamento com a natureza tem sido satisfatório.

Também no Estado da Paraíba, no ano de 2011 alguns eventos relacionados a Missioecologia ocorreram por meio da Primeira Igreja Evangélica Batista do bairro de Jardim Veneza em João Pessoa, o tema escolhido foi “Com vida plena preservemos o mundo” utilizando-se do texto bíblico constante no livro de Romanos, capítulo 8, versículo 22 que diz: “Porque sabemos que toda criação geme e está juntamente com dores de parto até agora”.

Observa-se que a ideologia da igreja verde está sendo disseminada por meio das igrejas batistas e a partir delas se formam novas denominações.

Muito embora se saiba que a questão da preservação já vem sendo discutida por instituições que visam premiar práticas visíveis de sustentabilidade como é o caso do selo Galo Verde.

O selo de qualidade intitulado Galo Verde surgido na Alemanha, dentro de instituições evangélicas, para estimular igrejas em práticas ecologicamente sustentáveis.

A ideia surgiu no ano de 2001, no sul do estado Baden-Württemberg na Alemanha. Segundo GODOY, Amalia; BIAZIN, celestina (2000), o selo é um princípio de gestão ambiental desenvolvido conforme os padrões europeus que são aplicados tanto nas igrejas quanto nas áreas de extensão religiosa, tais como escolas, abrigos, asilos e, hospitais cristãos, tendo por objetivo certificar essas boas práticas, tanto na diminuição do consumo como no abatimento do desperdício na produção de energia limpa.

Para GODOY, Amalia; BIAZIN, celestina (2000) o projeto do selo como certificação só foi possível graças à cooperação entre a Igreja Evangélica em Württemberg e o Gabinete de Desenvolvimento e Meio Ambiente, apadrinhado pela Fundação estatal alemã para o meio ambiente, dessa forma no ano de 2002, o Sínodo da Igreja Evangélica em Württemberg considerou adequado aplicar nas comunidades por ser acatado como o primeiro selo ambiental no âmbito religioso.

Vê-se que a disseminação ideológica de preservação do planeta e a questão da sustentabilidade foi uma prática utilizada no meio evangélico e que retorna com maior ênfase ecológica atualmente.

Nos dias atuais o selo verde é reconhecido internacionalmente pelos consumidores de madeira e aqueles que usam produtos para estruturas na construção civil. Assim o comprador adquirir produtos com a garantia de que os mesmos não agredem as florestas tropicais.

Toda essa inquietação brotou a partir da crescente preocupação ambiental por governos e organizações não governamentais de vários países envolvendo todos os seguimentos da sociedade, inclusive as religiosas.

Portanto pode-se dizer que assim nasce a história verde em várias partes, sem deixar o Brasil de fora.

4.2 HISTÓRIA DA IGREJA BATISTA VERDE NA AMAZÔNIA

Por ser um tema novo ainda não há registros para contar a história dessa denominação na Amazônia, apenas que tem sua origem no vizinho Estado de Roraima, onde proclama o evangelho Missioecológico como forma de trabalhar a propagação do evangelho.

Sabe-se, porém, que a Amazônia é cheia de religiosidades que, mesmo não pregando a ideologia verde buscam formas de preservar o espaço que ocupam, como também introduzir na nova geração uma consciência ecológica, com vistas e preservação do próprio eco sistema.

Não é por acaso que se fala tanto da Amazônia, pois nela está concentrada grande riqueza ecológica e também riquezas culturais por meio de experiências indígenas que passam de geração em geração.

Portanto é fácil se concluir que mesmo sem uma denominação religiosa estabelecida como instituição formal, existe uma ideologia verde no seio da sociedade amazonense.

4.3 IGREJA BATISTA VERDE NA TRÍPLICE FRONTEIRA

A aliança formada pelas igrejas que se localizam na fronteira brasileira se deu por meio da convivência harmônica estabelecida entre os povos que promovem a implantação do evangelho em todos os lugares.

Com objetivo de formar uma igreja com ideais verdes, busca o representante da instituição Igreja Batista Verde de Boa Vista, diálogo com as igrejas Lethem Baptiste Church e Iglesia Bautista Casa de Dios para juntos trabalharem a ideia Missioecológica

Os primeiros contatos se deram por meio de visitas e troca de informações de como desenvolver a pregação do evangelho entre os indivíduos que ainda não tinham uma fé instituída.

É a partir de então que se formam os laços de amizade e compartilhamento de doutrinas usadas em ambas as igrejas.

Muito embora trabalhem com a propagação do evangelho cada uma das igrejas segue suas próprias doutrinas, sendo que o princípio é comum a todas, ou seja, a pregação do evangelho.

4.3.1 Igreja Batista Verde na Venezuela

A igreja estabelecida na cidade de Santa Elena de Uaiarém na República Bolivariana da Venezuela apresenta-se como uma igreja missionária.

Criada pelo então pastor Adriano e sua família, a Iglesia Bautista Casa de Dios apregoa o evangelho no entorno da igreja e nos arredores da cidade, buscando alcançar o público indígena que ocupa boa parte do território venezuelano.

Com seu trabalho voltado para a evangelização nas comunidades indígenas atualmente a igreja conta com mais de 80 membros e simpatizantes.

Figura 1 - Frente da igreja Bautista Casa de Dios na Venezuela



Fonte: Pesquisa de campo

Pratica seus cultos aos domingos pela manhã e aos sábados reúnem-se em duplas para visitação e pregação do evang lio por meio dos ensinamentos bíblicos.

Os trabalhos missionários se destaca entre as pessoas com maior necessidade material, física e mental, principalmente pela situação econômica que atravessa o país nos últimos tempos.

Com essa deficiência existente na sociedade venezuelana e particularmente nas comunidades indígenas, a igreja aprova o evangelho de forma tradicional (ensino da bíblia).

Figura 2 - Frente da igreja Bautista Casa de Dios na Venezuela.



Fonte: Pesquisa de campo

Suas práticas não estão voltadas para o trabalho de propagação da ideologia verde, não trabalham o desenvolvimento sustentável ou tarefas relacionadas ao tema.

A dita parceria com a igreja Batista Verde de Boa Vista, na verdade se dá por meio do bom relacionamento dos pastores e dos fiéis, não ultrapassa a barreira do relacionamento fraterno.

É uma Igreja que se automantém por meio de dízimos e ofertas voluntárias dos adeptos, em virtude desse fato o pastor e sua família vive as espensas dessas ofertas, dedicando-se exclusivamente para a pregação do evangelho.

Diferentemente da Igreja Lethen Baptiste Church, onde o pastor é um empresário do ramo do comércio varejista, o pastor Adriando trabalha somente para a manutenção da igreja e para a própria igreja, o que se difere também da igreja Batista Batista Verde em Boa Vista, na qual o Pastor é psicólogo, funcionário público do Governo do Estado de Roraima. Sua função de pastor é independente de sua profissão.

Verifica-se que em todas as igrejas o principal objetivo é atrair cada dia mais frequentadores e tornálos membros efetivos de cada uma delas, utilizando para tanto as ideologias missionárias em todas as sua formas e vertentes.

Se a influência dessas igrejas são favoráveis ao desenvolvimento humano, econômico e cultural é algo que se verá num futuro próximo, o que não se pode afirmar na atual conjuntura. Haja visto ainda ser igrejas novas.

4.3.2 Igreja Batista Verde na Guiana

De acordo com o Site oficial do Governo Brasileiro (Brasil, 2016), mais da metade da população da Guiana, 57%, é cristã. Os protestantes representam 22% da população, os católicos 11% e os anglicanos 9%. Há notável adoção do hinduísmo, uma vez que 28% da população professa esta fé. A explicação a este fato é que grande parte dos guianenses são descendentes de indianos. Os islâmicos respondem por 7% da população do país.

Nesse cenário nasce a igreja Lethem Baptiste Church, introduzida pelo comerciante Linus Jairaj.

De origem indiana e professando a fé protestante, chega à cidade de Lethem com objetivo de se instalar como comerciante, onde inicia as atividades comerciais no ramo do vestuário e demais itens para atender homens, mulheres e crianças.

Com o crescimento da cidade e a expansão dos negócios busca no ano de 2000 pregar o evangelho para os moradores locais.

Iniciou as atividades missionários com a vizinhança, pregando o evangelho, disseminando as ideias de crença no batismo adulto e voluntário como também a separação entre o Estado e a Igreja, além dos ensinamentos bíblicos.

Aos poucos foram chegando outros simpatizantes e o movimento foi crescendo. Atualmente conta com 60 membros efetivos (batizados), com cultos nos dias de domingo pela manhã e reuniões aos sábados à tarde, onde se encontra a juventude da igreja e as senhoras, juntos traçarem metas de evangelização para cada público que pretendem alcançar.

Por ser o pioneiro da igreja em Lethem, o Sr. Linus se torna o pastor da denominada instituição, mas em virtude dos negócios na capital Georgetown, onde também atua no ramo do comércio, nomeia o Sr. Nádio Rodrigues como pastor local para substituí-lo.

No início da constituição da igreja, poucas pessoas, participavam das reuniões programadas pelo missionário.

Aos poucos foram chegando novas pessoas curiosas e ansiosas para saber do se tratava os encontros e reuniões lideradas pelo então pastor Linus, e dessa forma passaram a trabalhar o evangelho.

As instalações que iniciarem de forma precária, hoje apresenta uma estrutura bem montada e equipada, a parte estrutural é construída em alvenaria, com um galpão amplo ao lado e uma casa grande nos fundos do terreno da igreja.

A imagem de como cresceu e melhorou é visível na figura 3, como se visualiza.

Figura 3 – Igreja Lethem Baptiste Church



Fonte: Pesquisa de campo

Pela estrutura física da instituição, observa-se que não adota as práticas preestabelecidas pelo programa verde, que fomenta a conscientização da preservação ambiental a partir da construção de seus templos.

Ao contrário do incentivado pelos movimentos verdes, se vê uma construção em concreto e fora dos ditos padrões de ideologia verde, sem contar que não há árvores ao redor do templo, o que significa que foram efetuadas derrubadas de matas para a construção da sede de igreja.

Figura 4 - Complexo da Lethem Baptiste Church.



Fonte: Pesquisa de campo

O complexo do templo da igreja Lethem Baptiste Church, (figura 4), segue o mesmo padrão da sede principal, ou seja, não enquadra-se nos moldes da ideologia verde de construção.

A conscientização dos sujeitos para a obrigação de mudar suas atitudes e condutas em sua relação com a natureza e os recursos naturais pode, segundo Foucault (2009), ser adquirida dependendo da forma como o saber aplicado em uma sociedade é valorizado, disseminado, dividido e atribuído em cada ser.

A probabilidade de erguer novos valores, que sejam capazes de recriar as relações sociais em novas bases e também desenvolvendo o estímulo à sensibilidade, é uma tendência integradora que deve envolver todos os indivíduos.

Dessa forma verifica-se que o apoio a memória discursiva bíblica na construção de um discurso Missioecológico tem sido atualizada com as leituras das lembranças da criação e do alinhamento com as trilhas literárias bíblicas e seu método de ensino ecológico.

Figura 5 - Lateral da Lethem Baptiste Church



Fonte: Pesquisa de campo

Vê-se pela lateral do templo Lethem Baptiste Church, (figura 5) que até mesmo a ventilação é artificial, não houve uma preocupação com a natureza no sentido de utilizar-se da circulação natural para ventilação da igreja, mais uma vez deixando de lado a ideologia de práticas sustentáveis.

A sinalização da igreja também foge dos padrões que envolvem o movimento de preservação, manutenção e a sustentabilidade do ambiente, como se verifica na figura 6.

Figura 6 - placa de sinalização da Lethem Baptiste Church



Fonte: Pesquisa de campo

O trabalho da igreja está direcionado a pregação do evangelho do Novo Testamento, tendo como meta alcançar e evangelizar as comunidades indígenas no entorno da cidade incluindo o lado da fronteira Brasileira.

Há espaço para o trabalho de conscientização e preservação do meio ambiente, mas a instituição não adota a ideologia Missioecológica da Igreja Batista Verde em Boa Vista/RR.

Observa-se que até mesmo ao lado da Lethem Baptiste Church, existe um pequeno córrego (igarapé) mas sem utilização para práticas religiosas ou a propagação da conscientização de preservação ambiental com seus adeptos, não há estímulo por exemplo para utilização da água pura, oriunda do próprio córrego, ao contrário, a água que abastece as instalações do templo da igreja Lethem Baptiste Church, vem de um sistema de encanação, de forma que a natureza está disponível para contribuir na sua própria sobrevivência e manutenção, mas o homem ainda procura alterar a forma natural, buscando de certa forma maneiras mais complexas para utilização dos recursos naturais e dessa forma acaba alterando o cenário natural.

A falta de cuidados com os recursos disponíveis aos homens, os leva a escassez gradativa dos bens naturais e que estão próximos por demais do indivíduo, que por esse fator não se preocupa de forma adequada com os mesmos, acreditando que estarão sempre ao seu dispor e por isso o cenário natural é deixado de lado como se vê na figura 7.

Figura 7 - Córrego (igarapé) ao lado da Lethem Baptiste Church



Fonte: Pesquisa de campo

O ambiente no qual é desenvolvida a pregação do evangelho está adequado a realidade social da atualidade, mas não em relação a ideologia verde apregoada pela igreja Batista Verde em Boa Vista, Roraima, ou seja, o tempo (casa de oração e reuniões) está construída em material de ferro e concreto, com o telhado coberto por telhas de amianto, considerado inadequado para a saúde humana.

Outro ponto que se observa no templo é que, está devidamente composto (mobiado) por móveis do tipo comum (cadeiras, luminárias, ventiladores, centrais de ar condicionado, aparelhos e equipamentos de som) tudo necessário ao desenvolvimento do culto de louvor (com músicas) e adoração (pregação do evangelho com textos bíblicos), toda essa mobília que compõe a denominação religiosa são compostos por materias de longo duração tais como; aparelhagem de som e cadeiras em plástico, não se evidenciando em nenhum local atitudes que demonstrem o envolvimento com a ideologia verde como demonstrado na figura 8.

Figura 8 – Instalações internas do templo Lethem Baptiste Church



Fonte: Pesquisa de campo

Assim, dentro do contexto da prefação do Evangelho a instituição tem cumprido sua missão. Crescer em números físicos com a captação de pessoas que buscam uma ideologia religiosa para seguirem suas vidas.

Inserida na sociedade desde os primórdios da humanidade a religião se torna o primeiro sentido de comunidade e surge devido à experiência comum com os outros.

A partir de então os ideais religiosos assumem um papel de destaque nas pequenas comunidades onde a vida comum ganha significância ao pertencer uma determinada denominação.

É notório que a força da religião atrai e seduz cada vez mais pessoas, sendo visível que essa sedução se dá como forma de preenchimento da satisfação de um ideal de vida melhor após a morte.

A situação econômica, e a desagregação social, onde famílias inteiras se esfacelam, induz indivíduos que buscam na religião uma paz de espírito.

É nesse ambiente que surge uma nova metodologia religiosa com suas práticas alienadoras, trabalhando um discurso que envolve e fideliza de certa forma.

Sendo assim, existe uma ideologia religiosa em cada uma das pessoas que buscam uma melhora de vida ao seguir determinada denominação ou instituição religiosa, com vistas a construção de valores e respeito a alteridade com possibilidade de absorção de outros saberes e norteamento individual ou coletivo.

4.3.3 Igreja Batista Verde em Roraima

Conforme apresenta em sua página digital (www.ibvverde.org) a igreja em Boa Vista é considerada uma ramificação da denominação batista tradicional, filiada à Convenção Batista Brasileira (CBB) e à Convenção Batista de Roraima. A constituição da Igreja Batista Verde se dá a partir do interesse da Primeira Igreja Batista de Cascavel, cidade do Paraná em firmar parcerias ao longo da Região Norte, para difundir a ideologia da igreja verde, e despertar o interesse por uma consciência ecológica na Região, principalmente em virtude da sua rica biodiversidade da fauna e da flora visando disseminar uma ideologia de consciência ecológica.

De acordo com o representante da instituição, muito embora tenha adotado o nome de Igreja Batista Verde no ano de 2010, a instituição fez seu registro legal como Igreja Batista Orla Leste (IBOL), começando suas atividades com a finalidade de formar missionários para difundir o evangelho por meio de projetos sociais, educacionais e ambientais. É com esse escopo que passa a trabalhar o denominado projeto Missioecológico, Missão Boa Vista

Esse projeto Missioecológico segundo o mesmo representante da igreja verde, tem como premissa à conscientização humana de forma a despertar no indivíduo o interesse pelo crescimento econômico, social e cultural de uma forma ecologicamente correta.

Informa o senhor representante da instituição que a igreja verde objetiva implantar nas igrejas com a mesma ideologia religiosa os projetos de reciclagem, economia de água e energia elétrica, reutilização de água da chuva, captação de energia solar, entre outros projetos ecológicos, tornando-se multiplicadora de ações ambientais.

Para o representante da instituição, a Igreja Batista Verde (IBV), a partir do momento em que se percebeu que haveria de dar certo essas práticas de ideologia verde, procurou o fortalecimento da instituição, então firmou parceria as igrejas: Primeira Igreja Batista de Cascavel no Estado do Paraná, com a Iglesia Bautista Casa de Dios na cidade de Santa Elena do Uiarém na República Bolivariana da Venezuela, e Lethem Baptist Church, na cidade de Lethem na República Cooperativa da Guiana.

Constata-se que a religiosidade da Igreja Batista Verde atravessa fronteiras em busca da disseminação de novos ideais eco sustentáveis, como forma de reorganização da sociedade dinâmica em uma era complexa.

Para Reinert (2009), nessa concepção a sociedade secularizada ao invés de eliminar a religião, modifica-a, reorganiza-a a fim de colocá-la a seu serviço. Dessa maneira a existência

do sagrado se apresenta cada vez mais móvel, solto, itinerante, e, em perfeita harmonia com o espírito líquido da sociedade.

Parece que o sagrado se desarticulou da religião. Caminha livre pelo mundo, viajando nos ambientes da sociedade, da política, da economia, e da cultura. Libertaram o sagrado para ser vivido e sentido nas esferas mais variadas, onde cada sujeito edifica seu pequeno mundo. O assombroso e, ao mesmo tempo encantador desta história, é que o sagrado se tornou instável, quase que vagabundo sem endereço certo de forma errante. Temporário como a experiência de um instante

Sendo assim, ao surgir uma instituição religiosa com novos conceitos, verifica-se a dinâmica sócia cultural adotada por ela e o que a liga aos fenômenos religiosos no contexto atual de uma sociedade que busca ao mesmo tempo desenvolvimento e preservação da natureza.

4.3.3.1 Igreja Batista Verde em Boa Vista: uma contribuição para a sociedade

A igreja Batista Verde só pelo nome atrai a curiosidade da comunidade, que ao visualizar sua faixaada questiona-se de imediato. Por que igreja verde? Será que trabalha com ecologia, preservação? Faz reciclagem? Sua estrutura é totalmente ecológica? Como funciona? São questionamentos como esses que motivou esta pesquisa, na qual se passa a analisar com maior entendimento.

Inicia-se pela simbologia da logomarca apresentada pela denominação Igreja Batista Verde (IBV), como se vê em sua identificação visual disponível em sua página virtual.

Figura 9 - Logomarca da Igreja Batista Verde em Boa Vista/RR



Fonte: www.ibvverde.org

A história da Igreja Batista Verde em Boa Vista é contada a partir de seu representante que faz uma apresentação de forma cronológica, a partir de sua identidade e filiação.

Para o representante da instituição em Boa Vista/RR, a Igreja Batista Verde (IBV) é uma igreja batista clássica, filiada à Convenção Batista Brasileira – CBB e à Convenção Batista de Roraima. É coparticipante do Plano Cooperativo e partícipe das Campanhas de Missões da Junta de Missões Mundiais - JMM, faz parte da Junta de Missões Nacionais – JMN e da Convenção Batista de Roraima – CBRR.

É integrante do Projeto Missioecológico da Missão Boa Vista, ao qual trabalham em parceria com as igrejas: Primeira Igreja Batista de Cascavel, localizada no Estado do Paraná, com a Iglesia Bautista Casa de Dios, situada na cidade de Santa Elena de Uiarém na República Bolivariana da Venezuela, e a igreja Lethem Baptist Church, localizada na cidade de Lethem na República Cooperativa da Guiana.

Em sua afirmação de finalidade afirma que a IBV existe para trazer pessoas a Jesus e torná-las componentes de sua família, desenvolvendo nelas maturidade de acordo com a semelhança de Cristo.

De acordo com o representante da Igreja Batista Verde em Boa Vista trabalha a instituição no preparo de seus adeptos, preparando-as para seus ministérios na igreja e a missão de suas vidas no mundo, a fim de glorificar o nome de Deus.

A ênfase Missioecológica dada a igreja verde de acordo com seu representante, se dá porque é dever de todo ser humano tornar-se jardineiro do reino de Deus, numa menção ao texto do Livro de Gênesis, capítulo 2, versículo 15 da Bíblia Sagrada, como também cultivar e preservar a criação por meio do despertar de uma consciência ecológica.

Acrescenta ainda que, é dever de todo filho de Deus ser mais que Jardineiro numa menção ao livro de Romanos, capítulo 8, versículos de 18 a 25 da Bíblia Sagrada. Anunciar a redenção da criação e pressagiar novos céus e nova terra, nos quais reside a justiça menção ao livro de 2 Pedro, capítulo 2, versículo 13 é o que prega a ideologia verde.

A História da Graça do Senhor sobre a Igreja Batista Verde segundo informa seu representante, se inicia em 12 de maio de 2002 com o interesse evangelístico direcionado à população da região leste de Boa Vista em Roraima.

Continua sua narrativa dizendo que, por meio do Evangelista Americano, Pastor Mark Ellis, precursor de outros trabalhos na área missionária batistas na cidade de Boa

Vista/RR, foi criada no ano de 1988 a Igreja Batista da Graça no bairro Pricumã e no ano de 2001 o mesmo evangelista cria a Congregação Batista no bairro Cauamé.

Assim, com a experiência do missionário e com a ajuda dos membros da igreja Batista da Graça, iniciam as primeiras reuniões para a formação da Igreja Batista Verde. A princípio de acordo com o representante da instituição, as primeiras reuniões ocorreram na casa do próprio missionário. Assim, a igreja ao nascer assumiu o nome Igreja Batista Orla Leste (IBOL), por se encontrar no lado leste da cidade que tinha como limites as margens dos rios: Branco e Cauamé, e, dos bairros Caçari e Paraviana.

O fundador da denominação foi o pastor Mark Ellis, permanecendo na mesma por cinco meses, quando deixou a IBOL aos cuidados da liderança formada pelos adeptos da nova instituição religiosa.

Os lugares de culto, conforme o representante da igreja aconteceu de início no auditório das seguintes instituições de ensino: Universidade Estadual de Roraima – UERR; Academia de Polícia Integrada - API; Escola Estadual Gonçalves Dias - GD e Escola Estadual Vitória Mota Cruz.

No ano de 2005 conforme o informante, a igreja passa por uma grave crise, quando então convida o Psicólogo Agostinho Chagas Neto para se tornar pastor titular da Igreja, que aceita o convite e assume suas funções no dia 05 de março de 2006.

Sob o novo comando, a Igreja mudou do bairro Canarinho onde se reunia na Escola Gonçalves Dias, para o bairro Paraviana, Escola Estadual Vitória Mota Cruz.

O primeiro culto no novo ambiente conforme o representante institucional da igreja, aconteceu no domingo dia 03 de abril do mesmo ano permanecendo no local por dois anos.

No ano de 2006 a instituição se organiza formal e legalmente como Igreja Batista Orla Leste (IBOL).

A partir de então a igreja convida Carlos Barbosa, pessoa que já trabalhava a religiosidade na Vila Moderna, município de São Luiz do Anauá em Roraima para participar de uma formação teológica acadêmica em Boa Vista/RR, que passa a integrar o ministério pastoral como obreiro auxiliar em julho de 2008, ano em que a instituição aluga uma casa para residência da família do obreiro, e com a transferência dele para a Congregação Batista Nova Aliança, a casa do obreiro se torna primeira sede provisória da igreja recém nascida.

No final do ano de 2010 a Igreja Batista Orla Leste (IBOL), assume uma nova metodologia de propagação do evangelho, adotando a ideologia Missioecológica e com isso altera seu estatuto social, adotando o nome fantasia de igreja batista verde (IBV) e firmando

parceria com a Primeira Igreja Batista de Cascavel no Paraná para desenvolver ações referentes ao programa da Missão Boa Vista, conjuntamente com os demais parceiros.

A partir da adoção de ideologia Missioecológica, uma vez por ano se junta à igreja Lethem Baptiste Church e a Iglesia Casa de Dios num Projeto Missioecológico para efetuarem uma visita ao monte Roraima.

Assim, a igreja se intitula disseminadora de práticas ecológicas de forma fraterna em comunhão e cooperação mútua, tendo em vista a expansão do Reino de Deus a partir da tríplice fronteira.

Há desde sua constituição a intenção de que se faça uma caminhada ecológica anual e assim propagar o evangelho por meio da natureza.

A prática de caminhada ecológica é praticada em vários meios turísticos, mas a igreja não apresenta essas características.

Atualmente a igreja está localizada na Avenida R. Severino Soares de Freitas, nº1464, bairro: Paraviana, cidade de Boa Vista, Estado de Roraima, como se observa na figura 10.

Figura 10 - Frente da Igreja Batista Verde de Boa Vista



Fonte: www.ibvverde.org

A frente da igreja Batista Verde não evidencia que se trabalhe uma ideologia verde, sua estrutura se apresenta como os demais templos na cidade.

A ideologia verde como centro de sensibilização e formação de uma consciência ambiental, deve ser um espaço social em que a Educação Ambiental, por meio de seus

conceitos e metodologias, poderá evidenciar caminhos para uma sociedade sustentável onde os valores pessoais, sociais, econômicos e culturais proporcionem uma nova ética diante do mundo.

As ações envolvendo questões ambientais poderiam ser discutidas na esfera literária bíblica e teológica e sua prática nas igrejas verdes assumiria o papel de conscientização ecológica que viabilizem a melhoria da qualidade de vida em meio à comunidade evangélica e principalmente no local da instituição, refletindo em todos os âmbitos sociais, econômicos, cultural e até mesmo humano.

Na intenção de espalhar a ideologia verde, a instituição realiza seminários ou palestras com objetivo de pregar o evangelho e atrair novos membros para aderirem às práticas ecológicas.

É possível que as instituições no anseio de agregar novos membros, utilizem meios de publicidade chamativa para determinados assuntos, particularmente quando se trata de tema ecológico que tem sido discutido em âmbito global.

Se esse é um meio de chamar a atenção e atrair pessoas em torno de um ideal, acredita-se que chega a alcançar seu objetivo e alcançar um grande número de curiosos e possíveis futuros adeptos.

Vê-se que a propaganda no panfleto chama a atenção especialmente com figuras da fauna e flora brasileira como se vê na figura 11.

Figura 11 - Panfleto IBV

Conferência
A Luz da Vida
João I

TEMAS:
UMA ECOIGREJA RELEVANTE
UM ESPÍRITO EMPREENDEDOR

09 à 11 de Maio às 19:30h
Rua Cerejeira, 620 - River Park - Caçari
ENTRADA FRANCA

Conferencista:
VALTER RAVARA
valterravara.wordpress.com

Exposição Fotográfica
NATUREZA VIVA DE RORAIMA
Fotógrafo: Tiago Orihuela

IBV
Igreja Batista Verde

PROGRAMAÇÃO:

- Dia 09/05 - 19:30h - CONFERÊNCIA "A LUZ DA VIDA" João I - Tema: Uma Ecogreja Relevante. (Aberto ao Público em Geral)
- Dia 10/05 - 09h - CONFERÊNCIA "A LUZ DA VIDA" João I - Tema: Um Espírito Empreendedor. (Dirigido a Liderança Batista de Boa Vista)
- Dia 10/05 - 19:30h - CONFERÊNCIA "A LUZ DA VIDA" João I - Tema: Uma Ecogreja Relevante. (Aberto ao Público em Geral)
- Dia 11/05 - 09h - CELEBRAÇÃO DO DIA DAS MÃES - Reflexão sobre família (Dirigido as Famílias da Igreja)
- Dia 11/05 - 19:30h - CONFERÊNCIA "A LUZ DA VIDA" João I - Tema: Uma Ecogreja Relevante. (Aberto ao Público em Geral)

CONTATOS
Rua: Severino Soares de Freitas, nº 1454/A
Parque: Boa Vista - Roraima - Brasil
CEP: 65.307-374
Tel: (93) 3214-0836 / 9192-6435 / 8104-0927
contato@ibverde.org
www.ibverde.org

Fonte: www.ibvverde.org

Figura 12 - Placa indicativa do balneário da IBV



Fonte: www.ibvverde.org

Esse espírito empreendedor tem contribuído para a ampliação da instituição, que adquiriu um balneário onde se reúne com os fiéis para práticas de lazer conforme placa indicativa na figura 12.

As instituições que se deixam conscientizar pelo discurso ambiental assumem uma responsabilidade de produziram ações cooperativas como organismo social na diminuição dos riscos decorrentes da crise ambiental por meio de uma conscientização individual, coletiva e social.

Figura 13 - Placa do balneário da IBV



Fonte: www.ibvverde.org

É possível que com as ações produzidas pelas igrejas a partir da conscientização ecológica e particularmente por meio da Missioecologia possam ganhar visibilidade na

sociedade, mesmo que seja em áreas de lazer como no balneário da igreja Batista Verde em Boa Vista/RR, figura 13, e, assim realizar uma mobilização social a favor do planeta.

5 CONCLUSÕES

Por tudo o que foi apresentado, uma leitura possível da ideologia Missioecológica da Igreja Batista Verde, composta por lições e exercícios voltados para a religiosidade sem fugir do cientificismo no período de 2010 a 2014 é que se passa a demonstrar o resultado do trabalho em pauta.

Verificou-se que em todos os tempos a religião ocupou um espaço de destaque influenciando sociedades como gregos e romanos, além de estenderem-se para a atualidade e continuarem com sua forte atuação no meio social como se observou o caso dos Estados Unidos da América, que firmou suas bases históricas com preponderância no protestantismo, assim visto por Weber (2011), que seu desenvolvimento econômico foi graças a adoção de uma fé protestante.

Além do que, constatou-se que o Estado e a igreja em grande parte ou na maior parte do tempo uniram-se, influenciando-se mutuamente.

Evidenciou-se que a religiosidade brasileira é cheia de simbolismos, crendices e significados, destacando-se que a religiosidade na Amazônia é compreendida em termos de mitos, crenças e lendas indígenas, assim como também ainda exista muitas práticas culturais indígenas no Estado de Roraima.

A articulação entre religião, meio ambiente e a nova ordem ecológica também foi analisado de forma a evidenciar que existe uma grande preocupação com a sustentabilidade e a manutenção do planeta. Com isso práticas ideológicas são adotadas em particular por meio das discussões ambientalistas, acrescidas pelo discurso religioso recentemente.

Foi possível analisar o trabalho da Igreja Batista Verde e a extensão do trabalho missionário das igrejas Lethem Baptiste Church e Igreja Batista Casa de Dios, utilizando elementos apontados por Max Weber (2006) como características de uma religião moderna e do papel do capitalismo inserido nesse contexto.

Igualmente os ensinamentos de Zizek (2014) no qual analisa a situação da falta de uma ideologia nos dias atuais, o faz com que se busque por ideias religiosos para o preenchimento de vazio da era contemporânea.

As marcas ideológicas religiosas estão impregnadas no comportamento de cada membro ou integrante das igrejas. A disciplina é detalhista, sendo evidenciadas em cada gesto, movimento, palavra, posição e articulação na qual se faz presente a nova cultura evangélica.

Essa disciplina se torna cronometrada e o tempo é seu maior aliado. O elemento como membro da igreja, é condicionado a utilizar o tempo de vida da melhor forma possível com objetivo de perdão e salvação e o trabalho da disciplina na sociedade se dá em frentes principais: sobre o indivíduo e sobre o múltiplo. A mente sozinha e a mente como peça de uma grande máquina heterogênea, onde os indivíduos, membros, participantes têm como papel principal instruir o singular (novo indivíduo) ao múltiplo (denominações religiosas).

O ser disciplinado ou evangelizado é ao mesmo tempo uno e membro do todo e, é para esse todo que o indivíduo passa a ser ensinado.

O poder disciplinar da evangelização adentra e busca por meio da missão dá uma nova visão a esse adepto, dando-lhe uma oportunidade de redenção e assim passa a existir uma vigilância hierárquica, onde cada ser assume um papel que se liga ao outro.

Em caso de indisciplina (não devolução de dízimos, casos extraconjugais, sexo antes do casamento) se faz necessário uma sanção disciplinar, tendo como função normatizar, colocando aquilo que não está normal em seu devido lugar. A ordem é elemento essencial da disciplina evangélica e para mantê-la se faz necessária uma punição (não pode assumir qualquer cargo de liderança dentro da igreja).

Observou-se durante essa pesquisa que a ideologia propagada pela Igreja Batista Verde em Boa Vista, teve início com propostas Missioecológicas, quando no princípio ainda na Escola Estadual Gonçalves Dias, localizada no bairro São Pedro em Boa Vista/RR trabalhava por meio de palestras a preservação e conservação ambiental, além dos trabalhos de reciclagem com garrafas petes, envolvendo uma boa parte dos alunos do ensino médio, do primeiro ao terceiro ano.

Com uma ideologia verde, adequou-se ao texto do livro de Gênesis, capítulo 2, versículo 8, no qual cita que Deus plantou um jardim e nele pôs o homem como seu guardador.

Assim, espalhou a mensagem do evangelho, dando-lhe uma nova vertente, ou seja, a missão do homem de por meio da palavra do evangelho pregar a preservação ambiental.

Esses processos representaram formas de institucionalizar de maneira formal o evangelho numa visão verde. Não deixando, no entanto, de mencionar que a raiz verde nascia da denominação Batista, que dependendo da finalidade da nova denominação poderia permitir fluxos entre suas fronteiras, em relação à forma de entrada da instituição no cenário da evangelização, sem necessariamente adotar processos uniformizados pela denominação geral e assim agir com independência.

Teoricamente, a relação entre as instituições deveria ser harmônica, mas cada uma com sua própria ideologia.

A Missioecologia foi a ideologia mais apropriada para a Igreja Batista Verde, que nas palavras de Boff (2005) se não houver preocupação do planeta como um todo, poderá o mesmo ser submetido a graves riscos de destruição de partes da biosfera e, no seu termo, inviabilizar a própria vida no planeta.

No Entanto para Weber (2006) O interesse pela Religião nasce precisamente da convicção de que as imagens religiosas do mundo desempenham um papel fundamental na formação das sociedades, mediante a legitimação de comportamentos tradicionais ou inovadores.

Acrescenta ainda que a racionalização requereu a concepção utilitarista do homem e a concepção manipuladora da natureza, além da fé no valor essencial do acúmulo, seja ele econômico, seja do tipo tecno-científico.

Essa concepção adequa-se ao modo de implantação e implementação da ideologia Missioecológica, já que desde seu surgimento até o momento da presente pesquisa não se encontrou projetos concebidos e desenvolvidos pela instituição religiosa, que segue o modelo tradicional das demais denominações, a exemplo da igreja Batista de quem se origina.

Muito embora propague a ideia de uma abordagem verde, o trabalho iniciado na Escola Estadual Gonçalves Dias em Boa vista/RR, com materiais recicláveis onde ainda atendia com o nome de Igreja Batista Orla Leste não foi dado continuidade, apenas anualmente realizam um passeio ecológico até o monte Roraima, na divisa com a fronteira da República Bolivariana da Venezuela.

A igreja Batista Verde é possuidora de um balneário nas margens do igarapé “água boa” local em que se reúne regularmente com os adeptos com finalidades recreativas, não se evidenciando práticas ou técnicas de propostas ecológicas.

Nesse sentido vê-se o pensamento de Weber (2006) ao assegurar que o fetiche religioso desaparecerá, juntamente com o fetiche do dinheiro, pois ambos são essenciais ao modo de produção capitalista.

É importante ressaltar que o sentido religioso deixa de orientar pessoas para o mundo real e consiste em fazer tomar consciência da responsabilidade do homem numa sociedade em que a liberdade abre a porta à responsabilidade.

No plano institucional, surgem as comunidades religiosas por associação voluntária, entre pessoas do mesmo meio que apresentam afinidades. E a religião deixa de ser encontrada

sinteticamente numa sociedade globalizada como nas sociedades pré-técnicas, e torna-se um domínio diferenciado, para uma sociedade também diferenciada.

Procura-se por algo ou alguém que possa nortear a vida terrena com expectativas extraterrenas e nessa busca encontram-se diversas correntes religiosas, prontas a atender os anseios humanos. Cada uma oferece uma ideologia capaz de ocupar o espaço vago no consciente individual ou coletivo.

Nessa seara o discurso da Missioecologia, Igreja Verde e Ecodesenvolvimento chamam atenção, haja vista viver-se em um momento de preocupação com a preservação e conservação do planeta terra.

Esse novo termo denominado de Missioecologia despertou interesse pela pesquisa, que teve início com frequentes visitas a Igreja Batista Verde.

Nos cultos realizados aos domingos das 19h30min às 21h00min horas, observei que não se falava de temas relacionados a natureza e sim de textos bíblicos variados, apresentados como tema do dia (pregação) no culto de adoração.

Em conversa com alguns adeptos verifiquei que não atuavam em projetos com premissas ecológicas, seguiam uma corrente Batista e que disseminavam práticas do Novo Testamento, muito embora tenham adotado um texto do antigo testamento (Livro de Gênesis, Capítulo 2, Versículo 8) para um discurso de protetores da natureza.

Durante o período em que frequentei a igreja, não houve atividades voltadas à preservação ou conservação do meio ambiente, tais como palestras educativas, trabalhos voluntários, coletas de lixo para fins recicláveis, plantações de hortas ou incentivos no plantio e consumo de produtos orgânicos.

A estrutura física do prédio segue um padrão dos edifícios modernos, sem que apresentem inovações para a conscientização de uma ideologia verde. As cadeiras utilizadas durante a pregação são de plásticos, e os equipamentos de som de alta tecnologia.

O vinho servido durante a “Santa Ceia” é industrializado e o pão servido é fermentado.

Assim, constatei que não há uma ideologia Missioecológica efetivamente desenvolvida pela Igreja Batista Verde.

A missão da igreja segue a normalidade das demais comunidades evangélicas, ou até mesma a católica, diferenciando-se apenas pela não cultuação ou adoração de imagens de santos.

Devido a estes antecedentes, não é de se admirar que o termo seja utilizado para afirmar juízos opostos sobre a presença de uma ecologia, mas que segue o rumo da religião na

sociedade moderna, conforme a valoração positiva ou negativa atribuída a legitimação da religião institucional.

Com potencialidades libertadoras da fé cristã, a ideologia religiosa cresce a cada dia. No início da igreja havia apenas três pessoas, hoje frequentam a denominação aproximadamente 40 adeptos.

É composta em sua administração por um pastor, um ancião (pessoa que substitui o pastor), uma tesoureira, uma secretária, e os demais membros que colaboram e contribuem para a manutenção da instituição e de seus representantes.

Observa-se que no mundo globalizado a secularização tornou-se sinônimo de subtração de partes, de poder e do agir social, do controle ou da influência de instituições religiosas ou de universos simbólico e religioso e assim, tornam-se instituições denominadas totais, ou seja, de ideais idênticos e características comuns, mas que diferem em alguns aspectos como se verifica nas igrejas parceiras.

O discurso apresentado pela Igreja Lethem Baptiste Church e Iglesia Bautista Casa de Dios é diferente do discurso utilizado pela Igreja Batista Verde de Boa Vista em questões da ideologia verde, no entanto são iguais no que se refere a propagação do evangelho, no aspecto de atrair mais adeptos e seguidores, como também ampliar seu território de atuação.

Verifica-se que a Igreja Lethem Baptiste Church, apesar de encontrar-se em uma área verde, com grande espaço físico e nas proximidades de um córrego, atividades relacionados a promoção e desenvolvimento de atividades ligadas a preservação, conservação e Ecodesenvolvimento não são adotadas pela instituição.

Aqui se visualiza o discurso de Boff (2005), quando afirma que a ecologia social não quer somente o meio ambiente. Almeja o ambiente inteiro. Coloca o ser humano e a sociedade dentro da natureza, preocupando-se não só com o embelezamento do local, mas principalmente com saneamento básico, saúde e educação.

Verifica-se na cidade de Lethem que as condições das quais trata Boff (2005) não são condignas com a preservação ambiental muito embora se esperasse que os problemas concernentes à ação destrutiva da humanidade sobre o meio ambiente tivessem apoio de instituições que primam por uma vida social adequada as regras de boa convivência na sociedade, entre elas a preservação ambiental.

Boff (2005) acrescenta que as propostas político-jurídico-tecnológicas não têm sido satisfatoriamente enérgicas para assinalar soluções reais no que tange aos problemas de ordem ecológica e a sustentabilidade. Mais do que leis e tratados, é necessário o aparecimento de uma nova consciência planetária a respeito da própria natureza da vida.

Durante as visitas realizadas na instituição verifiquei que não há nenhuma prática ligada a ideologia verde da Missioecologia. Que a denominação segue sua própria missão, com vistas a aumentar o número de frequentadores e conquistar novos adeptos.

O alvo da Igreja de Lethem são as comunidades indígenas que ficam no entorno da cidade, alcançando inclusive o Brasil, que fica na fronteira com a cidade, dividida apenas pelo rio Tacutú.

A comunidade possui condições financeiras precárias e em sua maioria trabalham no comércio, como vendedores (as).

Os dirigentes da Igreja são empresários, como o pastor titular que é proprietário de uma das maiores lojas da cidade, além de outros negócios que possui na capital da República Cooperativa da Guiana.

Criada em 07 de maio do ano 2000, foi o Sr. Linus Jairaj que estabeleceu a igreja, iniciando com sua família.

Atualmente possui 60 membros regularmente batizados, mas aproximadamente 80 pessoas fazem parte da denominação, contando com os membros das comunidades indígenas.

As atividades desenvolvidas pela igreja ainda são provincianas em virtude das condições financeiras dos moradores da cidade.

Uma das ações praticadas pela igreja é a distribuição de filtros de barro para pessoas mais carentes, mas não de forma contínua, apenas em eventos esporádicos ou datas comemorativas.

Os cultos se realizam aos domingos das 09h00min às 12h00min horas, aos sábados também se reúnem para delimitar as tarefas e obrigações de cada membro com objetivo de evangelizar a cidade e as comunidades próximas.

Assim, pregam o evangelho, seguindo o Novo Testamento.

Segundo informações do representante da instituição não estão ligados à Igreja de Boa Vista, apenas mantém um bom relacionamento.

As informações prestadas pelo pastor Nádio Rodrigues é que não trabalham uma vertente verde ou a ideologia Missioecológica adotada pela ideologia verde da Igreja Batista Verde em Boa Vista, seguem as práticas de propagação do evangelho na forma tradicional.

Dessa forma foi possível observar que mais uma vez a pesquisa encontra suporte nos ensinamentos de Weber (2006) ao afirmar a religião assume uma posição autônoma, ou seja, reconhece-lhe autonomia e capacidade de exercer um papel nos processos sociais e que o cristianismo deu à gênese do mundo moderno, mostrando que o protestantismo, em sua versão ascética, favorecera a afirmação do capitalismo.

Na mesma linha segue a Iglesia Bautista Casa de Dios na cidade de Santa Elena do Uiarém na República Bolivariana da Venezuela, que não acolhe os ideais Missioecológicos da IBV em Boa Vista, trabalham de forma missionária na pregação do evangelho por meio dos ensinamentos bíblicos no entorno da igreja e nas comunidades indígenas próximas.

As informações sobre uma possível parceria com a IBV se dão por meio do relacionamento fraterno que envolve a comunidade evangélica das duas instituições.

Atua de forma a se auto manter, com ofertas e dízimos dos fiéis e seguidores, onde o pastor dedica-se inteiramente ao trabalho da igreja, de onde sobrevive com sua família.

Entende-se que todas as três igrejas objeto desta pesquisa adotam ideais evangélicos iguais mais ideologias distintas, sendo em sua grande maioria seguida por pessoas jovens, acima dos quinze anos.

Com base nesse entendimento vê-se claramente que a ideologia religiosa cresce com maior rapidez entre os jovens, que de certa forma cedem aos comandos da família que se preocupa com o futuro de seus descendentes ou da sociedade em virtude da falta de um ideal de vida ou em que possa acreditar.

Vive-se atualmente num momento decisivo da História política, social, econômica e religiosa e as ações desenvolvidas pela geração presente decidirão se o mundo continua a partir daqui, ou se continua a deslizar para uma nova era de obscurantismo.

É importante compreender que as condições ideológicas não acontecem simplesmente. A decadência cultural que se vê na contemporaneidade não acontece por acaso, é causada por algo e, a menos que se possa compreender tais fatos a sociedade não poderá defender-se de maneira adequada de ideologias cada vez mais presentes no meio sócio cultural, econômico e social.

Vale destacar que a ideologia é vivenciada e posta em prática a partir da família da comunidade e estende-se pela sociedade. Essa é a visão sobre a pesquisa desenvolvida, a qual deveria ser praticada em sua forma Missioecológica como premissa e métodos simples de orientação e educação ambiental por meio de palestras escolares e atitudes ecológicas na comunidade local.

Assim, espera-se que uma mentalidade ecológica nasça por meio da Missioecologia, para transformar não apenas o local, mas o meio social em um lugar melhor, pois sociedade educada é sociedade saudável, próspera e benevolente.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. 7. ed. Parte I. Tradução de Oscar Paes Lemes. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

AGUIAR, Itamar Pereira de; LIMA, Bruna Havena Aragão; SANTOS, Guilherme Ribeiro Miranda dos. **Religião e sociedade**: as relações entre o estado e as concepções religiosas na formação do ordenamento social e jurídico. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cadernosdeciencias/article/viewFile/1738/1599>>. Acesso em: 14 de abr de 2016.

BARBOSA, Gisele Silva. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <http://www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_O_Desafio_Do_Desenvolvimento_Sustentavel_Gi sele.pdf>. Acesso em: 24 mai 2016.

BERGER, Peter. **A Dessecularização do Mundo**: uma visão global. Disponível em: <<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/dessecularizacaoLERR.pdf>>. Acesso em: 10 out 2015.

BEZERRA, Karina. **Historia geral das religiões**. Disponível em: <<http://www.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2011/10/HISTORIA-GERAL-DAS-RELIGIOES-karina-Bezerra.pdf>>. Acesso em: 08 mai 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BOFF, Leonardo. **Ecologia - Grito da terra, Grito dos pobres**. Petrópolis. Vozes, 2015.

_____. **Igreja Nova**. Disponível em: <<http://www.igrejanova.jor.br/entboff.htm>> Acesso em 23 de fev. 2016.

_____. **As 4 Ecologias**. Disponível em: <<http://bioterra.blogspot.com.br/2005/04/as-4ecologias-de-boff.html>>. Acesso em: 10 mai 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20 jan 2016.

BRASIL. Decreto nº 7.107, de 11 de fevereiro de 2010. **Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil**, firmado na Cidade do Vaticano, em 13 de novembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7107.htm>. Acesso em: 16 mar 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20 jan 2016.

CARDOSO de Oliveira, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2006.

CARTA DA TERRA. Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc>. Acesso em 20 de abr 2016.

COSTA, Mauro Gomes da. **Os povos indígenas do Alto Rio Negro/AM e as missões civilizatórias salesianas**: evangelização e civilização. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308008831_ARQUIVO_TEXTOrevisadoANPUH2011.pdf>. Acesso em: 04 mai 2016.

DIAS, Guilherme Vieira; TOSTES, José Glauco Ribeiro. **Desenvolvimento sustentável**: do Ecodesenvolvimento ao capitalismo verde. Disponível em: <http://www.socbrasileiradegeografia.com.br/revista_sbg/Artigos_arquivos/GUILHERME_artigo_SBG.pdf>. Acesso em: 08 jan 2016.

FUNARI, Pedro Paulo. (org.). **As religiões que o mundo esqueceu**. Como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <http://ensinoreligiosonreapucarana.pbworks.com/f/As.Religoes.que.o.Mundo.Esqueceu_Varios.Autores.pdf>. Acesso em: 02 mai 2016

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das Religiões**. Tradução: Isa Mara Lando. Revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Disponível em: <http://www.fbnovas.edu.br/fbnovas/wp-content/themes/kingdom-theme/images/ebooks/cienciasteologicas/o_livro_das_religioes.pdf>. Acesso em 20 mar 2016.

GEERTZ, Clifford, 1926- **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: Reflexões supostamente Malinoswskianas – Emerson Giumbelli. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo v. 17, n. 48, p. 102, fev. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n48/13951.pdf>>. Acesso em: 10 abril 16.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica: Alternativas de Mudanças**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**: dos mitos de Criação ao Big Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GODOY, Amalia; BIAZIN, celestina. **A rotulagem ambiental no comércio internacional**. Disponível em: <http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/iv_en/mesa2/2.pdf>. Acesso em: 11 de mai 2016.

IBGE, Instituto de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 abr de 2016.

LIMEIRA, Amelia Ferreira Martins. **Eco(teo)logia**: O discurso teológico ambiental e sua prática na comunidade evangélica batista da cidade de Cabedelo, PB.2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4566/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Entrevista coordenada por Bertrand Richard. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri, São Paulo: Manole, 2007.

MAÇANEIRO, Marcial. **Religiões, Ecologia e Sustentabilidade**. Disponível em: <www.itesc.ecumenico.com/bibliovirtual/artigos/Marcialprologo.htm>. Acesso em: 18 jan 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MATOS Alderi Souza de. **Igreja e Estado: uma visão panorâmica**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7113.html>>. Acesso em: 10 set 2015.

Montibeller Filho, Gilberto. **Ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/.../6645/.../2011>>. Acesso em: 08 abr 2016.

O'DEA, Thomas F. **Sociologia da religião**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1969.

OLIVEIRA, Kathlen Luana de; REBLIN, Iuri Andréas; SCHAPER, Valério Guilherme; GROSS, Eduardo; WESTHELLE, Vítor (Org.). **Religião, política, poder e cultura na América latina**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012.

PANTOJA, Vanda. **Amazônia: terra de missão bispos ultramontanos e missionários protestantes na Belém do século XIX**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/25677/19868>>. Acesso em: 11 mai 2016.

PIERUCCI, Antonio Flávio; PRANDI R. **A realidade social das religiões no Brasil: Religião, Sociedade e política**. São Paulo. Curso de pós-graduação em sociologia (USP); HUCITEC, 1996.

POLITZER, Georges. **Princípios Elementares de Filosofia**. São Paulo: Moraes, 1987.

PRADO JR., Caio. **O que é liberdade?** São Paulo: Brasiliense, 1990. v. 16.

REPÚBLICA COOPERATIVA DA GUIANA. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/6436-republica-cooperativista-da-guiana>>. Acesso em: 05 mai 2016.

SANTANA Ana Lucia. **Igreja Luterana**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/religiao/igreja-luterana/>>. Acesso em: 05 mai 2016.

SILVA, Magnólia Gibson Cabral da. **Religião e sustentabilidade: meio ambiente e qualidade de vida**. Paralellus Recife, v.4, n.8, p.175-186, jan. /jun.2013. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs//index.php/paralellus/article/view/281/307>>. Acesso em: 12 mai de 2016.

SIMIONI, Juliane. **Programa Igreja Verde**: "É dever do cristão cuidar do Jardim de Deus", afirma Pr. Roberto de Lucena. Disponível em: <<http://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/programa-igreja-verde-dever-do-cristao-cuidar-do-jardim-de-deus-afirma-pr-roberto-de-lucena.html>>. Acesso em: 26 mai 2016.

SOUZA, Nilson Levi Zalewski. **Religião e desenvolvimento**: uma análise da influência do catolicismo e protestantismo no desenvolvimento econômico da Europa e América. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2583>>. Acesso em: 16 fev 2016.

SOUZA, Rainer Gonçalves. **Anglicanismo**. Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/reforma.htm>>. Acesso em 22 de maio de 2016.

WEBER, Max. 1864 – 1920. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Revisão: Antonio Flávio Pierucci. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ZARABOZO, Jamaal. **Manual para o Novo Muçulmano**. Tradução: Letícia Gouvêa. Brasil, 2011. Disponível em: <https://d1.islamhouse.com/data/pt/ih_books/single/pt_Manual_Para_o_Novo_Muculmano_revisado.pdf>. Acesso em: 10 mai 2016.

ZIZEK, Slavoj. **O Ano Em Que Sonhamos Perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ZIELONKA, Ernest Jan. **Chiesaecologica**: no Génesis, a razão do desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<http://igrejaemmovimento-gdl.blogspot.com.br/2013/09/chiesaecologica-no-genesis-razao-do.html>>. Acesso em set 2015.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com representantes das Instituições: Igreja Batista Verde em Boa Vista/RR, Lethem Baptiste Church na República Cooperativa da Guiana e Iglesia Bautista Casa de Dios na República Bolivariana da Venezuela.

Levantamento de dados, aplicado nas instituições localizadas nos municípios de: Boa Vista no estado de Roraima, no Bairro Paraviana, cidade de Lethem na República Cooperativa da Guiana e na cidade de Santa Elena do Uiarém, na República Bolivariana da Venezuela, para fundamentação empírica da pesquisa de mestrado da mestranda Maria do Socorro Alves Cardoso de Oliveira, intitulada, “Religião e sustentabilidade: A ideologia missioecológica da Igreja Batista Verde em Roraima no período de 2010 A 2014” que teve como objetivo Analisar o discurso ideológico da religião por meio da Missioecologia através do estudo de caso da Igreja Batista Verde em Boa Vista no período de 2010 a 2014, por meio da sistematização da literatura que relacionou o tema: Sociedade, Religião e Desenvolvimento com foco sobre a Amazônia, analisando o papel da Igreja como instrumento de controle e crescimento econômico e a contribuição da religiosidade na formação sócio cultural e econômica na cidade de Boa Vista.

Roteiro para a aplicabilidade da Entrevista:

- Como surgiu a ideia de implantar ou criar uma igreja com denominação verde em Boa Vista/RR?
- Com quantos membros iniciou?
- Atualmente possui quantos adeptos?
- O que fazem seus fundadores hoje e antes da constituição da igreja?
- O que é a Missioecologia?
- Quem foi o idealizador da Missioecologia?
- A igreja adota o discurso e a prática Missioecológica?
- Como iniciou o trabalho da igreja Batista Verde em Boa Vista?
- Como é trabalhada a Missioecologia da igreja em benefício da comunidade?
- Qual a Importância da Igreja Batista Verde para a comunidade de Boa Vista/RR?
- Qual a Importância da igreja para a comunidade de Lethem?
- Qual a Importância da igreja para a comunidade de Santa Elena de Uiarém?

- A instituição é uma extensão da Igreja Batista. Esse fato inibe ou atrai a participação de pessoas de outras religiões a participarem ativamente da nova igreja?
- A instituição tem praticado a educação ambiental na comunidade de: Boa Vista; Lethem ou Santa Elena de Uiarém? Quais são as ações desenvolvidas pela instituição?
- Com um discurso verde, as práticas missioecológicas são desenvolvidas de que forma?
- Qual a importância da ideologia Missioecológica para comunidade?
- Os membros da instituição conheciam a Missioecologia antes de chegar a Boa Vista?
- Qual a percepção da igreja e do real significado da Missioecologia?